UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA GERAL E SEMIÓTICA

BRUNO OKOUDOWA
MORFOLOGIA VERBAL DO LEMBAAMA

SÃO PAULO
2010

BRUNO OKOUDOWA

MORFOLOGIA VERBAL DO LEMBAAMA

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

SÃO PAULO

2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

Bruno Okoudowa

Morfologia Verbal do *lembaama*

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Membros da Banca

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

‘Scripta manent. Uerbum volant’
(Palavras escritas ficam. Palavras faladas voam).

Este trabalho é dedicado

A todas as minorias cujas línguas ainda não foram transcritas;

A toda a diáspora banta;

A todos aqueles que se interessam pelas línguas africanas em geral e bantas em particular;

Aos meus falecidos pais, Okoudowa Alfonse e Andou Adrienne,

Que me mostraram o caminho da Escola e que estariam felizes com este trabalho;

A meu irmão mais velho Lekogho Jules César "Alandji", meu "Yaaya", que me criou depois da morte dos meus pais;

A minha esposa Iris Helena de Moura Okoudowa,
que sempre esteve junto comigo nos momentos mais difíceis;

Aos meus filhos, Bruno Okoudowa Júnior, Andou Adrienne dos Santos Okoudowa, e particularmente ao caçula Odjuani de Moura Okoudowa que vivenciou e sofreu as dificuldades deste trabalho comigo desde o início, que todos eles encontrem neste trabalho suas raízes bantas.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Margarida Maria Taddoni Petter, pela paciência e pela disposição de ensinar, por sua inestimável orientação e pelo incentivo durante a realização deste trabalho.

À Prof^a Dr^a Esmeralda Vailati Negrão pela orientação durante nossa discussão no Encontro dos Alunos da Pós-Graduação em Linguística “ENAPOL”, criado por ela.

Aos Professores Doutores Esmeralda Vailati Negrão e Waldemar Ferreira Neto pela discussão durante o exame de qualificação.

À Prof^a Dr^a Maria Célia Lima-Hernandes, pela sua importante ajuda e pela sua amizade.

Aos Professores Doutores Jean Paul Rékanga, Didier S.J.M. Demolin, Jacky Maniacky pela sua ajuda.

Ao Sr. Legnongo-Ndoumba Benjamin pela sua ajuda material.

Ao Departamento de Linguística, em especial à Erica Flávia de Lima, por seu apoio.

Ao Paulo Jefferson e à Dayane Pal, colegas do Grupo de Estudos de Línguas Africanas (GELA) da FFLCH-USP, e à Ester Zuzo pela revisão deste trabalho e pela amizade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 Estudos anteriores sobre a língua <i>lembaama</i>.....	2
2 Corpus e Metodologia.....	7
Capítulo I - ESTUDO DAS LÍNGUAS BANTAS.....	8
1 Pioneiros da Bantuística.....	8
1.1 W. H. I. Bleek (1827-1875).....	8
1.2 Carl Meinhof (1857-1944)	8
1.3 Malcolm Guthrie (1903-1972)	9
1.4 Achille E. Meeussen (1912-1978)	10
2 As línguas bantas.....	11
2.1 Localização das línguas bantas.....	11
2.2 Classificação genética das línguas bantas.....	12
2.3 Características tipológicas das línguas bantas.....	14
3 Características tipológicas das línguas bantas da floresta.....	19
3.1 Características gerais fonológicas das línguas bantas da floresta.....	20
3.2 Características gerais da morfologia nominal das línguas bantas da floresta.....	26
3.2.1 <i>O Infinitivo</i>	28
3.3 Características gerais da morfologia verbal das línguas bantas da floresta.....	29
3.3.1 <i>Verbos e morfemas verbais</i>	29
Capítulo II - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA FONOLOGIA	
E DA MORFOLOGIA NOMINAL DO LEMBAAMA.....	36
1 Os tons.....	36
2 As consoantes.....	36
3 As vogais.....	38
4 A sílaba.....	40
5 As classes nominais.....	40
5.1. Organização do quadro 4.....	43

Capítulo III - ESTRUTURA DO VERBO EM LEMBAAMA.....	45
0 Introdução.....	45
1 A pré-inicial.....	48
1.1 A pré-inicial em <i>lembaama</i>	49
2 A Inicial.....	49
2.1 A Inicial em <i>lembaama</i>	54
3 A Pós-inicial.....	55
3.1 A Pós-inicial em <i>lembaama</i>	56
4 O Formativo.....	57
4.1 O Formativo em <i>lembaama</i>	59
5 O Limitativo.....	60
6 O Infixo.....	61
6.1 O Infixo em <i>lembaama</i>	61
7 O Radical.....	65
7.1 O Radical em <i>lembaama</i>	66
7.1.2 Raízes não derivadas.....	66
8 A Extensão.....	66
8.1 A Extensão em <i>lembaama</i>	67
9 A Pré-final.....	68
10 A Final ou Vogal Final.....	68
10.1 A vogal final em <i>lembaama</i>	70
11 A Pós-final.....	72
11.1 A Pós-final em <i>lembaama</i>	73
12 Conclusão.....	81
 Capítulo IV - A DERIVAÇÃO VERBAL.....	 84
0 Introdução.....	84
1 A Transitividade segundo Hopper e Thompson (1980:251-299)	84
2 Os sufixos derivativos e a transitividade em <i>lembaama</i>.....	88
2.1 Sufixos derivativos que distinguem os traços +/- humano.....	98
2.2 Sufixos derivativos que indicam o habitual em <i>lembaama</i>	100
3 Quadro-resumo do sistema de derivativos <i>mbaama</i>	103
3 Conclusão.....	104

Capítulo V - TEMPO, ASPECTO E MODO EM LEMBAAMA.....	106
0 Introdução.....	106
1 O Tempo.....	107
1.1 O presente.....	109
1.2 O passado.....	110
1.3 O passado recente.....	110
1.4 O passado distante.....	111
1.5 O Passado remoto.....	111
1.6 O futuro.....	112
2 O Aspecto.....	113
2.1 O perfectivo.....	114
2.2 O imperfectivo.....	117
2.3 O progressivo.....	118
2.4 O habitual.....	120
2.5 O habitual passado.....	122
3 O Modo.....	123
3. 1 O imperativo.....	124
3. 2 O condicional e o Subjuntivo.....	125
3. 3 O indicativo.....	127
4 Conclusão	127
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 130
 REFERÊNCIAS.....	 132
 APÊNDICES.....	 138
O Corpus.....	139
1. Verbos.....	139
2. Provérbios.....	178
3. Fábula <i>mbaama</i> : O ferreiro e a tartaruga.....	183
ANEXOS.....	186
Classificação genética das línguas africanas do tronco Nigero-congolês.....	187
Mapas.....	188

OKOUDOWA. Bruno. *Morfologia verbal do lembaama*. 2010. 213f. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RESUMO

Este trabalho propõe a análise da morfologia verbal do *lembaama*¹, que é uma língua do subgrupo banto (da floresta), B.62 (Guthrie, 1971), do grupo Benuê-Congo, do tronco Nígero-congolês. Como esta língua não apresenta nenhum estudo deste gênero, espera-se que esta primeira análise possibilite estudos posteriores neste e em outros campos linguísticos. A análise morfológica dos verbos revelou, primeiramente, que a estrutura verbal dessa língua é composta dos seguintes elementos: *sujeito, índice do sujeito, negação1, marca de Tempo, raiz do verbo, extensão, vogal final ou marca de Aspecto, objeto(s) ou índice do objeto, negação2* que se seguem numa ordem fixa na oração. Constatamos que o índice do objeto, que é geralmente anteposto à raiz do verbo na maioria das línguas bantas, é posposto ao verbo em *lembaama*. A negação, por sua vez, é representada pelo morfema descontínuo composto por dois elementos: *ka-* (negação1) e *-ní* (negação2). Sendo que na estrutura verbal, *ka-* aparece depois do índice do sujeito (à esquerda da raiz do verbo) e *-ní* aparece depois do índice do objeto (à direita da raiz do verbo), é o último elemento da estrutura do verbo. Ao estudar a derivação verbal em *lembaama*, constatamos que a estrutura das extensões desta língua difere daquela encontrada nas outras línguas bantas pelo fato do *lembaama* ter acrescentado à estrutura -VC- preexistente no protobanto, estruturas do tipo -C-, -CV- e -CVC-. A extensão mais comum e mais fácil de ser reconhecida nessa língua é aquela que marca o *habitual*, tanto no presente (-ag-) como no passado (-ig-). O estudo dos sufixos derivativos do *lembaama* revelou também a existência de uma correlação entre o valor gramatical e o valor semântico das extensões. Vimos que seres humanos e animados são envolvidos em orações que apresentam uma transitividade alta. O estudo da transitividade mostrou-se, ainda, como uma noção fundamental nessa língua porque distingue ações e estados, por exemplo. Quanto à análise das categorias Tempo, Aspecto e Modo (TAM), essa língua evidenciou três tempos: um presente que não tem marcas e que se confunde com o presente pontual, o progressivo e o futuro. Dois futuros: um mais próximo, sem

¹ Esta língua é também conhecida oficialmente no Gabão como *obamba*.

marcas, que se confunde com o presente pontual e o progressivo; outro, mais distante, marcado pelo verbo auxiliar *odze* ‘ir’. Três passados: um recente, marcado pelo morfema *mí-* de tom alto e anteposto ao radical do verbo; um distante, marcado pelo morfema *máá-* de tom alto e anteposto ao radical do verbo; um remoto, expresso pela junção do verbo auxiliar *-ki* ‘estar’ e o morfema do passado *mí-*. Assim, contrariamente aos morfemas de Aspectos, os morfemas de Tempo são sempre antepostos ao radical do verbo. É o caso dos dois morfemas que marcam os passados recente e distante. Há dois aspectos: o perfectivo, marcado pela vogal final *-í*; o imperfectivo, sem marca específica. A análise dos tempos e dos aspectos revelou que o Aspecto é mais fundamental em *lembaama*. O estudo dos modos permitiu identificar três: o imperativo, o condicional e o indicativo.

Palavras-chave: *lembaama*, línguas bantas, línguas africanas, morfologia verbal, morfossintaxe.

OKOUDOWA. Bruno. *Morphology of lembaama verbal system*. 2010. 213f. Dissertation (PhD Course) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ABSTRACT

This work proposes an analysis of the verbal morphology of Lembaama (B62) according to Guthrie (1971). Officially called Obamba in Gabon, Lembaama is a Bantu language of the forest, from the Benue-Congo group and Niger-Congo phylum. As far as we know, this language has yet to receive a detailed study. It should be noted that Lembaama shows some interesting features. Indeed, the verbal morphology analysis shows that a single inflected verb contains the following elements: *subject, subject marker, negative1, Tense marker, root, extension, Final Vowel or Aspect marker, negative2* occurring in a fix order in a sentence. The object marker comes after the root. Negation consists of a discontinuous morpheme: *ka...ní*. *Ka-* is placed before the root (by the left) and *-ní* occurs after the root (by the right) being the last element of this structure. The verbal derivation study reveals the following structure of Lembaama extensions: -C-, -CV-, -VC- and -CVC-. The habitual marker -ag- being the commonest extension. This study also highlights the existence of a correlation between the grammatical value and the semantic value of extensions. Hence, human and animate beings are evoked in clauses with higher transitivity than things. Therefore, transitivity is fundamental in Lembaama, as it can distinguish actions from states, for example.

Tense, Aspect and Mood study defines three Tenses. First, there is a present that, because it is used without tense marker, can be merged with near future or with progressive. Then, we note two future tenses: a near future (F1) occurring without mark and a distant future (F2) marked by the auxiliary verb *odze* ‘go’. Finally, we count three past tenses: a recent (P1) marked by *mí-* with a high tone; a distant (P2) marked by *máá-* with a high tone too, and a remote past (P3) marked by *kí* ‘be’, an auxiliary verb with high tone and *mí-*, the recent past marker, both coming before the root (by the left). Thus, Tense marker morphemes are always placed before the root (by the left) and Aspect markers occur after the root (by the right). This analysis highlighted two Aspects: a perfective marked by the Final Vowel -í; an imperfective without a specific mark. Tense and Aspect analysis allows to conclude that Aspect is more fundamental than Tense in this language. Concerning Mood, the analysis revealed three: imperative, conditional and indicative.

Keyword: Lembaama, Bantu languages of the forest, African languages, verbal morphology, morpho-syntax.

LISTA DE QUADROS

Quadro1: Quadro fonológico das consoantes.....	37
Quadro2: Quadro fonológico das vogais breves.....	38
Quadro3: Quadro fonológico das vogais longas.....	38
Quadro4: Classes nominais do <i>lembaama</i>	42
Quadro5: Gêneros e classes nominais do <i>lembaama</i>	44
Quadro6: Pronomes pessoais do <i>lembaama</i>	77
Quadro7: Critérios da transitividade segundo Hopper & Thompson.....	85
Quadro8: Sistema dos derivativos <i>mbaama</i>	104
Quadro9: imperativo do verbo <i>okúná</i> ‘plantar’.....	124

LISTA DE MAPAS

MAPA 1- Mapas das línguas da grande família Nigero-congolesa.....	188
MAPA 2- Mapa que apresenta o grupo Benuê-congo e o subgrupo banto.....	189
MAPA 3- Mapa das línguas bantas classificadas em grupos.....	190
MAPA 4- Mapa das principais línguas bantas da floresta.....	191
MAPA 5- Mapa das principais línguas do Gabão.....	192

ABREVIACÕES E SIGNOS

1-12	Classe 1-12
1P	Primeira pessoa do plural
1S	Primeira pessoa do singular
A	Tom alto
Adj	Adjetivo
ANT	Anterior
Asp	Aspecto
Aux	Verbo auxiliar
B	Tom baixo
C	Consoante
Caus	Extensão Causativa (indica a causa)
Cl	Classe
Con	Conectivo
CV	Consoante + Vogal
DEM	Demonstrativo
Ext	Extensão
F1	Futuro1
Foc	Foco
Fut	Futuro
Ger	Gerndio
Hab	Habitual
Habp	Habitual Passado
Imp	Imperativo
Inf	Infinitivo
Inst	Extensão Instrumental (indica o instrumento)
IO	ndice do Objeto
IPFV	Imperfectivo
IS1	ndice do Sujeito da classe1
LBs	Línguas Bantas
LBF	Línguas Bantas da Floresta
L1 (2,3,4)	Linha 1 (2,3,4)

Loc	Locativo
MT	Marca de Tempo
N	Nasal ou Nome (depende do contexto)
NC	Consoante pré-nasalizada (Nasal+Consoante)
NEG	Negação
Neg1	Primeiro elemento da negação
Neg2	Segundo elemento da negação
NV	Nasal + Vogal
O1,2.../Obj	Objeto1,2.../Objeto
P	Plural
P1,2,3.../Pas	Passado 1, 2, 3.../Passado
PA	Prefixo Adjetival (Prefixo do Adjetivo)
PFTV	Perfectivo
PN	Prefixo Nominal
Pos	Possessivo
Pré-f	Pré-final
Prep	Preposição
Pres	Presente
Prog	Progressivo
Pscl	Extensão Posicional (indica a posição)
PSV	Extensão Passiva (indica a forma passiva do verbo)
PV	Prefixo verbal
Rad	Radical
Refl	Reflexivo
Rel	Relativo
Rel5	Relativo da Classe 5
Rel3s	Relativo da terceira pessoa do singular
RFL	Extensão Reflexiva (indica a reflexividade)
Rst	Extensão Resultativa (indica o resultado)
RV	Raiz Verbal (Raiz do verbo)
SBJ	Subjuntivo
SVO	Sujeito, Verbo, Objeto
TA	Transitividade Alta

TAM	Tempo, Aspecto e Modo
TA	Transitividade alta
TB	Transitividade Baixa
Tr	Transitivo
V	Vogal
VF	Vogal Final
+	Junção
 	Limite entre orações
/	Limite entre lexemas independentes
-	Limite entre morfemas
Ø-	Prefixo zero

INTRODUÇÃO

O *lembaama* é uma língua do subgrupo banto (da floresta), B.62 (Guthrie, 1971), do grupo Benuê-Congo, do tronco Nigero-congolês. Esta língua é oficialmente conhecida no Gabão como Obamba, sendo também chamada Mbede, Mbete ou Mbama pelos linguistas que a estudaram. A língua *lembaama* estudada aqui é falada no sudeste do Gabão na província do Haut-Ogooué por cerca de 24.800 habitantes, segundo Lewis (2009).

Os falantes da língua *lembaama* denominam-se *ambaama* (plural) ou *ombaama* (singular), mas são oficialmente chamados, no Gabão, de “*obamba*” (invariável), termo que corresponde a uma simplificação que ocorreu no período colonial e que foi retomada pela administração gabonesa do termo *ombaama* (Andjembé, 1999).

Segundo o mesmo autor, o povo *mbaama*, desde suas origens, compreende sete clãs, hoje divididos entre a República do Gabão e a República do Congo. São eles: Serê, Ampini, Nguali, Lessia, Lolo-aku, Ngaami e Oba.

O clã serê, que se considera como o primeiro de todos, localiza-se principalmente em Kelle, no Congo, e em Okondja, no Gabão. O clã Ampini cobre, no Gabão, a região de Franceville, cuja maior parte se encontra no município de Lekabi-Lewolo. Ele se encontra também em Okondja. No Congo, ele se localiza nas cidades de Zanaga e Sibiti. O clã Nguali reside nas seguintes cidades: Franceville, Okondja, Moanda, Munana e Lasturville, no Gabão; em Kelle, Sibiti e Zanaga, no Congo. Quanto ao clã Lessia, este tem como berço a cidade de Kelle no Congo. O clã Lolo-Aku se localiza em Franceville e seus arredores. O clã Ngaami se encontra nas cidades de Abumi e Okondja no Gabão; por fim, o clã Oba está presente em Kelle e Lewo no Congo.

Segundo Adam (1971), os *ambaama* usam vários nomes diferentes dependendo da região onde moram ou dependendo do nome atribuído pelos autores que os estudaram. Assim, fala-se de *mbeti*, *umbete*, *ambéré*, *embiri*, etc. para designar o mesmo povo.

Trata-se de um povo que pratica, por tradição, o culto dos antepassados e a religião cristã por influência da colonização francesa. O povo *mbaama* hoje reside tanto no meio rural como no meio urbano. Aquele que reside no meio rural (no interior do país) vive nos vilarejos localizados, de uma parte, entre as cidades de Franceville e Abumi passando pela cidade de Akiéni: entre as cidades de Akiéni e Okondja e de Okondja e Abumi. Por outro lado, os *ambaama* do meio rural se encontram nos vilarejos entre as Cidades de Franceville e

Okondja. Há, ainda, relatos de que há *ambaama* em alguns vilarejos da província do Ogooué-Lolo¹, que é uma província vizinha do Haut-Ogooué.

Sendo um povo essencialmente da floresta (como o nome do clã *ampiini* ‘florestas’ já o diz), o povo *mbaama* vive da agricultura, da caça, da pesca e da coleta. Os *ambaama* que residem no meio urbano, na sua maioria, vivem nas cidades como Libreville: capital do Gabão; Franceville (capital provincial do Haut-Ogooué), Moanda (cidade industrial do Haut-Ogooué) e Okondja (cidade principal dos *ambaama*). Esse povo vive das atividades econômicas que a vida moderna dessas cidades oferece. Porém, os dois grupos do povo *mbaama* estão sempre em contato, principalmente durante as férias daqueles que trabalham e estudam nas cidades. Não existe nenhum poder central para todo o grupo étnico *mbaama*. Cada vilarejo tem seu chefe e vive relativamente de uma maneira autônoma sob a autoridade da administração provincial.

As atividades do vilarejo obedecem ao ritmo das quatro estações do ano no país que são: a grande estação de chuvas (de março a maio), a grande estação de seca (de julho a agosto), a pequena estação de chuva (de setembro a novembro), e a pequena estação de seca (de dezembro a fevereiro).

Para efeitos de recorte metodológico, esta tese tomará como objeto central o *lembaama* falado na cidade de Okondja, no Gabão, especificamente na aldeia Entogho ou Obagha-Mpari (um vilarejo que faz parte do agrupamento de vilarejos chamado Otala, no departamento de Lekoni-Lekori) de onde o autor é oriundo (apesar de ter nascido na cidade de Moanda).

1 Estudos anteriores sobre a língua *lembaama*

Alguns estudos já haviam sido feitos sobre o *lembaama*, no século passado (século XX), pelos missionários Adam e Biton (1969) e pelos estudiosos Blanchon e Alihanga (1992).

(i) O estudo de Adam e Biton é o primeiro e único dicionário escrito sobre essa língua em francês: *DICTIONNAIRE DUMU-MBEDE-FRANÇAIS* (dicionário *ndumu-mbede*-francês). Esse dicionário é acompanhado de um léxico sobre a flora: *PETITE FLORE* (pequena flora) e de uma gramática: *GRAMMAIRE*. Essa obra é, portanto, dividida nessas três partes que

¹ No Gabão, os nomes das províncias seguem os dos rios. Portanto Ogooué e Lolo são rios. Sendo Ogooué o principal deles. Ele se joga no Oceano Atlântico. Haut-Ogooué se refere à parte alta do rio Ogooué.

totalizam 656 páginas e foi publicada em 1969 pela imprensa Saint-Paul na cidade de Bar-le-Duc no departamento de Meuse, na França;

(ii) Uma outra obra, a cuja referência não podemos nos furtar, é a coletânea de provérbios, adivinhas e fábulas *mbede* (*FOLKLORE DU HAUT-OGOOUÉ: PROVERBES, DEVINETTES, FABLE MBEDE*). Trata-se de uma obra de 360 páginas, da autoria do arcebispo de Libreville J. J. Adam², publicada em 1971 pela imprensa Saint-Paul na cidade de Issy-les Moulineaux no departamento de Hauts-de-Seine, na França.

Apesar da sua importância do ponto de vista histórico, esses estudos feitos pelos missionários propiciam ao leitor uma visão pouco precisa da língua, já que esses autores tinham outros objetivos e não dispunham dos conhecimentos de que dispomos hoje, por exemplo, sobre a classificação dessa língua e sobre a anotação dos seus tons.

(iii) Quanto ao estudo realizado por Blanchon e Alihanga (1992), embora este último estudioso seja falante nativo do *lembaama*, limitou-se a algumas anotações para uma tentativa de definição das classes nominais dessa língua: trata-se do artigo intitulado '*Notes sur la morphologie du lempiini de Eyuga*' (Notas sobre a morfologia do *lempiini* de Eyuga³), publicado em 1992, na *Revista Pholia*, volume 7, pelo Laboratório de Fonética e Linguística Africana do Centro de Pesquisas Linguísticas e Semiológicas da Universidade Lumière – Lyon 2, na cidade de Lyon, na França. Nesse trabalho, os autores identificaram 15 classes nominais em *lempiini*, contra as 7 descobertas por Adam (1969) e contra as 12 que definimos em trabalho anterior (cf. Okoudowa, 2005: 32). Um aspecto importante do trabalho de Blanchon e Alihanga é que, no mesmo quadro, além das classes nominais, apresentam também os demonstrativos que vão com cada classe, assim como os emparelhamentos de cada classe. Porém, assim como no trabalho predecessor, não há qualquer anotação sobre tons⁴. Pelo menos, diferentemente do que ocorreu com Adam, concordamos com Blanchon e Alihanga sobre a presença de alomorfes ou variantes nos prefixos nominais de algumas classes: por exemplo, os prefixos *o-*, *zero*(*Ø*-), *mu-* que se torna *mw* diante de uma vogal na classe 1; *a-* e *ba-* na classe 2; *Ø*- e *N-* respectivamente nas classes 9 e 10. Por fim, o nosso quadro das classes nominais apresenta, além dos prefixos do nome, o prefixo do adjetivo, o conectivo, o índice do sujeito e o índice do objeto acompanhados de exemplos.

Em 2005, iniciamos o estudo dessa língua com a nossa Dissertação de Mestrado intitulada *Descrição Preliminar de Aspectos da Fonologia e da Morfologia do Lembaama*.

² Nasceu em 1904 em Wittenheim na França e faleceu em 1981 em Franceville no Gabão.

³ Trata-se do *lempiini*, dialeto do *lembaama*, falado no vilarejo de Eyuga que é localizado entre as cidades de Okondja e Abumi. Esse é o dialeto falado pelo autor deste trabalho.

⁴ Segundo os autores, a anotação de tons não foi publicada por não ter sido suficientemente verificada.

(OKOUDOWA, 2005). Os objetivos específicos desse estudo foram: fazer um inventário do sistema fonético; descrever fonologicamente os sistemas consonantal e vocálico; analisar alguns fatos do sistema tonal e descrever a estrutura morfológica dos nomes dessa língua. O estudo em questão apresenta alguns aspectos da língua que ainda não tinham sido estudados até então, como o fenômeno da nasalização das vogais; a análise da estrutura da sílaba e de alguns fenômenos fonológicos como a semivocalização, a palatalização, o apagamento vocálico, a elisão, dentre outros. Há ainda muitos não estudados em *lembaama*, como a morfologia verbal e a sintaxe. No que diz respeito à morfologia verbal só existe a gramática de Adam e Biton (1969), uma gramática geral da língua, o que significa que não se fez nenhum trabalho especializado sobre o tema.

Na maioria das línguas, o verbo tem uma flexão consideravelmente mais complexa do que qualquer outra categoria gramatical da língua. De fato, se para os nomes, a flexão se dá em termos de gênero e número, caso das línguas latinas, por exemplo, para as línguas bantas, a flexão se faz em número. Para o verbo, a flexão é muito mais produtiva do que a dos nomes e se manifesta sob a forma de tempo, aspecto e modo (TAM).

Nas línguas bantas, em especial, a flexão verbal se organiza de modo aglutinante. Línguas de morfologia aglutinante ou ‘línguas aglutinantes’ diferenciam-se das línguas de morfologia flexional, pelo fato de que, naquelas línguas, o alinhamento de morfemas é maior, sendo que estes são relativamente transparentes, com uma forma (sem nenhum ou com poucos alomorfes, frequentemente condicionados) e um significado; enquanto nas línguas flexionadas, os morfemas são opacos com muitos alomorfes com significados amalgamados (NURSE, 2008, p. 28).

As línguas bantas são também chamadas de ‘Verby languages’, isto é, a sua morfologia aglutinante expressa pela flexão o que outras línguas expressam lexicalmente ou sintaticamente (NURSE; PHILIPPSON, 2008, p. 21). Para esses autores, um único verbo é originalmente constituído por 11 ‘elementos’ centrados em uma raiz. Os autores advertem que ‘elementos’ não significam necessariamente morfemas. À esquerda da raiz do verbo, encontramos prefixos que expressam o relativo, a negação, o sujeito, o tempo, o aspecto, e muitas outras categorias como o condicional, o foco, o objeto etc. À sua direita, encontramos extensões com flexão que expressam aspectos, modos e outras categorias. Muitas línguas bantas ainda têm essa estrutura ou uma estrutura semelhante. Umas modificaram-na. Outras alongaram ou reduziram-na. A posição da extensão permite a ocorrência de vários morfemas. Em algumas línguas bantas, a posição da vogal final permite a ocorrência de três morfemas. Em poucas delas, a posição do prefixo principal que indica o tempo e o aspecto pode ter

vários morfemas. Vejamos o exemplo do *quinande* (DJ42) citado por Nurse & Philippson (2003: 9) sem glosa (sem tradução de cada morfema):

(1) *tu-né-um-ndi-syá-tá-sya-ya-ba king-ul-ir- na- is- i- á kyô*

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17

‘Nós vamos tornar isso possível mais uma vez para que eles abram isso uns aos outros’

O fato de a maioria das línguas africanas ter poucos adjetivos qualificativos como observam muitos estudiosos como Dimmendaal (2000, p. 171), Creissels (2000, p. 249) e Watters (2000, p. 195-196) faz com que muitas delas usem verbos para expressar o que é expresso por adjetivos em outras línguas do mundo.

Nas línguas africanas, nomes e verbos são classes de palavras muito importantes. Línguas africanas tendem a usar verbos frequentemente, mais frequentemente do que línguas como o inglês e outras línguas europeias. Muitos adjetivos descritivos nas línguas europeias são expressos por verbos nas línguas africanas. Frases como ‘ele é grande’ e ‘ela é bonita’ são frequentemente expressas por um verbo no lugar de ‘ser + adjetivo’ como em ‘é + bonito(a)’.

Vejamos os seguintes exemplos⁵ em que ‘vermelho’ em (2) e ‘doente’ em (3) são tratados como verbos:

(2) *Aghem, Grassfield Bantu, Benue-Congo, Niger-Congo* (Hyman 1979:32)

nwín fí-báŋà nò
pássaro 1-vermelho:Pres FOC
‘o pássaro é vermelho’

(3) *Ngiti, Lendu, Central Sudanic, Nilo-Saharan* (Kutsch Lojenga 1994:228)

mă m-àndi
1P IS- doente:Pres
‘Estamos doentes’

Verbos também podem ser usados onde o inglês, por exemplo, usaria advérbios (como **frequentemente, ainda, ainda não, novamente**) e conjunções (como **e então**)’ (Watters, 2000: 195-196). No exemplo (4) a seguir, na língua Ejagham, o verbo ‘continuar’ tem o significado de ‘ainda’ em (a) e de ‘ainda não’ em (b).

⁵ Simplificamos a glosa desses exemplos para facilitar a compreensão.

(4) *Ejagham, Ekoid Bantu, Benue-Congo, Niger-Congo* (Watters, 2000:196)

(a) à-nyénè à-chòr-á ‘Ela ainda está falando’
3s:PFTV-**continuar** 3s:Hab-falar-IPFV

(b) à-nyénè á-kà-chõt ‘Ela ainda não falou’
3s:PFTV-**continuar** 3s-NEG-falar

É preciso reconhecer que ainda há muito para investigar com relação aos verbos nas línguas africanas em geral e bantas em particular. Fenômenos como tons e foco, por exemplo, precisam de mais descrições já que eles têm uma importância capital nessas línguas. Isso nos ajudará a ter uma melhor compreensão das línguas africanas e contribuir com a (re)formulação de teorias na Linguística Geral. O que ainda não é o caso:

Em particular, muitos mecanismos gramaticais encontrados nas línguas africanas, por exemplo o fenômeno do foco através da morfologia verbal, põe frequentemente em jogo variações das formas do verbo – (ver Creissels, 1996) – mas infelizmente, a proporção das línguas africanas que têm uma boa descrição da morfologia tonal do verbo é pequena. Portanto, um melhoramento na descrição das línguas africanas é uma condição para melhorar o nosso entendimento da estrutura das línguas africanas, e consequentemente uma melhor contribuição da tipologia das línguas africanas na lingüística geral (CREISSELS, 2000, p. 258).

O trabalho de Larry M. Hyman e John R. Watters sobre o foco auxiliar ‘Auxiliary focus’ publicado em dezembro de 1984 pela revista *Studies in African Linguistics* (volume 15, número 3), é um excelente exemplo de trabalho sobre o foco na língua *aghem* (língua banta do grupo Grassfields falada na república dos Camarões).

O fato de que nas línguas bantas o verbo pode incorporar muitas informações e que ainda há, relativamente, poucos estudos sobre essas línguas estimularam-nos a optar pelo estudo desta categoria em *lembaama*. Assim, o objetivo geral deste estudo é fazer uma análise de aspectos da morfologia verbal do *lembaama*. Para tanto, os seguintes objetivos específicos orientam os passos da pesquisa:

1. Apresentar os estudos bantuístas e características gerais das línguas bantas e, especificamente, das línguas bantas da floresta;
2. Apresentar a estrutura geral do verbo banto e descrever a estrutura do verbo em *lembaama*;
3. Analisar os componentes da estrutura verbal;
4. Analisar as marcas de tempo, aspecto e modo em *lembaama*.

Para desenvolver nossa proposta, em primeiro lugar, situamos nosso estudo no conjunto dos trabalhos desenvolvidos sobre as línguas bantas. Para tanto apresentamos brevemente os pioneiros da bantuística e, a seguir, tratamos das línguas bantas, suas características gerais e destacamos as principais características das línguas bantas da floresta. Em seguida, antes de entrar propriamente no estudo da morfologia verbal em *lembaama*, fazemos uma síntese da fonologia e da morfologia nominal dessa língua, para que se possa acompanhar melhor as análises que se seguirão. Na terceira parte, estudaremos a estrutura geral do verbo banto e do *lembaama*, com destaque para a análise das extensões verbais e da transitividade no *lembaama* e, por fim, descreveremos as diferentes marcas de tempo, aspecto e modo nessa língua.

2 Corpus e Metodologia

Os dados que compuseram o *corpus* sob análise foram oriundos de fontes distintas: uma parte foi constituída com base no conhecimento do autor como falante nativo. Elaboramos um *corpus* contendo cerca de 400 verbos (separados pelo critério da transitividade); 29 provérbios e uma fábula. Consultamos, quando foi necessário, o *corpus* da Dissertação de Mestrado (OKOUDOWA, 2005), a coletânea de provérbios, adivinhas e fábulas Mbede de Adam (1971) e, por fim, o dicionário de Adam e Biton (1969).

As análises empreendidas inspiram-se no trabalho de africanistas bantuístas, principalmente. Desta forma, seguimos a tradição bantuista representada por Bleek, Meinhof, Guthrie (1948, 1967 e 1971), Achille E. Meeussen (1959-67), Nurse e Philippson (2003) e Nurse (2008), e em alguns momentos foi seguido o modelo de análise proposto por Denis Creissels (2004 e 2006) para as línguas negro-africanas, especialmente a língua *tsuana*, língua banta falada no Botsuana. Em alguns tópicos específicos de análise buscamos fundamentação teórica em linguistas não africanistas. Assim, para o estudo da transitividade, seguimos o trabalho de Hopper e Thompson (1980: 251-299) e para o estudo do tempo a análise de Fiorin (1996 e 2003), no seu trabalho sobre as categorias enunciativas segundo a visão de Benveniste.

Capítulo I - ESTUDO DAS LÍNGUAS BANTAS

1 Pioneiros da bantuística

1.1 W. H. I. Bleek (1827-1875)

A palavra *banto* foi usada pela primeira vez por Bleek, que pode ser considerado o pioneiro e fundador do estudo comparativo das línguas bantas. De fato, seguindo contribuições de outros estudiosos, principalmente de H. Lichtenstein, Bleek (1856) reconheceu não só a unidade das línguas bantas e também sua relação com as grandes famílias Nigero-congolesa e Cordofaniana.

Sua maior obra é intitulada *Comparative grammar of south african languages* (1862-69), em que, a partir da comparação de várias línguas do sul da África, constata pontos de semelhanças importantes. Justamente por isso as chamou de línguas bantas: *ba-* (prefixo nominal da classe 2) e *-ntu* (raiz que significa ‘pessoa’); assim, *banto* quer dizer ‘pessoas’. Nessa obra, Bleek também faz uma comparação tipológica entre ‘Bâ-ntu’ e ‘Hottentot’ (da família lingüística Coissan). O estudo de Bleek, além de descobrir a relação entre as línguas bantas, revelou sua morfologia nominal, definindo e enumerando suas classes nominais. Essa enumeração serve de exemplo aos bantuístas até hoje (cf. NURSE; PHILIPPSON, 2003, p. 144; OKOUDOWA, 2005, p. 29).

1.2 Carl Meinhof (1857-1944)

O método comparativo aplicado ao estudo do Indo-Europeu foi trazido para o estudo das línguas bantas por Carl Meinhof, que publicou a sua obra *Comparative phonology* em 1899. Uma versão inglesa foi publicada em co-autoria com Van Warmelo em 1932. O volume complementar *Comparative grammar* foi lançado logo depois, em 1906.

Quando Meinhof começou esse trabalho, as linhas gerais das línguas bantas já eram conhecidas como as conhecemos hoje, razão por que partiu de conhecimentos já organizados sobre uma pequena série de línguas bem conhecidas à época; ainda assim, sua contribuição foi significativa, pois reconstruiu o sistema de sons comum a essas línguas. Foi uma operação bem sucedida até então. As principais correções foram feitas apenas sobre a série das suas

duas palatais **t̪* *l̪* e **k̪* *ɣ* para **c* *j*; o tom e o comprimento das vogais também foram acrescentados.

Se seu trabalho de reconstrução da morfologia das línguas bantas continua válido, em suas linhas gerais, até hoje, o caráter pioneiro das reconstruções do léxico das línguas bantas não foi menos relevante, ainda que tenha sido alvo de revisão por seus estudantes e colegas, principalmente por Dempwolff e Bourquin. Sua importância para o cenário das pesquisas linguísticas é tão grande que até hoje todo linguista que tenha que realizar trabalhos de campo com gravações, análises e descrições de línguas bantas toma seus dois principais livros como referência.

Muitos livros foram escritos sobre línguas bantas, principalmente por missionários que seguiram as diretrizes de Meinhof acerca dos estudos bantos durante a primeira metade do século XX. Na África do Sul, por exemplo, sua abordagem foi seguida e desenvolvida por C. M. Doke e seus estudantes.

Na segunda metade do século XX, dois nomes destacam-se na história da linguística banta: Malcolm Guthrie e Achille E. Meeussen (Nurse & Philippson, 2003: 144).

1.3 Malcolm Guthrie (1903-1972)

Guthrie foi professor de línguas bantas na Escola dos Estudos Africanos e Orientais em Londres (*School of Oriental and African Studies*). Como linguista, foi um autodidata que desenvolveu seus próprios e rigorosos métodos idiossincráticos para comparar as línguas bantas. Seu grande projeto começou com a obra *The classification of the bantu languages* (1948), no qual ele tentou definir a série de línguas que iriam ocupá-lo para o restante da sua vida, sem pressupor o parentesco histórico entre elas. Esse livro contém também a primeira versão da famosa classificação das línguas bantas por ‘zonas’ geográficas (cf. Mapa em anexo).

A famosa obra de Guthrie intitulada *Comparative Bantu* é publicada durante os anos 1967 e 1971. O primeiro volume contém os detalhes do seu método e o registro de suas convicções; o terceiro e o quarto volumes são belas compilações de seus dados organizados em cerca de 2.500 ‘séries comparativas’, cada uma representando um conjunto de palavras ou de morfemas em línguas diferentes ligados por correspondências sonoras e por um significado idêntico. O segundo volume, que apareceu por último, contém principalmente índices para os dados dos volumes 3 e 4, e inclui uma série de declarações a respeito das correspondências

sonoras entre as línguas bantas. Ele contém também conclusões baseadas nas análises estatísticas da difusão de suas séries comparativas, um esboço rudimentar da subclassificação genética das línguas bantas e uma lista de 670 reconstruções lexicais.

1.4 Achille E. Meeussen (1912-1978)

Fundador do Departamento de Linguística do Museu Real da África Central, em Tervuren (Bruxelas), na Bélgica, Meeussen foi também professor de línguas africanas nas universidades de Leuven e Leiden. Seu trabalho comparativo sobre as línguas bantas encontra-se publicado de forma dispersa em artigos breves e concisos. Suas publicações mais abrangentes são *Bantu grammatical reconstructions* (BGR 1967) e *Bantu lexical reconstructions* (BLR 1969).

Meeussen iniciou o programa de pesquisa “Lolemi” (**lʊ* = *lími* ‘língua, linguagem’), um empreendimento coletivo que resultou num grande número de publicações de estudos comparativos bantos, muitos deles foram publicados em Tervuren reunidos na série *Africana linguística*, que existe até hoje.

Uma das grandes contribuições de Meeussen e que pode traduzir seu pioneirismo foi sua análise da estrutura do verbo banto contida no seu artigo *Bantu grammatical reconstructions* (1967), justamente publicado na revista *Africana linguística*, em Tervuren. Esse material serve de fonte de trabalhos até hoje.

Finalmente, para falar dos herdeiros de Meeussen, podemos citar Thilo C. Schadeberg (autor do artigo que inspirou esta parte do nosso trabalho), considerado um dos brilhantes alunos de Meeussen.

2 As línguas bantas⁶

2.1 Localização das línguas bantas

As línguas bantas são faladas pelas comunidades localizadas numa região delimitada por uma linha imaginária que vai do sul da Nigéria, na sua fronteira com a República do Camarões, atravessa a República Centro-Africana, a República Democrática do Congo (ex-Zaire), Uganda, e Quênia, até o sul da Somália no leste do continente africano. A maioria das línguas faladas entre essa linha e a República da África do Sul é composta por línguas bantas, aproximando um total de 27 países. São eles: Angola, Botsuana, Burundi, Camarões, República Centro-africana, Comoros (ilha), Congo, República Democrática do Congo (RDC), Guiné Equatorial, Gabão (país de origem do autor deste trabalho), Quênia, Lesotho, Madagascar (a grande ilha), Maláwi, Mayote (ilha), Moçambique, Namíbia, Nigéria, Ruanda, Somália, África do Sul, Sudão, Suazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, e Zimbábue.

De um total de cerca de 726 milhões de africanos (TIMES ATLAS, 1999), a mais recente publicação (LEWIS, 2009) relata a existência de cerca de 382 milhões de falantes de línguas da grande família Nigero-Congolesa, dos quais cerca de 240 são falantes de línguas bantas, sendo que de três africanos, um é falante de língua dessa família.

Não há consenso sobre o número total de línguas bantas: Guthrie (1967-71) afirma serem umas 400 variedades de línguas bantas, Lewis (2009) informa que são 501 (menos algumas ‘extintas’ ou ‘quase extintas’); Bastin *et alii* (1999) calculam 542; Maho (2003) soma aproximadamente 660; e Mann *et alii* (1987) argumenta sobre cerca de 680. Digamos que o número varia entre 400 e 680 línguas. O problema nesse caso, na verdade, está situado em como saber diferenciar uma língua de um dialeto na África subsaariana, ou seja, a questão está em delimitar língua e dialeto.

A esse respeito, a área da sociolinguística oferece uma resposta convencional, segundo a qual (i) a língua tende a ser uma variedade padrão, que é escrita, (ii) apresenta um número maior de falantes, (iii) goza de um estatuto oficial, detendo maior prestígio, e (iv) não é inteligível a falantes de outras ‘línguas’. Com particularidades diametralmente opostas, os dialetos (i) são as variedades não-padronizadas, (ii) não são escritos, (iii) apresentam um número restrito de falantes, (iv) gozam de um estatuto não-oficial, daí deter pouco ou nenhum prestígio, e (v) são mutuamente inteligíveis a falantes de outros dialetos.

⁶ Este trabalho é inspirado do artigo ‘Historical Linguistics’ de T. Schadeberg publicado em Nurse e Philippon (2003) e também da obra de Nurse (2008).

Na África subsaariana, esses critérios são apenas parcialmente aplicáveis. Em alguns casos, a distinção entre língua e dialeto pode ser feita por critérios em parte linguísticos e, em parte, políticos, o que implica de uma parte e de outra, graus de prestígio. Portanto, não se têm claramente definidos os limites entre os estatutos de língua e de dialeto quando se avalia a complexa realidade da África subsaariana.

Um índice do quão diferente são as realidades linguísticas pode ser depreendido pela inexistência de uma palavra para rotular ‘dialeto’. A palavra ‘língua’ cobre toda a extensão de significações que abarcam em outras realidades sentidos mais restritos, e não menos complexos, como o de dialeto. No caso do *lembaama* falado no Gabão (na província do Haut-Ogooué), por exemplo, a língua é o *lembaama* que engloba dois falares mais conhecidos: *lempiini* (*lê* = prefixo da classe 9 que significa língua, *mpiini* = floresta. Ou seja, *lempiini* = falar da floresta) e *lembéré* (*mbéré* = parte baixa. Ou seja, *lembéré* = falar da parte baixa). Ocorre que ambos são inteligíveis para as duas comunidades.

Cientificamente, falaríamos de dois dialetos da mesma língua: o *lembaama*, já que há intercompreensão, contudo das duas variantes a que foi descrita e escrita primeiro pelos missionários foi *lembéré*, chamada de *mbede* pelos estudiosos⁷. O efeito disso é que ao *lembéré* foi conferido um certo reconhecimento científico, e essa é a razão por que na classificação de Lewis (2009), *lembaama* (B62) é um subgrupo do *mbede* (B60). *Lempiini* sequer aparece nessa classificação, razão por que uma inversão indevida de estatuto embute-se aí: por ser a língua, *lembaama* viria antes.

2.2 Classificação genética das línguas bantas

Todas as línguas bantas, também chamadas de *bantoides*, fazem parte do grupo Benuê-Congo e do tronco Nigero-congolês (Cf. classificação genética em anexo⁸). O Nigero-congolês é o maior grupo genético do mundo: cerca de 1.489 ‘línguas’ são vinculadas a esse grupo.

As línguas bantas são convencionalmente divididas em dezesseis zonas (A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R, S), que por sua vez são divididas em número de dezenas. Essas são aproximadamente em torno de oitenta. Assim temos A10, A20, B10, B60, etc. Cada uma se refere a um grupo de línguas. É o caso da zona A que tem as línguas A11, A12, A13, etc.

⁷ Uma das razões atribuídas para o fato é que essa é a variante mais fácil de escrever.

⁸ Essa classificação genética é tirada de Williamson e Blench (2000).

Cada uma se refere a uma língua específica dentro de A10. Esse sistema é baseado na classificação de Guthrie (1967-71), atualizada por Maho (2003).

Segundo estudiosos, as línguas bantas do Leste e do Sul da África são em geral mais conservadoras do que as do noroeste. Isso porque as línguas do noroeste formam a parte leste de uma área geográfica e tipológica que abraça línguas adjacentes do oeste da África incluindo muitas línguas não bantas.

É difícil definir uma linha entre uma língua banta e uma língua não banta dentro da grande família Nígero-congolesa. Isso ocorre porque as línguas bantas do noroeste demonstram características ‘não-bantas’ enquanto seus parentes e vizinhos demonstram características bantas. Segundo os autores acima citados, esse problema tem dúvidas tipológicas (cf. GUTHRIE, 1948, p. 11-12) e históricas (cf. BENNETT; STERK, 1977; WILLIAMSON, 1989; WILLIAMSON; BLENCH, 2000).

Algumas características são comuns às línguas bantas, como:

- 1) Duas negações contrastivas: uma na posição pré-inicial associada à proposição principal ou independente, e outra na posição pós-inicial associada com dependentes ou pequenas estruturas, como os relativos, os subjuntivos e infinitivos (Kamba Muzenga, 1981, Güldemann, 1999a);
- 2) O aspecto em certos verbos é expresso por finais específicos (-ile, -i, -a(n)ga);
- 3) Dois padrões de formação do locativo, o uso das classes 16-18 *versus* o uso de preposições; entretanto, classes locativas também ocorrem em algumas línguas não-bantas (as línguas *Beboïd*, por exemplo);
- 4) As línguas bantas apresentam muitos graus para se referir ao passado e ao futuro (Cf. cap.6 de Nurse, 2003; Nurse 2008);
- 5) As línguas bantas apresentam uma harmonia nasal. Temos uma imagem clara embora não totalmente completa da sua distribuição nas línguas bantas (Greenberg, 1951), mas ainda não temos certeza do seu desenvolvimento inicial no período pré-banto;

Os autores Nurse e Philippson (2003) alertam que é preciso conhecer melhor a respeito da distribuição dessas características na grande família Nígero-congolesa e fora dela para termos certeza que são traços peculiares das línguas bantas.

2.3 Características tipológicas das línguas bantas

Três pontos merecem ser esclarecidos quando se trata de classificar tipologicamente as línguas bantas:

1. Os fatos apresentados para a caracterização tipológica mudou desde o início da classificação e continuam mudando (Johnston, 1919-22, Guthrie 1948, Greenberg 1963a, 1966, 1978b, Meeussen, 1967, Heine 1976, Heine e Vossen 1981, Comrie, 1989, Nichols, 1992);
2. na tentativa de definir o banto historicamente, deparamo-nos com a dificuldade de distinguir especificamente o que é só do banto dentro da grande família Nigero-congolesa;
3. as línguas bantas do noroeste da África, às quais pertence o *lembaama*, são muitas vezes exceções para as generalizações sobre as línguas bantas, isso porque elas não inovaram ou perderam algumas características.

Apresentamos, resumidamente, alguns traços característicos das línguas bantas⁹

a) Vogais: o protobanto possuía 7 vogais opostas, e a maioria das línguas bantas de hoje apresentam 7 ou 5 vogais (poucas dentre elas têm mais de 7 vogais, poucas também têm vogais nasalizadas). O protobanto tinha vogais que se opunham pela duração (vogais breves *versus* longas), mas que não parecem distinguir muitos pares mínimos lexicais. Algumas línguas bantas atuais mantêm essa distinção: é o caso do *lembaama*; outras neutralizaram-na. Há duração sincrônica de vogais e que aparece em contextos típicos (depois de *glides*, antes de uma consoante e de uma nasal moraica na penúltima posição). Certos processos fonológicos que afetam vogais são bem recorrentes: uma harmonia na altura vocálica (especialmente nos radicais das extensões verbais) e a semivocalização ou ainda a labialização e palatalização das vogais *u/o* e *i/e* para *w* (labialização de *u*) e *y* (palatalização de *i*), respectivamente diante de vogais não-identificadas.

b) Consoantes: o sistema de consoantes do protobanto era relativamente simples. Havia 4 (ou 3, a depender de como são interpretados os sons **c* e **j*) posições de articulação e distinção de voz (vozeamento distintivo). Entretanto há uma série de oclusivas não-vozeadas, não se sabe claramente se seus pares vozeados eram consoantes longas ou oclusivas também. O protobanto tinha características extraordinárias como grupos de nasais e oclusivas

⁹ O estudo de Nurse (2003) é a referência de todos os itens aqui tratados.

homorgânicas (**mp*, *mb*, *nt*, *nd*, etc.) e uma falta geral de fricativas. Algumas línguas, principalmente aquelas com as 7 vogais originais mantêm exatamente esse sistema consonantal, enquanto outras, aquelas que sofreram processos de espirantização e de africacão (fato de uma consoante se tornar africada) antes de duas vogais altas e a redução de 7 para 5 vogais tem expandido o sistema e desenvolvido fricativas. Processos como aspiração, lenição em geral, palatalização, espirantização, vozeamento pós-nasal e a harmonia nasal (Greenberg, 1951) são bem difundidos.

c) As sílabas: são todas abertas ((N)CV, NV, V) na maioria das línguas bantas.

d) Os tons: cerca de 97% das línguas bantas são tonais. O *quissuaíli* e o *comorense* são as raras línguas bantas sem tom. Os tons afetam a sílaba, ou seja, uma palavra ou parte de uma palavra composta por consoante(s) e vogal (ou vogais). Todas as línguas bantas que têm tom distinguem duas alturas tonais: alto e baixo (A, B), analisados como /A/ vs $\emptyset$ (sem tom)(NURSE; PHILIPPSON, 2003, p. 8). Os processos tonais mais espalhados são: o *downstep*; o espraçamento, a mudança que costuma acontecer da esquerda para direita; a desfavorável ou mal vista sucessão de tons altos chamada Princípio de Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle* - OCP).

A tonologia nominal é relativamente simples. Radicais dissilábicos podem, em princípio, ser AA, AB, BA ou BB. Os prefixos nominais são, em geral, baixos, os pré-prefixos chamados ‘aumentos’ são altos e os sufixos derivacionais também têm tons distintivos.

A tonologia verbal é mais complicada principalmente porque o verbo é uma palavra mais complicada comparada ao nome: o verbo varia de acordo com o tempo, o aspecto e o modo (TAM) enquanto o nome em banto só varia em termos de número. Muitas línguas têm um tom lexical associado com o radical verbal e muitos morfemas gramaticais carregam um tom. Assim, por exemplo, a primeira e a segunda pessoa que marcavam o objeto costumavam ter tom baixo no protobanto (e continuam assim até hoje em muitas línguas), como eram os marcadores de sujeitos que representavam pessoas no singular, hoje, todos os marcadores de objetos e sujeito têm tom alto. Além disso, pode também haver tons gramaticais em algumas línguas: um tom alto é atribuído a uma mora particular no radical ou no verbo, dependendo da categoria gramatical (TAM). Para línguas que contam moras, há sempre uma elevação do tom sobre uma mora culminante. Alguns morfemas gramaticais não têm tom nenhum, por

exemplo, nas extensões. O tom em geral delimita constituintes sintáticos e verbos que são seguidos de preposições (verbos que têm pós-posições). Para ilustrar o tom gramatical nas línguas bantas, vejamos os seguintes exemplos:

Em *yambasa* (A62) (Yukawa, 1992), por exemplo, o passado é marcado por um tom alto que vai da segunda até as sílabas finais. Assim, temos:

(1a) gu#dóŋeno ‘chamar’

(1b) gu#nyongolonyo ‘fazer cócegas (em)’

Esses dois verbos têm como passado remoto, respectivamente:

(1c) amba#dóŋénó ‘ele chamou’ e

(1d) amba#nyongólónyó ‘ele fez cócera (em)’.

O mesmo padrão é encontrado em *kamba* (E55):

(2a) nétwáa#**kon**éthesisê ‘nós fizemos bater’(/kon/)

(2b) nétwáa#**tal**éthesisê ‘nós fazemos contar’ (/tal/).

(NURSE; PHILIPPSON, 2003, p. 61-2).

e) A morfologia

As línguas bantas têm uma morfologia aglutinante. Os verbos têm uma série elaborada de afixos (cf. Capítulo III desta tese). A maioria das línguas bantas tem nomes derivados e não-derivados: os nomes derivados têm um prefixo flexionado e um sufixo derivacional. Para verbos e nomes, a análise convencional começa com um radical ou uma raiz que mais freqüentemente tem a forma -(i)CV(C)- (NURSE; PHILIPPSON, 2003, p. 8). Para nomes, um radical é formado pela incorporação de um sufixo derivacional (geralmente composto apenas de uma vogal). Para verbos, uma base pode ser derivada da raiz, pela sufixação de uma extensão e pela incorporação de um sufixo flexional na final verbal, o que gera um radical ao qual uma flexão do pré-radical é acrescentada. A série de sufixos é limitada para nomes e verbos. Para nomes um prefixo de classe é acrescentado, e em algumas línguas existe um pré-prefixo chamado de aumento. Todos os nomes têm uma classe. São ao todo mais de vinte classes nominais reconstruídas para o protobanto (PB), embora as línguas bantas de hoje na sua maioria tenham entre 12 e 20 classes nominais, algumas línguas bantas reduziram e até eliminaram suas classes nominais (cf. os capítulos 15, 16 e 23 de NURSE; PHILIPPSON, 2003).

Uma classe é caracterizada por um prefixo distinto, um emparelhamento (singular/plural) específico (e característico) chamado de ‘gênero’ pelos bantuístas e uma concordância com os outros constituintes. Durante quase todo o século XX, na semântica, observou-se uma arbitrariedade na delimitação das classes nominais, mas nos últimos anos observa-se uma tentativa de encontrar generalizações nesse sentido.

As línguas bantas têm sido descritas como ‘verby’ (em que o verbo é fundamental na construção do sentido da oração). O verbo é o elemento central da oração: incorpora muitas informações e pode ficar sozinho como uma sentença. Quase todas as línguas bantas são *prodrop* (o verbo nem sempre precisa da presença do sujeito, mas necessita da presença de um índice do sujeito. No capítulo III explicaremos o que é o índice do sujeito). Em várias línguas bantas, os verbos têm seis posições possíveis no pré-radical. A partir daí, algumas podem ser preenchidas por mais de um morfema; é frequentemente possível ter uma dezena de morfemas ou mais num verbo. Um exemplo extremo é dado sem glosa na língua *kinande* (DJ42) por Philip Mutaka (NURSE; PHILIPPSON, 2003, p. 9):

(3) *tu-né-mu-ndi-syá-tá-sya-ya-ba* ≠ *king-ul-ir-an-is-i-á* = *kyô*¹⁰ (Nós possibilitaremos isso mais uma vez para que eles abram isso para cada um deles).

Entre eles, os prefixos e sufixos verbais expressam geralmente a negação, a relativização (o relativo), o tempo, o aspecto, o condicional (a condição), o sujeito (a pessoa/classe nominal), o objeto (a pessoa/classe nominal), o foco/ a asserção, as extensões derivacionais, o modo, e os elos entre aspectos do discurso e da sintaxe. Outras categorias podem também ser consideradas, especialmente nas posições inicial e final do verbo. Muitas línguas bantas têm duas marcas de negação. Uma que ocorre nas orações principais, a outra ocorre nas estruturas menores ou dependentes. Muitas línguas bantas se caracterizam por uma rica série de contrastes entre tempos verbais e entre aspectos verbais também. Muitas também têm verbos compostos em que um verbo principal flexionado (conjugado) pode ser precedido por um ou mais verbos auxiliares também flexionados (conjugados).

A concordância se reflete a partir do nome-núcleo através do grupo nominal até no verbo. Em algumas classes o prefixo do acordo é o mesmo para todos os constituintes da oração. Em outras, há um tipo de prefixo para nomes e adjetivos, um outro para possessivos, demonstrativos, conectivos, marcadores do sujeito do verbo e frequentemente para

¹⁰ O exemplo está sem glosa no original.

marcadores de objetos e outras categorias menores. Em outras ainda, nomes e adjetivos são marcados diferentemente.

Nos demonstrativos, muitas línguas bantas opõem três tipos de demonstrativos: perto do falante, perto do interlocutor e longe dos dois interlocutores. É o caso na língua *lembaama* que diferencia respectivamente, por exemplo: *akáásí ba* (estas mulheres), *akáássí báá* (essas mulheres), *akáássí bánííní* (aquelas mulheres ali).

f) A sintaxe

A ordem não-marcada (*default*) dos constituintes de uma oração completa na maioria das línguas bantas é S (Aux) VO (adjuntos). Uma pequena parte de línguas bantas tem a seguinte ordem predominante: OV. É o caso da língua *nen* ou *banen* ou *tunen* (A44) (cf. capítulo 16 de NURSE; PHILIPPSON, 2003). Poucas têm a seguinte ordem: V+Aux. É o caso das línguas *langi* ou *irangi* (F33) e *mbugwe* ou *buwe* (F34). Por razões pragmáticas, o objeto pode ser anteposto e o sujeito posposto. Dessa maneira, o foco pode ser marcado pela ordem das palavras ou por morfemas intraverbais. Uma informação codificada na sintaxe pode ser codificada na morfologia. Zero, um, dois ou três argumentos podem ser codificados intraverbalmente, dependendo da língua. O terceiro argumento será codificado pela extensão do verbo ou alternativamente por um locativo adjunto. A ordem dos morfemas intraverbais reflete a dos argumentos externos que, por sua vez, seguem uma determinada hierarquia. Como se espera de todas as línguas que tenham a ordem sintática VO e em geral, o nome precede seus modificativos dentro do grupo nominal. A ordem comum é N + Adj + Numeral + outros constituintes, mas considerações pragmáticas dominam muito a flexibilidade. A maioria das línguas bantas tem poucas preposições verdadeiras ou adjetivos. As línguas bantas não têm artigos. Então, definem pessoas, objetos, etc., via aumento nominal (sujeito), marcador do objeto no verbo (objeto) ou pela ordem do demonstrativo no grupo nominal.

Segundo Nurse e Philippson (2003, p. 9), Thomas Bearth (em comunicação pessoal) afirma que a estrutura sintática básica das línguas bantas não oferece nada muito particular. Nem sua ordem de palavras, já que SVO é a ordem mais comum nas línguas do mundo. Nem o sistema de concordância baseado na classificação nominal é inusitado. Mesmo a dupla representação dos constituintes núcleos pela incorporação de elementos pronominais no verbo para a redução das estruturas e para ajustar/especificar o verbo, não é única ao grupo banto ou à família nigero-congolesa. Os autores concluem que é a combinação de todas essas

características com o dinamismo das propriedades da estrutura sentencial das línguas bantas que faz a originalidade da sintaxe dessas línguas.

3 Características tipológicas das línguas bantas da floresta¹¹

Antes de tudo, é preciso levar em conta que a floresta é o lugar da heterogeneidade linguística por excelência: é um lugar de contatos e fronteiras entre línguas. Embora seja possível imaginar que os povos da floresta tenham um modo de vida análogo, o estudo linguístico revela que a floresta é um lugar de difícil acesso, onde a comunicação é essencialmente estabelecida por vias navegáveis e onde a ausência de um contato regular ajuda a manter as fronteiras existentes entre os diferentes grupos linguísticos. Assim sendo, a floresta equatorial é o lugar onde as línguas bantas fazem fronteira com as línguas ubanguianas no oeste da África e com as línguas sudânicas do leste do continente africano. É também o lugar onde encontramos as linhas divisórias que a classificação linguística mostra entre, de um lado, as línguas bantas do bloco do leste e o do oeste; e do outro lado, as línguas bantas do noroeste (zona A + B10, B20, B30) e o restante das línguas ocidentais. Todos os tipos de fronteiras podem ser encontrados nessa área geográfica: fronteiras entre diferentes famílias genéticas, fronteiras entre diferentes grupos da mesma família e fronteiras entre os maiores grupos que são separados dentro do próprio grupo banto (GRÉGOIRE, 2003, p. 349). A autora afirma que a delicada questão que representa a presença dos povos pigmeus na floresta da África central deve ser considerada no estudo das línguas bantas dessa região.

Notamos que, apesar das valiosas contribuições de vários autores, ainda há muitas lacunas na documentação sobre as línguas bantas da floresta. Há línguas com poucas descrições e outras sem descrição alguma. Essa percepção de lacunas propiciaria uma explanação exaustiva do tema, no entanto, apresentamos uma breve síntese de peculiaridades fonológicas e morfológicas dessas línguas, sem, contudo, ter qualquer pretensão de esgotá-las.

¹¹ Este trabalho é uma síntese do capítulo '*The bantu languages of the forest*' da Claire Grégoire (2003: 349-370) publicado em Nurse e Philippson (2003). Nesta síntese procuramos estabelecer um diálogo entre *lembaama* (que é o objeto do nosso estudo) e as outras línguas da floresta estudadas por Grégoire. Damos exemplos descritos em *lembaama* para ilustrar os nossos pontos de vista na descrição dessa língua. O mapa das línguas bantas da floresta apresentado pela autora está no anexo deste trabalho.

3.1 Características gerais fonológicas das línguas bantas da floresta

a) As vogais

A maioria das línguas bantas da floresta apresenta um sistema vocálico de 7 oposições vocálicas [i e ε a o u]. Essa seria a maior propriedade que essas línguas têm em comum. É como se elas tivessem sido poupadas da inovação que reduziu esse número para 5 vogais [i e a o u] que encontramos hoje na maioria das línguas bantas.

A maioria dessas línguas apresenta vogais nasais fonéticas, mas que tendem a se tornar fonológicas. Este não é o caso do *lembaama*, cujas vogais são nasalizadas por consoantes pré-nasalizadas. A extrema tolerância demonstrada por essas línguas com relação à sequência de vogais coincide frequentemente com uma aplicação um tanto não sistemática da elisão vocálica ou da semivocalização derivada do contato entre morfemas. Em algumas dessas línguas, a sequência de vogais pode igualmente aparecer por causa da elisão de certas consoantes colocadas em certos ambientes. Essa elisão pode ser obrigatória ou opcional, ou pode ser relacionada à velocidade da fala. Exceto nos grupos B10, B60 (grupo a que o *lembaama* (B62) pertence) e B70, as línguas bantas da floresta geralmente exibem uma sequência de vogais dentro de uma raiz nominal assim como no contato entre morfemas, especialmente entre prefixos e raízes, dentro de um verbo derivado ou numa sequência de morfemas antepostos ao radical.

Muitas línguas apresentam sequências de 3 vogais. Por exemplo¹²:

(4a) <i>aka</i> (C10)	<i>mog<u>úú</u>a</i>	‘profundidade’
	<i>ng<u>ùù</u>á</i>	‘javali’
(4b) <i>lombo</i> (C54)	<i>lì<u>ó</u>ì</i>	‘fala’
	<i>bà<u>úé</u></i>	‘choros’
(4c) <i>mongo</i> (C61)	<i>lò<u>úá</u></i>	‘água acima das plantas’
	<i>lò<u>èù</u></i>	‘lábio’

A duração vocálica é fonológica nas línguas bantas da floresta dos grupos B60 (grupo de que faz parte o *lembaama* (B62)), B70 e B80; assim como nessas línguas: *bobangui* (C32), *ngombe* (C41), *boa* (C44), *tofoke* (C53), *tetela* (C71), *lengola* (D12), *enya* (D14) e *bali* (D21). Ainda é difícil estabelecer um mapa geográfico dessa característica. Segundo Grégoire (2003:352), embora muitos autores reconheçam essa característica nas línguas, pares mínimos

¹² Exemplos extraídos de Grégoire (2003, p. 352).

opondo vogais breves a longas são raros. Entretanto, com a língua *lembaama*, observamos o contrário, há vogais breves e longas fonológicas (OKOUDOWA, 2005, p. 11).

b) As consoantes

O sistema consonantal das línguas bantas da floresta é repleto de particularidades. Só destacamos algumas características mais importantes. São elas:

- (i) o grande número de consoantes labiovelares do tipo *kp*, *gb*, *ŋkp*, *ŋgb* ou das implosivas como *ɓ*, *ɗ* (que não encontramos no *lembaama*) é mais frequente nessa área do que em outras áreas das línguas bantas. Uma influência das línguas vizinhas (não-bantas) poderia explicar esse fato, entretanto ainda faltam provas nesse sentido;
- (ii) uma característica particular dessas línguas é a ausência da consoante lábio-nasal nas formas prefixadas. Esse fenômeno denuncia sua natureza tanto fonológica quanto morfológica, porque a consoante */m/*, nas outras línguas, corresponde à consoante */b/* nos prefixos do tipo CV-, mas corresponde a */m/* em outro lugar. Isso pode ser observado na área que cobre as línguas do grupo C60 chamadas de grupo-Mongo que se estende até as línguas *ngando* (C63), *yela-kela* (C74-75), *ombo* (C76) e *ndegese* (C81) dentre outras;
- (iii) muitas línguas da zona C demonstram uma tendência marcada de elidir certas consoantes numa fala rápida, pelo menos em alguns contextos específicos. As mais vulneráveis são */b/* e */l/*, mas em muitas outras línguas, essa tendência pode ser aplicada às consoantes como */m*, *t*, *k*, *z/*. Essas elisões opcionais só podem ser observadas nas consoantes em posição intervocálica dentro de uma oração ou num conjunto de palavras que não contêm verbo, numa expressão ou numa locução e essencialmente para consoantes que são prefixos. Entretanto, nunca ocorre elisão quando a consoante está no início de uma oração;
- (iv) a sequência de uma nasal e de uma consoante oral que pode ser encontrada nas línguas bantas da floresta exhibe algumas características interessantes, tanto pela sua natureza, como pela sua distribuição geográfica: - a primeira que merece alguma discussão é a presença ou a ausência da sequência de uma nasal e de uma consoante desvozeada. Essas consoantes são ausentes em muitas línguas da zona B (*pove* B22c, *kota* B25, *tsogo* B31, *pinji* B30, *nzebi* B52, *fumu* B77b, etc.), da zona C (*koyo* C24, *mboshi* C25, *aka* C10), e nas línguas localizadas ao norte e vizinhas do grupo *ngiri* (C30), línguas do grupo C50, e também em algumas línguas da zona D (*lengola* D12, *mituku* D13, *bira* D32, *nyali* D33, *bodo* D35, etc.). A maioria delas é

falada ao norte da floresta equatorial. Em *lembaama* essa sequência é presente e aparece muito no início e no meio de várias palavras (OKOUDOWA, 2005, p. 20);

(iv) em algumas línguas localizadas no sul, a sequência NC pode sofrer outros tipos de reduções. Numa pequena área onde existem línguas como *tetela* C71, *kela* C75, *ombo* C76, e *mituku* D13, segundo a regra de Meinhof, nota-se a redução de sucessões de nasais e consoantes orais em uma nasal homorgânica (que é às vezes longa) se o ataque da sílaba seguinte for uma nasal ou uma sequência de N + C vozeada. O mesmo fenômeno se aplica também às representações como *mb-* e *nd-* de um prefixo do tipo (-)N- que aparece antes de raízes iniciadas por vogal. Assim, encontramos os seguintes exemplos na língua *kela* (C75): *ɲòndé* ‘crocodilo’, *ɲòmò* ‘tambor’, *lìsónɲànà* ‘casar-se’. Na língua *mituku* (D13), temos: *òlàṅgà*, pl. *màṅgà* ‘lança’; *kònàmbà* ‘criticar-me’, mas *kòndétà* ‘chamar-me’ com objeto na primeira pessoa do singular cujo prefixo é *nd-* que vem antecedendo o radical do verbo iniciado por uma vogal; mas seria *n* se o radical do verbo fosse do tipo + VNC-. Em *ombo* (C76), temos: *lòángá*, pl. *mmáṅgá* ‘queixo’; *ménà* ‘ver’ (radical do verbo: + éN-) mas *mbìyà* ‘chegar’ (radical do verbo: + ìy-).

Há línguas como *nkengo* e *ngando* (C60) que reduzem sistematicamente a sequência N+consoante vozeada em uma nasal homorgânica em todos os contextos, no início e no interior da palavra. Dessa forma, em *ngando* temos: *múlà* ‘chuva’, *mwá* ‘cachorro’. Isso é de fato contrário ao que temos em *lembaama* (B62), em que é possível se encontrar: *mvlá* ‘chuva’, *mvá* ‘cachorro’.

Nenhum dos fatos assinalados até aqui, no entanto, é exclusivo das línguas bantas da floresta. É justamente por isso que, somente um estudo mais completo e pormenorizado desses processos ajudaria a entender melhor até mesmo fenômenos similares que podem ser observados nas demais línguas bantas do noroeste, ou até em certas línguas bantas do sul.

c) Os tons

Sistemas tonais das línguas bantas da floresta (doravante LBF) não demonstram nenhuma uniformidade, por outro lado, a falta de descrições do tom nessas línguas não permite saber muita coisa sobre esse fenômeno linguístico supra-segmental.

Algumas línguas da zona D, como *lega* (D25), têm dois tons e um *downstep*¹³ dos tons altos; muitas línguas do sul e da zona C têm tons alto e baixo e tons modulados que manifestam uma grande estabilidade, sendo dificilmente modificados dentro da oração, se excluirmos as regras que se aplicam ao contato entre morfemas e palavras. Entretanto, esses contatos têm um impacto importante sobre a tonalidade devido ao grande número de elisões de vogais e de consoantes (opcional ou obrigatório) já mencionadas nos parágrafos precedentes.

A maioria dos tons são frequentemente combinados e podem formar modulações tonais como AB (alto e baixo) ou BAB, que são excessivamente abundantes nessas línguas. A língua *tetela* (C71) tem um processo de espraçamento do tom alto, que é bastante frequente na família banta como um todo, mas que parece ser raro nessa parte do grupo C, embora exista igualmente em algumas línguas do grupo *ngiri* C30.

Talvez seja por causa da influência das línguas sudânicas do centro, de um lado, e das línguas ubanguianas, do outro, que algumas línguas do norte da zona D e C têm 3 tons: alto, médio e baixo.

O sistema tonal mais complexo se encontra em duas principais áreas: a área ocupada pelas línguas do grupo *ngiri* (C30) e a área ocupada pelas línguas do grupo B. Grégoire (2003: 357) afirma que os tons do grupo *ngiri* são de dois tipos, embora ainda não se tenha estudado profundamente o sistema tonal desse grupo. Línguas localizadas ao norte nas margens do grande rio Congo (*mabale*, *poto*, *motembo*, *doko*) ou entre o grupo *ngiri* e *ubangui* (*zamba*, *lobala*, *bomboma*, *lingonda*, *ebuku*) têm um sistema tonal muito complexo. Segundo Twilingiyimana (1984) e Kamanda (1991), *doko* e *zamba* têm *downstep*. Além disso, as modulações tonais das formas nominais são altamente dependentes da influência dos tons altos iniciais, que estão presentes devido à persistência do aumento (um tipo de pré-prefixo nominal). Em *bomboma*, formas nominais apresentam modificações tonais que dependem da sua função na oração. Isso acontece também em muitas línguas da zona B e do tipo *Congo*.

Línguas da zona B que ocupam a parte oeste da floresta costumam ter um sistema tonal complexo também, mas essas línguas são bem conhecidas hoje em dia. Esses sistemas podem ter ‘casos tonais’¹⁴, assim como os das línguas do grupo Congo. Isso se pode ver nos

¹³ Abaixamento do tom alto, resultante de um processo de gramaticalização do *downdrift*, abaixamento tonal previsível, em razão da presença da sequência Alto - Baixo - Alto.

¹⁴ Uma das características mais notáveis das línguas bantas do grupo B é provavelmente a desorientadora variedade das modulações tonais que um dado nome pode assumir em diferentes posições sintáticas. Por

trabalhos de Blanchon (1987b) sobre as línguas do grupo B50 e nos trabalhos de Marchal-Nasse (1989) sobre a língua *nzebi* (B52) que é uma língua falada no Gabão e vizinha do *lembaama* (B62). Ainda não verificamos a existência do fenômeno de ‘casos tonais’ em *lembaama*.

O grupo B30 não pertence a esse tipo, mas o sistema tonal dos seus nomes pode ter sido influenciado pelos mais ou menos resíduos do aumento¹⁵, é o caso em *himba* e *tsogo* (B31) que exibem um mecanismo de mudança de tom alto bastante frequente nas línguas bantas. A situação é mais complexa para as línguas do grupo B10, onde a oposição definido vs indefinido é expressa por meio de tons nas formas nominais que são bastante raras e que determinam realizações que parecem não ter recebido ainda nenhuma explicação abrangente¹⁶.

Outros pontos interessantes que merecem a nossa atenção sobre os tons das línguas bantas da floresta são:

(i) a manifestação da *metatonia* em línguas bantas da floresta, assim como em várias outras línguas bantas. Segundo Schadeberg (1995:111), *metatonia*¹⁷ é o termo reservado para aqueles casos em que o tom do sufixo flexionado de certas formas verbais é alto diante de um objeto, e baixo em outra situação. O autor afirma que é assim que Meeussen (1967:111) reconstruiu o tom do sufixo do infinitivo *-a*, e explica a origem da metatonia na zona A, pelo desaparecimento da parte segmental do aumento: desaparecendo, o aumento deixou seu tom alto que foi incorporado pelo nome. A *metatonia*, então, poderia ser a incorporação desse tom alto flutuante pelo verbo que o precede. Por exemplo, em *kpā?* (A53), língua falada na

exemplo, oito variações tonais são encontradas na palavra ‘vassoura’, em *ichira*[ɣìsìrè], língua do grupo B40 falada no sul do Gabão. As oito formas para ‘vassoura’ são:

dù-ɣòmbùlù, dù-ɣòmbúlù, dú-ɣòmbùlù, dú-ɣòmbúlù, dù-ɣómbùlù, dù-ɣó‘mbúlù, dù-ɣómbùlù e dú-ɣó‘mbúlù.

Como há frequentemente correlação com a função gramatical, tais formas são às vezes chamadas de ‘casos tonais’. Principalmente quando temos, por exemplo:

(1) **dùɣòmbùlù** dútsèbénzìɣè ‘A vassoura quebrou’

(2) nzèlâbè **dùɣómbùlù** ‘Vi a vassoura’

(3) nzèlâbè ɣìɣàngìlílù **dúɣòmbùlù** ‘Vi o cabo da vassoura’ (Blanchon, 1999:37-82).

¹⁵ Na maioria das línguas bantas o prefixo de classe pode ser precedido por um outro prefixo que é chamado de ‘aumento’. Pode ser um pré-prefixo ou uma vogal inicial. Isso porque se trata geralmente de uma vogal somente. O aumento não se encontra em todas as línguas bantas.

¹⁶ Os trabalhos de Philippson e Puech (Disponível em: <<http://www.ddl.ish-lyon.cnrs.fr/Publication/index.html>> Acesso em 25 de maio de 2010) representam uma boa tentativa.

¹⁷ ‘Metatony is the term used for those cases where the tone of the final (inflectional) suffix of certain verbs forms is (underlyingly) high before an object and low otherwise’ (Schadeberg, 1995:111).

república de Camarões, temos a seguinte frase que aplica a regra da *metatonia* (Guarisma, 2003:322):

(5)

n-dém *w-éè-fáfá* *bwáp* | *ú ´ -é-fáfá-* (Metatonia) |

3-coração 3-prog-dar(cont)+IPFV 9+sangue

‘(É) o coração (que) dá sangue’

Essa regra é aplicada, por exemplo, em certos tempos verbais de línguas como *mituku* (D13) e *lega* (D25), no infinitivo, em *mbole-tooli* (C60) (em que temos: *òlám̀bà* ‘cozinhar, preparar’ vs *òlám̀báyèkà* ‘cozinhar comida’) e no presente afirmativo, em *pove* (B22c) (em que temos: *m̀èkàpùndà* ‘cavo’ vs *m̀èkàpùndá èbèmb’ é* ‘cavo o buraco’) (GRÉGOIRE, 2003, p. 368).

d) As sílabas

Em geral, as línguas bantas da floresta não apresentam sílabas com consoante no final. Porém, há línguas em que a sílaba é apenas constituída pelo núcleo da sílaba. No grupo *mongo* (C60), há sílabas com a nasal /m/ em posição de coda. Ela só é silábica se for núcleo da sílaba, com um tom, no caso de se tratar de uma língua tonal. Se a nasal /m/ estiver na coda não será silábica; isso só ocorrerá se ela for núcleo da sílaba. Essa nasal é muitas vezes um prefixo nominal das classes 9 e 10 e é presente em muitas línguas bantas, inclusive, em *lembaama*. Nas línguas *mongo* e *ombo* (C76) essa nasal é presente em que as línguas adjacentes apresentam sílabas finais como *mi* e às vezes *mu*.

Seria interessante observar a análise de sílabas com as sequências NC na posição do ataque nas línguas bantas onde elas existem, já que são elas que podem causar problemas de análise fonológica. No *lembaama*, esse fenômeno não representa mais nenhum problema. Essa sequência é tratada, dependendo do nome, como um segmento único: uma consoante homorgânica ou como dois segmentos: nasal silábica + consoante (que pertence a uma outra sílaba); temos, por exemplo, *lèmfú* ‘cabelo’ (pertence à classe 9 e conta duas sílabas: *lè.mfú*) vs *m̀fú* ‘cabelos’ (pertence à classe 10 e conta também duas sílabas, sendo a nasal silábica com tom baixo: *m̀.fú*) (OKOUDOWA, 2005, p. 32).

Para terminar, digamos que como nas línguas bantas em geral, a sílaba canônica nas línguas bantas da floresta é também do tipo CV. Finalmente, segundo Grégoire (2003:358), o mais notável dos grupos B30, C10, C50, C60, C70 e D10 é a grande frequência de sílabas que só possuem núcleo.

3.2 Características gerais da morfologia nominal das línguas bantas da floresta

Uma das características comuns das formas nominais das línguas da floresta é que elas não têm uma classe reservada para locativos. Isto é, o lugar não é indicado por meio de um prefixo de classe nominal¹⁸. Os morfemas locativos são do tipo *gó-* nas línguas do grupo B, do tipo *ò* ou *ó* nas línguas C10 e C30 do grupo *ngiri* assim como em *bolia* e *ntomba* (C35), do tipo *ndá* ou *ã* nas línguas do grupo C60 e do tipo *lá* no grupo *tetela* (C71-3). *Ngando*(C63) tem a preposição *má* (por exemplo: *malìhòkù* ‘na valeta’). Um morfema *ka* é encontrado nas línguas *boa* (C44), *bira* (D32) e *nyali* (D33) onde coexiste com *da* ‘a/para’, etc.

Todos esses morfemas funcionam como preposições e devem ser analisados como tal.

Em *lembaama*, temos várias preposições para indicar o lugar: *ó*, *ntɕá*, *óntɕá*, *má*, *jilá* ‘no(a), dentro de, em, sobre, etc’. Por exemplo:

¹⁸ Resumidamente, o sistema de classes nominais é baseado na repartição dos substantivos em prefixos. Esses prefixos nominais por sua vez são repartidos em grupos ou classes sob a base do emparelhamento singular/plural. São uma herança do Protobanto (ancestral comum a todas as línguas bantas). Foram reconstruídas 24 classes nominais. Mas não há nenhuma língua banta que tenha todas elas. Uma das exceções é a língua *ganda* (JE15) que tem 21 classes nominais. Encontramos 12 em *lembaama* (Okoudowa, 2005: 32). Os pares mais comuns são: 1/2, 3/4, 5/6, 7/8, 9/10, 11/10, 12/13 e 14/6. O mais uniforme é o primeiro (1/2). Os prefixos de classes nominais são o coração de um sistema de concordância nas línguas bantas. Vejamos os seguintes exemplos (tirados e traduzidos de Katamba, 2003: 111) em *quisuaíli*, que é uma das raras línguas bantas sem tom:

a)
m-toto *m-dogo* *a-mefika*
 1-criança 1-pequeno 1-chegou
 ‘A pequena criança chegou’

b)
ki-kapu *ki-dogo* *ki-mefika*
 7-cesta 7-pequena 7-chegou
 ‘A pequena cesta chegou’

Como se pode observar, nas orações acima, na concordância gramatical, o prefixo nominal é retomado tanto pelo adjetivo, como pelo verbo.

(6)

báán'álíntʃálekóóli

bá-áná a Ø- l- í ntʃá le-kóóli

2-crianças IS2 Pres estar VF Prep 9-escola

'As crianças estão dentro da escola'

A classe 12 é rara, mas encontra-se nas línguas do grupo B, como em *lembaama*, em que *ò-* é o prefixo de classe. Nela encontramos infinitivos como *ò-dzá* 'comer', *ò-nwá* 'beber' e objetos como *ò-pélé* 'prato'. O mesmo acontece com a classe 15 que se encontra também nas línguas do grupo D. Na zona B, observa-se a fusão das classes 15, 11 e ou 14. O par 13/19 que existe na zona D não se encontra nas línguas dos grupos B60-70 (*mbaama-lempiini* B62, *laale* B73, *yaa* B73c, *fumu* B77b), etc. (GRÉGOIRE, 2003, p. 359).

Outra característica que merece nossa atenção é a existência de uma classe nominal 1 com prefixo nominal *a-* numa série de línguas localizadas no nordeste da floresta. Esse é um caso inédito porque geralmente *a-* é o prefixo nominal da classe 2, que é o plural da classe 1. Essa subclasse reúne um pequeno número de nomes que designam animais e plantas e raramente membros da família. Esse prefixo *a-* tem sido atestado em línguas dos grupos C e D como *buja* (C37), *doko* (C40), *boa* (C44), *lombo-turumbu* (C54), *kele* (C55), *mbole-tooli* (C60), *mituku* (D13) e *nyali* (D33).

Em geral, os prefixos nominais das línguas da floresta são do tipo CV- exceto nas classes 7 e 19, porque sua estrutura vocálica resulta da ausência das consoantes *k* e *p* nos prefixos. Essas classes só têm a estrutura CV- nas línguas da zona D (*mituku* D13, *enya* D14, *lega* D25, *binja* D20), em *tetela* (C71) e numa parte da zona B (*tsogo* B31, *pove* B22c, *nzebi* B52, *ndumu* B63 (língua próxima do *lembaama*)). Para as outras classes, dependendo da estrutura silábica de cada língua e da classe, há línguas com prefixos dos dois tipos: V- e VC-. Quanto ao *lembaama*, além desses dois tipos, temos um prefixo zero (Ø-) nas classes 1, 7 e 9 e um prefixo composto por uma nasal silábica como demonstrado acima.

Assim, temos línguas com prefixos do tipo (C)V- diante de uma base nominal que começa por uma consoante; e do tipo VC(V)- diante de bases nominais que começam por vogais (por exemplo, temos *ósálí*, pl. *básálií* 'trabalhador' mas *ómáná*, pl. *ábáná* 'criança') na língua *Doko* (C40). Existem também línguas com estrutura silábica do tipo (C)V- vs (V)C(V)-, C(V)-. Nas línguas do centro da floresta como *lembaama*, o prefixo nominal da

classe 5 é sempre do tipo CV- (até VCV- ou CVCV-), independente da estrutura silábica da base nominal. Essa última encontra-se em línguas dos grupos B60-70 como *ndumu* B63 e *fumu* B77b, na maioria das línguas mais conhecidas dos grupos C10 (*aka*, *ngando* e *babole*), *ngiri* (C60), *bobangi* (C32), línguas *mongo* (C60), etc

Finalmente, Grégoire (2003, p. 362) reconhece que embora pregressos tenham sido feitos nessa área, o conhecimento das línguas bantas isoladas entre línguas ubanguianas e sudânicas ainda é fragmentário. Essa afirmação vale também para as línguas localizadas nas bordas do domínio banto em geral.

3.2.1 O Infinitivo

As línguas bantas da floresta apresentam uma situação complexa a respeito daquilo que é tradicionalmente chamado de infinitivo. O que podemos dizer é que, hoje, não há unanimidade sobre a classe nominal usada para formar o infinitivo nas línguas bantas da floresta. Na zona B, por exemplo, temos a classe 5 em *tsogo* (B31) que tem como prefixo nominal è-; segundo Grégoire (2003, p. 367) em *lembaama* (B62), há o prefixo 15, afirmação que contestamos, uma vez que, no *lembaama*, há menos de 15 classes nominais. O que existe na verdade, é um vestígio da classe 15 do protobanto (forma reconstruída e comum a todas as línguas bantas) que serve de prefixo tanto para alguns nomes quanto para o infinitivo, pertencendo, contudo, à classe 12 do *lembaama* (OKOUDOWA, 2005, p. 32).

O infinitivo pertence à classe 15 nas línguas como *laale* (B73b), *yaa* (B73c) e *fumu* (B77b), mas está na classe 7 em *ndumu* (B63) e em algumas línguas do grupo *teke* (B70), na classe 3 em *himba* (B30), classe 5 com um prefixo nominal zero em *pove* (B22c). A situação continua heterogênea até nas línguas das zonas C e D (há uma exceção no sul desta zona onde o infinitivo é da classe 15 e ocorre com um deverbal da classe 5).

Na zona C, fala-se de um grande número de formas nominais e verbais ao mesmo tempo (chamadas ‘nominoverbais’ por Grégoire (2003, p. 367)) cujo uso difere de uma para outra. Contudo, a forma clássica do infinitivo é a seguinte: prefixo nominal da classe 15 + radical + a; -a é utilizado nas línguas do grupo *ngiri* C30 (*lifonga*, *likata*, *libobi*, *loi*, *balobo*), no grupo C50 (*kele*, *tofoke*), C60 (*nkundo*, *mbole-tooli*) e D10-20 (*mituku*, *enya*, *lega*), C30 (*bolia*, *litoka*, *ndobo*), C60 (*nkengo*), C70 (*kela*). Outras formas do infinitivo, bem representadas, são do tipo: prefixo nominal + radical+ -é, -a, -i que podem ser encontradas em *leke* (C14), nas línguas do grupo *ngiri* C30 (*mbudza*, *lifonga*, *likata*, *mbonji*, *babale*, *mtembo*,

litoka, *balobo*); formas como $\emptyset$ + radical + -a, -á, -e, -é são encontradas em *aka* (C10), no grupo *ngiri* C30 (*libobi*, *lobala*, *zamba*, *mboji*, *balobo*), *boa* (C44), *bodo* (D35) e *bira* (D32) etc.

Ainda sobre os infinitivos, podemos identificar infinitivos negativos nas línguas bantas da floresta. É o caso da língua *tofoke* (C53) em que encontramos: *ngòlèmà* ‘não cultivar’, *ngògógà* ‘não recolher’.

Existem infinitivos que incluem marcas de deslocamento que podemos encontrar nas línguas como *bolia* (C35) em que temos: *ikèlà* ‘fazer’, *iyókèlà* ‘vir e fazer’ e *itókèlà* ‘ir e fazer’.

Há também infinitivos terminados em -o em *lembaama* (B62) (*òlwóró* ‘sonhar’, *òwóbó* ‘falar’). Esses infinitivos com -o, como já foi dito, são raros nas línguas bantas da floresta.

Para concluir, digamos que, infelizmente, as descrições atuais ainda não permitem entender essas formas de uma maneira exata, tampouco permitem vislumbrar a diferença entre esses *nomino-verbais* e os *deverbais*. Entretanto, embora não focalize especificamente as línguas bantas da floresta, a descrição do infinitivo *tsuana* por Creissels (2004) é uma excelente tentativa de esclarecer o problema da natureza híbrida do infinitivo no conjunto das línguas bantas.

3.3 Características gerais da morfologia verbal das línguas bantas da floresta

Como já havíamos tratado das características gerais da morfologia das línguas bantas, nesta parte focalizaremos apenas as características gerais da morfologia verbal das línguas bantas da floresta.

3.3.1 Verbos e morfemas verbais

a) Prefixos verbais ou índice do sujeito

Normalmente a classe do infinitivo dos verbos nas línguas bantas é a classe 15. Essa é uma herança do protobanto. Mas vimos, acima, que muitas línguas bantas não mantiveram as 24 classes nominais dessa protoforma. Tudo vai depender, portanto, do número total de

classes nominais de cada língua. É por isso que podemos ter infinitivos em diversas classes nas línguas bantas da floresta: temos infinitivos nas classes 15, 5, 9 ou 14. Por exemplo, para *lembaama*, que totaliza 12 classes nominais, vimos que o infinitivo se encontra na classe 12. Assim sendo, os prefixos verbais não apresentam nenhuma particularidade nas línguas bantas da floresta. Entretanto, na concordância verbal da classe 1, há um morfema chamado pela autora (GRÉGOIRE, 2003), assim como muitos outros bantuístas, de prefixo verbal. Esse prefixo é geralmente à- (á em *tofoke* C53 e *lega* D25), mas ò em *enya* (D14).

Em *lembaama* também temos um ó na concordância da classe 1. Entretanto, esse morfema, para nós, não é um prefixo verbal. É o que chamamos de índice do sujeito (IS). Já que ele retoma qualquer sujeito da classe 1.

Prefixo verbal é uma descrição apenas, que não analisa a função sintática. Na verdade, a denominação ‘Prefixo verbal’ visa a deixar claro que todo verbo deve ser precedido de uma marca do sujeito. De fato, o índice do sujeito precede o verbo, mas se separa dele por uma marca de tempo. Vejamos alguns exemplos com diferentes índices de sujeitos com a mesma marca de tempo (MT):

(7)

mwán’ómítʃá tóló

mu- **áná** **ó** **mí-** **tʃ-** **á** **Ø-** **tóló**

1 criança **IS1** **MT** dormir VF 7- sono

‘A criança dormiu’ (Faz pouco tempo)

(8)

báán’ámítʃá tóló

bá- **áná** **á** **mí-** **tʃ-** **á** **Ø-** **tóló**

2 criança **IS2** **MT** dormir VF 7- sono

‘As crianças dormiram’ (Há pouco tempo)

De fato, nos exemplos acima, podemos ver que o índice do sujeito da primeira classe (IS1) em *lembaama* é ó, e na segunda classe (IS2) é á. Vemos, também, que a concordância é dirigida pelo sujeito, localizado no início da oração. O seu índice muda de acordo com seu

número, isto é, o sujeito tem um índice no singular (na classe 1) e outro no plural (na classe 2). Contrariamente ao sujeito e seu índice, a marca de tempo ou o prefixo verbal não muda: o morfema *mí-* marca sempre o passado recente (P1) em todas as classes, em *lembaama*. Esta língua exige um sujeito nas suas orações, exceto no imperativo como na maioria das línguas do mundo. Mesmo assim, o seu índice aparece no imperativo plural. Vejamos esses exemplos:

(9)

bsíléɲw'ándzá

bsi lé Ø- ɲw- á á- ndzá

1p IS1p Pres beber VF 8 água

‘Nós bebemos água’

(10)

léɲw'ándzá

lè Ø- ɲw- á á- ndzá

IS1p MT beber VF 8 água

‘bebamos água!’

(11)

ɲw'ándzá

ɲw- á a- ndzá

Beber VF 8 água

‘beba água!’

Como podemos ver, no imperativo plural, o índice do sujeito da primeira pessoa do plural está presente, embora o sujeito não apareça. No singular, nem o sujeito, nem o seu índice aparecem (cf. Capítulo V, sobre Tempo, Aspecto e Modo desta tese).

As línguas da floresta têm poucos prefixos verbais. Muitas vezes elas têm *nà-* na primeira pessoa do singular. Esse prefixo pode ser encontrado em *tsogo* (B31), *aka* (C10), *ntomba-tumba* (C35), *doko* (C40), *mpunza*, *lifonga*, *loi*, *mbonji*, *litoka*, *balobo*, *ndobo* (C30 *ngiri*), *beo* (C45) e *bodo* (D35). Há também formas alternativas como *nè-* ou *nì-* que podemos encontrar em algumas línguas do grupo *ngiri* (C30) (*likata*: *nè* ~ *nà*; *libobi*: *ne-*, *na-*, *ni-*). Nas

línguas B10, B30 e *pove* (B22c) o prefixo verbal da primeira pessoa do singular é *mɛ-*. No caso do *lembaama* (B62), esse morfema existe também. Só que para nós, ele é pronome pessoal da primeira pessoa do singular e seu índice do sujeito é *ɛ*. Vejamos esse exemplo:

(12)

m' éka ɲá

m'ɛ ɛ Ø- k- a ɲá

1s IS1s Pres ficar VF aqui

'Eu fico aqui'

Essa forma parece aglutinada ao prefixo verbal da primeira classe *1a-* em *dumu* (B63), onde a autora (GRÉGOIRE, 2003, p. 363) anota *m'a-* ou *(me) a-*.

Com relação aos pronomes pessoais, o prefixo verbal da segunda pessoa do singular é *ò-* em quase todas as línguas. De fato, em *lembaama*, o índice do sujeito da terceira pessoa do singular no passado recente é *ò*. Vejamos este exemplo:

(13)

nd' ómíɲw' ándzǎ

ndé o mí- ɲw- á a- ndzǎ

3s IS3s P1 beber VF 8 água

'Ele(a) bebeu água' (Há pouco tempo)

Todavia, *ndumu* e *fumu* (B77b) usam o pronome substitutivo com o prefixo verbal da classe 1. O fato mais notável é o de que um grande número de línguas tem o mesmo prefixo verbal na segunda pessoa do singular e do plural (exceto quando, por acaso, há uma diferença tonal que não é marcada nas fontes). A estratégia usada por essas línguas para neutralizar a ambiguidade nem sempre é conhecida, mas é interessante saber que algumas delas generalizaram, dentro das formas verbais ambíguas, o uso do morfema *(-)ání*, que frequentemente marca o plural do imperativo nas línguas bantas em geral. Exceto em *lembaama* em que desconhecemos essa marca no imperativo. Mas temos um exemplo na língua *mbole-tooli* (C60): *òsôkambà* 'trabalhe (sg)' e *òsôkàmbááyì* 'trabalhem (pl.)'. Nos casos onde não é idêntico a uma das pessoas do singular, o prefixo verbal é *nò-* nas línguas *tsogo* B31 e *pove* B22c; *bò-*, *wó-* nas em *tofoke* C53, *lombo* C54, *kele* C55, *Enya* D14, *Bira*

D32, *ntomba* C35 e no grupo *ngiri* (C30): *mpunza*, *loi*, *litoka*, *balobo*. Em *ndumu* (B63), que é uma língua próxima do *lembaama*, é *lì-* ou *lè-*. Em *lembaama* (B62), é *lè-* (cf. o exemplo (6) sobre o imperativo plural acima).

Na maioria das línguas bantas da floresta, os prefixos verbais têm um tom baixo nos nomes referentes a pessoas, isto é, na primeira classe, e um tom alto nas outras classes (GRÉGOIRE, 2003, p. 364).

b) Prefixos objetos ou pronomes objetos

O que a autora chama de ‘prefixos objetos’ são índices do objeto. Eles retomam o objeto de uma oração. Nesse sentido, praticamente, todas as línguas bantas da floresta têm uma gama de índices do objeto tanto para pessoas como para classes ou pronomes reflexivos. No entanto, observa-se uma ausência dos índices do objeto nas línguas do grupo B10, em *pove* (B22c), assim como em *ndumu* (B63) e *fumu* (B77b). Em *lembaama*, temos uma gama de índices do objeto que acompanham o verbo em função de objeto. Essa gama inclui todos os pronomes pessoais que podem ser tanto sujeitos como objetos. A principal diferença entre eles é que os índices do objeto são pospostos ao verbo, enquanto os índices do sujeito são antepostos ao verbo. Vejamos este exemplo:

(14)

nd'ómíbíílámé

ndé o mí- bííl- á mé

3s IS3s P1 chamar VF IO1s

‘Ele(a) me chamou’ (Há pouco tempo)

Como podemos observar, o pronome pessoal da terceira pessoa do singular **ndé** ‘ele(a)’ que aparece no início da oração, tem como índice do sujeito **o** (IS3s) e está à esquerda do verbo na função de sujeito. Enquanto o da primeira pessoa do singular **mé** ‘me’ (IO1s) aparece, à direita e imediatamente depois do verbo em função de objeto. Na nossa análise os ‘prefixos objetos’ serão tratados como índices do objeto (IO).

A língua *leke* (C14) apresenta alternativamente frases do tipo *àdèzéíngá* ‘ele me fez chorar’ e *àmómbédé* ‘ele me mandou chamar’ onde o pronome substituto posposto alterna

com o ‘prefixo do objeto’ da primeira pessoa do singular *-n-*. Esse ‘prefixo’ é o único que existe para as pessoas nessa língua, enquanto todos os ‘prefixos objetos’ das classes e todos os reflexivos são atestados.

A tendência geral, exceto em *lembaama*, é a de se fazer uso do mesmo ‘prefixo objeto’ da segunda pessoa do singular para a segunda pessoa do plural. Assim, *mbole-tooli* (C60) tem *-ò-* e *-ò-*; *mpundza*, *mbonji* e *balobo* (C30 *ngiri*) têm *-bo-* e *-bo-*; *lifonga*, *likata*, *libobi* e *lobala* (C30 *ngiri*) têm *-e-* e *-e-*. A confusão formal pode ir até mais longe nas línguas do grupo *ngiri* (C30) onde de acordo com Motingea (1996), a língua *kunda* tem o mesmo ‘prefixo objeto’ *-mo-* para a primeira pessoa do plural, a segunda pessoa do singular e do plural, e para a classe 1; enquanto em *babale*, *-mo-* é usado na classe 1 e na segunda pessoa singular e plural.

O ‘prefixo objeto’ da primeira pessoa do singular é geralmente uma consoante nasal; o da primeira pessoa do plural é, normalmente, *-to-*, mas encontramos *-lo-* em *zamba*, *loi* e *mbonji* que é o ‘prefixo objeto’ da segunda pessoa do plural em *bolia* (C35), em *nkengo* e *nkundo* (C60) ou em *kela* (C75). É de longe o ‘prefixo objeto’ reflexivo que tem as formas mais particulares. Os dois predominantes nas línguas bantas da floresta são *-yá-*, que pode ser encontrado em *leke* (C14), *ntomba* (C35), nas línguas do grupo *mongo* (C60), *kela* (C75) ou *tetela* (C71), e *-mí-* que aparece nas línguas do grupo *ngiri* (C30). Encontramos alternativas desse morfema em outras línguas. Assim, *doko* (C40) tem *-mí-* ou *-má-*; e *-ma-* é a única forma citada na língua *motembo* do grupo *ngiri* (C30). Muitas formas isoladas podem também ser mencionadas, como *-ka-* em *bolia* (C35), *-kĩ-* em *bira* (D32) ou formas do tipo vocálico como *-á-* em *mbudza*, língua do grupo *ngiri* (C30) ou *-é-* em *boa* (C44) e *beo* (C45).

De acordo com a autora, os ‘prefixos objetos’ têm tom baixo para pessoas e para a classe 1, no entanto, o tom é alto nas outras classes, ou têm tom baixo para as pessoas do singular e para a classe 1, mas alto para as pessoas do plural e para as outras classes. Em *lembaama*, observamos o contrário: o tom dos índices objetos é geralmente alto.

c) A derivação

A derivação verbal diz respeito ao tipo de sufixos que, quando acrescentados a uma raiz verbal, mudam o seu sentido. São chamados de ‘extensões’ verbais pelos bantuístas. Esses sufixos indicam várias relações como a transitividade, a reciprocidade, a frequência, voz passiva, a causa, etc. As línguas bantas da floresta têm poucos sufixos derivacionais

comparando com as línguas bantas do centro ou do sul do continente africano. São encontrados em quase todas as línguas da floresta: o sufixo aplicativo (-*ee-*, -*e-*), o sufixo recíproco -*an-*, o sufixo estativo (que indica duração, estado permanente) -*am-*, -*em-*, às vezes -*Vm-*, o par de sufixos reversivos: o transitivo -*ol-* e o intransitivo -*o-*, e o menos frequente sufixo neutro -*eg-*, -*ik-*, ou -*i-*. O sufixo longo causativo do tipo -*is-*, -*ih-*, -*es-* é atestado na maioria dessas línguas, particularmente em *dumu* (B63), *leke* (C14), *balobo*, *lilenge*, *kunda*, *mbonji*, *zamba*, *lobala*, *libobi*, *lifonga* (C30 *ngiri*), *doko* (C40), *boa* (C44), *beo* (C45), *tofoke* (C53), *lombo* (C54), *kele* (C55), *mbole-tooli* (C60), *mituku* (D13), *bira* (D32) e *bodo* (D35).

O sufixo causativo coexiste com a forma longa encontrada em *beo* ou *leke*, e parece predominante nas línguas bantas do centro sul, como *ntomba* e *bolia* (C35), as línguas do grupo *mongo* (C30), etc. A língua *pove* (B22c), tem o sufixo derivativo causativo -*i-* e a sequência -*id-i-* enquanto *tsogo* (B31) tem -*éd-* e um sufixo aplicativo -*é-* (por exemplo: *èkàdàmèdì* ‘ele tem uma cicatriz’; *màbòkámèì* ‘levantei meus olhos para...’¹⁹).

As línguas bantas da floresta expressam frequentemente a voz passiva por meio de formas verbais derivadas com o sufixo -*am-*. O sufixo passivo do tipo -*u-*, -*ibu-* é raro entre essas línguas, embora ele tenha sido encontrado na zona B (*pove* B22c, *tsogo* B31), nas línguas do grupo *ngiri* C30 onde temos -*ubu-*, -*iubu-* na língua *mpunza*, no grupo C40 onde temos -*u-* na língua *beo* C44, e no grupo C40 onde temos -*o-* na língua *kele* C55.

Sequências de sufixos derivacionais têm sido atestadas em todas as línguas (a única dificuldade está em encontrá-las) e certas descrições dão inúmeros exemplos que demonstram a produtividade do micro-sistema da derivação nas línguas bantas. Em *lembaama*, atestamos a existência de uma dezena de extensões que indicam: a transitividade, a voz passiva, a frequência, a reflexividade, a reversividade, o benefício, a posição, o instrumento, o resultado e a diferença entre uma ação humana e natural (cf. Capítulo IV sobre a derivação verbal).

¹⁹ Lembramos que *pove* e *tsogo*, assim como *lembaama* (B62) são línguas faladas no Gabão.

Capítulo II - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA FONOLOGIA E DA MORFOLOGIA NOMINAL DO LEMBAAMA

Lembramos nesta parte alguns dados essenciais da fonologia do *lembaama*, úteis para a leitura e a compreensão dos fatos gramaticais deste trabalho.

1 Os tons

Língua tonal pode ser definida como aquela em que uma comutação fonologicamente limitada à altura ou à melodia de uma única sílaba ou mora é susceptível de construir a única marca de uma comutação entre duas unidades significativas mínimas (CREISSELS, 1994, p. 175).

Vejamos estes exemplos:

(1a)

mvá ‘cachorro’

(1b)

mvà ‘como’(comparativo).

A língua *lembaama* possui dois tons pontuais, notados como se segue:

/`/ ‘baixo’, que notamos igualmente pela letra B

/’/ ‘alto’, que notamos igualmente pela letra A

Não encontramos combinação de tons no mesmo segmento em *lembaama*, que constituiriam o que a literatura denomina tons de contorno ou tons modulados.

2 As consoantes

O sistema consonântico comporta 43 consoantes (cf. Quadro 1, abaixo). Dessas 43, apenas /g/ se realiza [ɣ]. Ele aparece apenas na posição intervocálica. No dialeto *lembere*, /r/ se realiza [d] na posição intervocálica. Vejamos estes exemplos:

(2a)

lempiini [taara]‘pai’

(2b)

lembere [taada] ‘pai’**Quadro 1: quadro fonológico das consoantes**

		Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar
Oclusiva	oral	p b		t d		k g
	Palatalizada (1)		b ^j			k ^j
	Labializada					k ^w
	Pré-nasalizada	mp mb		nt nd		ŋk ŋg
	Palatalizada (2)	mp ^j				ŋg ^j
Nasal			m		n	ɲ
	palatalizada				ɲ ^j	
Tepe				r		
Fricativa	Oral		f v	s		
	Palatalizada			s ^j		
	Labializada		v ^w			
	Pré-nasalizada		mf mv			
Lateral				l		
	Palatalizada			l ^j		
	Labializada			l ^w		
Aproximante		w			j	
Africada	Oral			tʃ dʒ		
	Palatalizada			tʃ ^j dʒ ^j		
	Labializada			tʃ ^w dʒ ^w		
	Pré-nasalizada			ntʃ ndʒ		

Nosso trabalho é foneticamente transcrito com anotações de tons (como mencionado no item acima) e indicação de algumas elisões pelo sinal do apóstrofo. Por outro lado, fizemos uma transcrição fonológica das consoantes labializadas e palatalizadas. O alfabeto usado para as transcrições é o Alfabeto Fonético Internacional (*International Phonetic Alphabet-IPA*) de 1993, corrigido em 1996. Com relação à representação dos dois tons do *lembaama*, para facilitar a leitura dos exemplos do texto, só marcaremos o tom alto, representado pelo acento

agudo. Já no *corpus*, os dois tons, alto e baixo, são respectivamente representados pelos acentos agudo e grave. Na transcrição dos exemplos, daremos na primeira linha o enunciado em *lembaama*, na segunda linha, a segmentação morfológica; na terceira, faremos a descrição gramatical e a tradução dos elementos do enunciado. Finalmente, na quarta linha, daremos a tradução do sentido do enunciado em português.

3 As vogais

O sistema vocálico é composto de 14 vogais que se diferenciam pela sua duração. Assim, o sistema vocálico se desdobra em dois subsistemas de 7 vogais, um das vogais breves e outro das vogais longas, apresentados abaixo em quadros, respectivamente:

Quadro 2: Quadro fonológico das vogais breves

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i		u
Meio-fechada	e		o
Meio-aberta	ɛ		ɔ
Aberta		a	

Quadro 3: Quadro fonológico das vogais longas

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	ii		uu
Meio-fechada	ee		oo
Meio-aberta	ɛɛ		ɔɔ
Aberta		aa	

Em *lembaama*, a distinção entre as vogais longas e breves é pertinente. As vogais longas nunca aparecem no início de um substantivo, nem de um verbo.

Observa-se às vezes uma harmonia pela repetição das vogais idênticas. Trata-se de um fenômeno reconhecido sob nome de *harmonia vocálica*, tal como ocorre na harmonia da vogal *o* nas seguintes palavras: *obolo* ‘apodrecer’ e *okolo* ‘cansar’.

O fenômeno da elisão é também uma característica marcante das vogais do *lembaama*, principalmente quando elas se encontram entre duas palavras, a primeira se elide em benefício da segunda. Vejamos este exemplo:

(3) nd_é a dʒá → nd' ádʒá 'ele(a) come'

Existem outros fenômenos fonológicos que afetam as vogais do *lembaama*. São eles: a semivocalização que ocorre quando V1 é mais alta que V2; o alongamento que ocorre quando vogais são idênticas dentro de um prefixo de classe e entre dois lexemas. Nesse caso não há elisão. Vejamos alguns exemplos:

a) Semivocalização

(4)

mù- áná → mwáná 'criança'

1- criança

/u/ → w / — [v]

A vogal /u/ se transforma em semivogal diante de uma outra vogal. Mas não encontramos exemplos de /i/ → j / — [v]

b) Alongamento

(5)

bá + áná → báá ná 'crianças ou filhos'

2- criança

(6)

à- báǎ + á + bó → ábáǎ ábó 'as facas deles'

9- facas de ele(a)s

V1 + V1 → V1:

Uma vogal se alonga em contato com outra vogal idêntica (OKOUDOWA, 2005, p. 41-42).

4 A sílaba

No *lembaama*, a configuração da sílaba é geralmente do tipo (C)V, e aberta. É por isso que a língua procura evitar encontros consonantais. O ataque permite apenas uma consoante. Há também presença de uma nasal silábica que serve de prefixo nominal na classe 10, que representa o plural da classe 9 (cf. Quadro 4).

5 As classes nominais

O sistema de classes nominais é uma das características comuns às línguas bantas. Esse sistema é baseado na repartição dos substantivos em prefixos. Esses prefixos nominais por sua vez são repartidos em grupos ou classes sob a base do emparelhamento singular / plural. Segundo Bonvini (1996, p. 79), o sistema classificatório do substantivo, próprio ao tronco *nigero-congolês*, está também, embora logicamente independente, diretamente relacionado ao sistema de concordância que caracteriza uma proporção importante das línguas desta família. Neste sistema, o substantivo, integrado no sistema classificatório e em função das marcas de classes, gera tanto o mecanismo de determinação que opera no nível do constituinte nominal quanto aquele que opera sobre as funções sintáticas no nível da oração. Daí a noção de “classe de concordância”.

Quando se trata de determinação nominal, a concordância se manifesta habitualmente da seguinte maneira: o substantivo, em função de determinado, escolhe os determinantes, simples (demonstrativo, interrogativo, definido, qualificador, ou complexos (substantivo + um constituinte nominal, um adjetivo, uma preposição).

Quanto à concordância no nível da oração, ela se manifesta geralmente nas escolhas dos índices pronominais ligados ao predicado verbal: esses estão relacionados simultaneamente ao sistema de afixos flexionais, que caracterizam o substantivo, e à função sintática que ele exerce na oração; embora teoricamente os dois sistemas sejam diferentes e independentes.

O *lembaama* tem cinco categorias de classificadores:

- 1- o prefixo nominal (PN) que marca o substantivo;
- 2- o prefixo do adjetivo (PA) que marca o adjetivo;
- 3- o conectivo (Con) que representa o genitivo;
- 4- o índice do sujeito (IS) que marca o sujeito do verbo;

5- o índice do objeto (IO) que marca o complemento do verbo.

A forma desses classificadores varia de acordo com a classe da palavra que eles classificam, ou com a qual eles se relacionam ou concordam na oração (OKOUDOWA, 2005, p. 30).

Num total de 12, as classes nominais não coincidem com as 7 indicadas por Adam e Biton (1969) e nem com as 15 identificadas por Blanchon e Alihanga (1992). Os prefixos nominais são do tipo CV-, V-, N- (nasal silábica), Ø-(zero) e têm um tom baixo em geral, exceto para as classes 2, 5 e 6. Contrariamente a outras línguas bantas, não há uma classe reservada para lugares (classe do locativo): para tanto, a língua *lembaama* usa morfemas independentes que funcionam como preposições. Vejamos este exemplo:

(7)

m'édʒε ntsá ndʒó

mé e Ø- dʒ ε ntsá Ø- ndʒó

1s IS1 Pres ir VF **prep** 7 casa

‘vou dentro de casa’

Abaixo, no Quadro 4, apresentamos os prefixos de classe nominal identificados em *lembaama*:

Quadro 4: classes nominais do *lembaama*

Cl. ²⁰	P.N.	Con.	P.A.	I.S.	I.O.	Valor	Exemplos
1 sg	1a mù-	à-	ó-	ò-	-ndé	deuses	mù-áná ‘criança’
	1b ò-					humanos	ò-káásí ‘mulher’
	1c Ø-					animais fenômenos naturais	Ø-mvèlá ‘chuva’
2 pl	2a bá-	à-	má-	à-	-bó		bá-áná ‘crianças’
	2b à-						à-káásí ‘mulheres’
							à-mvèlá ‘chuvas’
3 sg	ò-	á-	ò-	ó-	-ndé		ò-tí ‘árvore’ ò-kàjí ‘antílope’(espécie)
4 pl	è-	é-	mé-	è-	-dʒó	plantas animais objetos partes do corpo	è-tí ‘árvores’ è-kàjí ‘antílopes’ (espécie)
5 sg	dʒí-	lé-	lé-	lè-	-ló	partes do corpo	dʒí-í ‘dente’, dʒí-ísí ‘olho’
6 pl	mí-	à-	má-	à-	-mó		mí-í ‘dentes’, mí-ísí ‘olhos’
7 sg	Ø-	ó-	é-	è-	-jó	lugares líquidos objetos	Ø-ndʒó ‘casa’ Ø-ŋgʷúnú ‘plantação’
8 pl	à-	má-	má-	à-	-mó	animais	à-ndʒó ‘casas’, à-ŋgʷúnú ‘plantações’
9 sg	9a lè-	lé -	lé -	lé -	-ló	partes do corpo	lè-mfú ‘cabelo’(um fio)
	9b Ø-					plantas animais objetos	lè-búrú ‘fruto de árvore’
10 pl	N-	é-	é-	è-	-jó	partes do corpo plantas animais	m-fú ‘cabelos’ m-búrú ‘frutos de árvores’
11	ò-	ò-	mó-	ò-	-bó	Substantivos abstratos	ò-wálí ‘beleza’,
12 sg	ò-	ʋó-	ʋé-	ʋò-	-tʃó	infinitivos	ò-dʒá ‘comer’,
						objetos	ò-ŋʷá ‘beber’,
						adjetivos substantivados	ò-pélé ‘prato’

²⁰Abreviações: Cl : classe PN: prefixo nominal P.A: Prefixo do Adjetivo IS: índice do sujeito
 IO: índice do objeto Con.: conectivo Sg: singular Pl : plural

5.1 Organização do quadro 4

É possível proceder à leitura desse Quadro em dois eixos: num eixo vertical, a leitura é paradigmática. Ela serve para distinguir os nominantes²¹ segundo o tipo de unidades com as quais eles se juntam na formação de um substantivo e de uma oração indicando preferencialmente o número, singular ou plural. O eixo horizontal é sintagmático. Ele serve para distinguir os diferentes elementos de uma expressão ou de uma oração. As colunas mostram os prefixos segundo sua relação na composição dos substantivos e da oração, ou seja, segundo sua concordância com um núcleo nominal.

Só a consideração desses dois eixos permite a identificação da classe de um morfema. Por exemplo, apesar da sua semelhança formal, os prefixos das classes 3, 11, e 12 se encontram em três classes distintas, já que cada um deles estabelece concordância (no nível sintagmático) diferente, manifestada por índices e prefixos distintos para cada classe. Vejamos alguns exemplos de classes:

(8)

Classe 1 - classe dos substantivos que denominam deuses, seres humanos, animais, fenômenos naturais. Singular.

L.1. muáná a me okáásí omíja bíílá ndé

L.2. /mu- áná / a- / me / ó- káásí/ o / mí / ja || bíílá / ndé

L.3. /PN- criança/ Con- de /1s-eu / PA- mulher / IS-ela / P1 / chegar || imp. Sg-chamar/ IO- a

L.4. 'A minha filha chegou. Chame-a!'

(9)

Classe 2 - plural da classe 1.

L.1. bááná ame mákáásí amíja bíílá bó

L.2. /ba- áná / a- / me / má- káásí/ a / mí / ja || bíílá / bó

L.3. /PN- crianças / Con- de /1s-eu / PA- mulheres/ IS- elas / P1 / chegar || imp.Sg-chamar / IO- as

L.4. 'As minhas filhas chegaram. Chame-as!'

Essas duas primeiras classes (singular e plural) formam o gênero I. Denominação utilizada pelos bantuístas para indicar o emparelhamento singular/plural (SG/PL). A língua

²¹ Entendemos por nominantes todos os afixos ou morfemas que determinam a classe dos nomes. Em *lembaama*, ele está sempre prefixado na base (raiz) do item lexical.

lembaama apresenta 12 classes nominais e 9 gêneros, conforme apresentado no Quadro 5 abaixo:

Quadro 5: Gêneros e classes nominais do *lembaama*

GÊNERO I	Classes 1 e 2
GÊNERO II	Classes 3 e 4
GÊNERO III	Classes 5 e 6
GÊNERO IV	Classes 7 e 8
GÊNERO V	Classes 9 e 8
GÊNERO VI	Classes 9 e 10
GÊNERO VII	Classes 7 e 4
GÊNERO VIII	Classes 11 e 4
GÊNERO IX	Classes 12 e 4

Capítulo III - ESTRUTURA DO VERBO EM LEMBAAMA

0 Introdução

Segundo a tradição bantuísta iniciada por A. Meeussen no seu trabalho “*Essai de grammaire rundi*”, publicado em 1959, o verbo tem a seguinte estrutura nas línguas bantas (teoricamente, porque nem sempre se realiza):

1.*pré-inicial*

2.*inicial*

3.*pós-inicial*

4. *marca*

5. *infixo*

6.*radical*

7.*sufixo*

8.*final*

9.*pós-final*

Essa apresentação foi reformulada por Nurse (2008) como segue:

1.*pré-inicial*

2.*inicial*

3.*pós-inicial*

4.*formativo*

5.*limitativo*

6.1.*infixo*

6.2.*radical*

6.3.*sufixo (extensão)*

7.*pré- final*

8.*final ou vogal final*

9.*pós-final*

Como podemos observar nessas duas apresentações da estrutura do verbo banto, há uma diferença de nomenclatura e de classificação entre a descrição de Meeussen (1959) e a de Nurse (2008). As principais diferenças são:

- na posição 4, o que Meeussen chama de *marca*, Nurse chama de *formativo*.

-a posição 5 é ocupada pelo *infixo* no esquema de Meeussen. Enquanto para Nurse, ele está na posição 6.1.

- a posição 6 para Meeussen é somente ocupada pelo *radical*. Enquanto para Nurse, essa posição é subdividida em três partes: 6.1. *Infixo*, 6.2. *Radical*, 6.3. *Sufixo (extensão)*.

- a posição 7 para Meeussen é ocupada pelo *sufixo*. Para Nurse, ela é ocupada pela *pré-final*. Sendo que esse termo não é só uma redenominação, mas trata-se de uma posição não identificada por Meeussen e que, portanto, não fazia parte da estrutura que ele apresentou.

Finalmente, temos um total de onze posições na estrutura do verbo banto estabelecida por Nurse. Ou seja, às 9 posições iniciais definidas por Meeussen, Nurse acrescentou duas ao subdividir a posição 6 em três partes. De fato, podemos observar que as posições 5, 6 e 7 de Meeussen foram interpretadas por Nurse como uma só posição, onde estão as informações propriamente verbais: o *infixo*, o *radical* e a *extensão*. Houve, portanto, uma certa reformulação da proposta de Meussen, ao agrupar essas três posições.

Quanto a nós, como a nossa preocupação neste capítulo é de apresentar a estrutura do verbo banto em geral e a do *lembaama* em particular, pensamos que é importante mostrar as duas principais classificações: a mais antiga, a do pioneiro Meeussen, e a mais recente, a de Nurse. Escolhemos a estrutura do verbo banto revista por Nurse como modelo para nossa análise da estrutura verbal do *lembaama* por concordarmos com a reorganização proposta principalmente no que se refere à parte nuclear do verbo: o *infixo*, o *radical* e a *extensão*. É nessas posições que o verbo costuma codificar várias informações que dizem respeito ao tempo, ao modo e à semântica do verbo. Por exemplo, em *lembaama*, a marca de tempo aparece logo antes do radical e os sufixos derivativos ou extensões juntam-se à raiz do verbo para formar o radical, acrescentando um novo significado ao verbo (cf. Capítulo IV sobre a derivação verbal). Isso é bem claro no esquema do Nurse. O esquema de Meeussen é mais genérico, não especificando a *extensão* nem a *final*, que veiculam informações fundamentais e cruciais no verbo banto em geral. Em *lembaama*, como veremos, a *vogal final* indica o aspecto (cf. capítulo V sobre o Tempo, o Aspecto e o Modo).

Para ilustrar a estrutura do verbo banto, Meeussen (1959) dá o seguinte exemplo, em *quirundi* (D62), em que a posição 3 (a *pós-inicial*) não ocorre:

(1)

Nti - ba - zóo - tu - hit - ir - a - mwó

1 2 4 5 6 7 8 9

Neg1 3p Fut 1p Rad Ext VF Neg2

‘Eles não escolherão por nós’

Nesse exemplo, os elementos se seguem numa ordem fixa. A posição 1 é ocupada pela negação 1 (*Nti-* ‘não’). A posição 2 representa a *inicial* que é pronome (índice) de terceira pessoa do plural (*-ba-* ‘eles’). A posição 4 representa o marcador do futuro (*-zóo-*). A posição 5 representa o *infixo* que é aqui um pronome objeto da primeira pessoa do plural (*-tu-* ‘nós’). A posição 6 é o *radical* do verbo (*-hit-* ‘escolher’). A posição 7 representa o *sufixo* que aqui é uma extensão que expressa a transitividade (*-ir-*). A posição 8 representa a *final*, ou seja, a *vogal final* do verbo (*-a*). Finalmente, a posição 9 representa a *pós-final* que expressa a segunda negação (*-mwó* ‘não’). Com um certo cuidado, podemos afirmar que a *pré-inicial* e a *pós-final* são tratadas como não estando estritamente ligadas à palavra verbal como o são o índice do sujeito *-ba-* e a extensão *-ir-* que são obrigatórios nesse caso.

A partir de agora, trataremos da estrutura verbal proposta por Meeussen sob a óptica de Nurse. Assim sendo, o *radical*, posição 6.2 da estrutura de Nurse, é uma parte completamente aberta, ampla por ser lexical. Ela pode aceitar empréstimos de novos verbos oriundos de outros idiomas, mas preservando a morfologia do verbo na língua banta acolhedora. Por exemplo, em *lembaama*, os verbos no infinitivo têm *o-* como prefixo e *-a* como sufixo, que pode ser verificado no verbo ‘ler’, *o-liir-a*, emprestado do francês ‘lire’. As outras posições como a *inicial* (posição 2), a *pós-inicial* (posição 3), o *limitativo* (posição 5), o *infixo* (posição 6.1), o *sufixo* ou a *extensão* (posição 6.3), a *pré-final* (posição 7) e a *final* ou a *vogal final* (posição 8) são mais ou menos fechados, isso porque, no decorrer dos séculos, essas partes do verbo permitiram a formação de novos alomorfes. A *pré-inicial* (posição 1), o *formativo* (posição 4), e a *pós-final* são também posições que permitiram a aparição de novos membros no decorrer dos séculos, principalmente pela incorporação de um novo material por empréstimos ou por gramaticalização. Como é o caso comum em muitas línguas do mundo, de verbos como *ir*, *ficar*, *acabar* assumirem o papel de verbo auxiliar na formação de tempos compostos.

Apresentamos, na sequência, uma análise de cada uma das posições da estrutura do verbo banto acompanhada de ilustrações de algumas línguas bantas (Nurse, 2008: 32-39) e de exemplos do *lembaama*.

1 A pré-inicial

Meeussen coloca dois morfemas possíveis na *pré-inicial* porque são as categorias que preenchem esta posição. Trata-se da primeira negação e do relativo. O exemplo (1) do *quirundi* (D62), aqui renumerado, ilustra esse fato:

- (2) *Nti - ba - zóo - tu - hit - ir - a - mwó*
 1 2 4 5 6 7 8 9
 Neg1-3p. -Fut- 1p. -Rad. -Ext.- VF- Neg2
 ‘Eles não escolherão por nós’

As formas negativas que ocorrem na maioria das línguas bantas na *pré-inicial* seriam reflexos do morfema reconstruído como **(n)ka-*, embora tenha outras formas como **(n)ta-*, **ti-/ci*, e **(n)tl* que ocorrem também. A forma do relativo concorda com a classe do núcleo nominal da frase. É o caso dos exemplos²² das línguas *bushoong* e *lega* renumerados abaixo (NURSE, 2008, p. 32):

- (3) *bushoong* (C83)

a) Frase afirmativa:

t- -a- bók nyam
 1p PFTV fuzilar animal
 ‘nós fuzilamos o animal’

b) Frase negativa:

ka- *t- -a- bók nyam*
 NEG 1p PFTV Fuzilar animal
 ‘Não fuzilamos o animal’

A segunda categoria ou o segundo morfema que pode ocupar essa posição é o relativo. Por exemplo:

²² As glosas foram acrescentadas.

(4) *lega* (D25)

nnyama *zi-* *ba-* *ta-* *gik-* *é* *zábolé*

9carne 9REL- 2- NEG2 Cozinhar- VF apodrecerá

‘A carne que eles não cozinharem apodrecerá’

O relativo concorda com a classe do antecedente (*nnyama* ‘carne’) que deve ser da classe 9.

1.1 A pré-inicial em *lembaama*

Em *lembaama*, na *pré-inicial* só ocorre o relativo. O exemplo *lega* (D25) acima, traduzido para o *lembaama* seria:

(5) Frase com relativo

nam’ ábomakalaamádzuání,

ø-nama *a* *bó-* *ma-* *ka-* *laam-* *-á* *dzuá* *ní*

1-carne 1REL- 3p IS NEG cozinhar VF DEM NEG

‘A carne que ele(a)s não cozinharem,

ádzeɣo-bolo

á- *dɜ-* *ɛ* *o-bol-* *o*

IS ir VF 12-apodrecer VF

vai apodrecer’

O exemplo acima deixa claro que, em *lembaama*, o relativo aparece na posição pré-inicial, e concorda em classe com o antecedente.

2 A Inicial

Este é o lugar do sujeito que geralmente precede o verbo na maioria das línguas bantas. O sujeito, quando lexical ou pronominal, em algumas línguas, como *lembaama*, é retomado por um morfema que representa a concordância obrigatória entre o sujeito e o

verbo. Esse morfema é o Índice do Sujeito (IS), também denominado Marca do Sujeito (MS). Entretanto, existem línguas bantas que não marcam o sujeito por um índice (esteja ele sob forma lexical ou pronominal). Vejamos o exemplo²³ da língua *setsuana* (ou *tsuana*) que apresenta um sujeito sem índice na sua concordância com o verbo:

(6)

oroga batho

ù- rúχ- á bá-thù

2s- insultar- VF 2- pessoa

‘Você insulta as pessoas’

Como podemos observar nesse exemplo, depois da segunda pessoa do singular que é o sujeito, não temos nenhum morfema antes do verbo. Portanto, o sujeito não é retomado por morfema nenhum, ou seja, não há índice do sujeito nesse exemplo do *tsuana*.

Há línguas que colocam a marca do sujeito à direita da raiz verbal, como os clíticos e os pronomes nas relativas. No exemplo (7c). abaixo, em protobanto, reconstruído por Meeussen (1967:112-113 *apud* NURSE, 2008, p. 33), seria possível substituir o substantivo *muntu* ‘pessoa’, por um clítico pós-verbal ou por um pronome:

(7a)

mu- ntú a- ø- dim- a i- píá

1 pessoa IS1 zéro cultivar VF 5 horta

‘A pessoa cultiva a horta’

(7b)

mu- ntú ju- ø- dim- a i- píá

1 pessoa REL.3s zéro cultivar VF 5- horta

‘A pessoa que cultiva a horta’

²³ Exemplo extraído de Creissels (2004:6).

(7c). Exemplo com *mntu* ‘pessoa’ como sujeito do verbo *dima* ‘cultivar’

i- pía di- ø- dim- a mu- nt u
5 horta REL5 zero Cultivar VF 1 pessoa

‘A horta que a pessoa cultivava’

(7d). Exemplo com *pía* ‘horta’ como objeto do verbo *dima* ‘cultivar’

mu- nt u ju- tú- ø- dim- il- á- i- pía
1 pessoa REL3s 1p zéro Cultivar para VF 5 horta

‘A pessoa para a qual cultivamos a horta’

Substituir o sujeito lexical por um pronome é possível em algumas línguas bantas. Meeussen não dá exemplo nesse caso, mas Nsuka Nkutsi (1982, p. 248) dá o seguinte exemplo (sem glosa) na língua *bolia* (C35b):

(8a)

nyama ěbáátákí bonto

nyama ěbáátákí **bonto**

animal (Objeto) Verbo homem (Sujeito)

‘o animal que o homem teve’

(8b)

nyama ěbáátákí ndé

nyama ěbáátákí **ndé**

animal (Objeto) Verbo 3s (Sujeito)

‘o animal que ele teve’

De fato, no exemplo (8a) acima, podemos ver que o substantivo *bonto* ‘homem’, que desempenha o papel de sujeito nessa oração, aparece à direita da raiz do verbo. No exemplo (8b), vemos que esse substantivo pode ser substituído por um pronome da terceira pessoa do singular *ndé* ‘ele’ que continua desempenhando o papel de sujeito e que continua à direita da raiz verbal.

Nas relativas, a inicial contém, ao lado do sujeito, a marca do objeto se o objeto não estiver ligado ao verbo.

Outro caso em que o sujeito aparece depois do verbo, é o da inversão que se faz, geralmente, com locativos, a chamada ‘inversão locativa’. A expressão do locativo parece ter se movido do seu lugar original (pós-verbal) para uma posição pré-verbal deslocando o sujeito para uma posição pós-verbal. A estrutura verbal da construção invertida é a mesma de uma construção verbal não invertida. Vejamos alguns exemplos na língua *chewa* ou *cicewa* (N31b) tirados de Bearth (2003, p. 139) *apud* Bresnan e Kanerva (1989, p. 2):

(9a)

a lendô-wo a-na bwér-a ku-mu dzi
2 visitante aqueles **2** pass vir VF **Loc(17)-3** vila
 ‘Aqueles visitantes que vieram na vila’

(9b)

ku-mu dzi ku-na bwér-a a lendô-wo
Loc(17)-3 vila **17** pass vir VF 2 visitante aqueles
 ‘Para a vila vieram aqueles visitantes’

Vemos que no exemplo (9b) a concordância é feita entre a classe do locativo (classe 17) que está na posição inicial e o índice do sujeito ou marcador do sujeito (17). Vejamos um outro exemplo na mesma língua:

(10)

M-mi têngo mw-a khal -a a nyáni
18-4 árvore **18-** ANT sentar VF 2 babuíno
 ‘Na árvore estão sentados babuínos’

Mas se o verbo ‘sentar’, cujo particípio passado é usado aqui como adjetivo, for substituído por um verbo numa forma ativa, a oração torna-se agramatical. Vejamos este exemplo:

(11)

M-mi têngo mu-ku ímb -á a nyáni*18-4 árvore 18-** PROG cantar VF 2 babuíno

‘Na árvore estão cantando babuínos’

Essas inversões não são possíveis em *lembaama*. A tradução das orações com inversões acima é inaceitável em *lembaama*. Vejamos alguns exemplos:

(12a)

**ó mpuxu baari báá a dzí*

ó Ø-mpuxu ba-ari báá a dz- í

LOC 7-vila 2-pessoa DEM IS3p vir PFTV‘**Para a vila** vieram aqueles visitantes’

De fato, a oração acima só seria aceitável se o locativo e o lugar *ó mpugu* ‘na vila’ estivessem no final, isto é, depois do verbo. O mesmo acontece com a oração abaixo. Vejamos mais um exemplo:

(12b)

**ójul’ótí a lí m’ántjí áṅkímá*

ó júlá ó-tí a l- í má ántjí a-ṅkímá

Loc sobre 3-árvore IS2 estar PFTV Loc sentado 2-babuino‘**Na árvore** estão sentados babuínos’

(12c)

áṅkím’á lí m’ántjí ójul’ótí

a-ṅkímá a l- í má ántjí ó júlá ó-tí

2-babuino IS2 estar PFTV Loc sentado **Loc sobre 3-árvore**‘Os babuínos estão sentados **na árvore**’

2.1 A Inicial em *lembaama*

Em *lembaama* a posição inicial é ocupada pelo índice do sujeito. Exceto na primeira pessoa do imperativo, o IS está sempre presente nas formas verbais:

(13a)

mvuur 'ákúná ṅgwúnú

mv-	uuru	<u>á</u> -	kún-	á	ø-	ṅgwúnú
1	pessoa	IS1	cultivar	VF	7	plantação

‘A pessoa cultiva a plantação’

(13b)

báári mákúná ṅgwúnú

ba-	ari	<u>má</u> -	kún-	á	ø-	ṅgwúnú
2	pessoa	IS2	cultivar	VF	7	plantação

‘As pessoas cultivam a plantação’

(13c). Imperativo singular

ø-	dʒ-	á
Zero.2s	comer	VF

‘coma!’

(13d). Imperativo plural

1e-	dʒ-	á
IS.2p	comer	VF

‘comam!’

3 A Pós-inicial

O único morfema que ocorre nesta posição é o morfema da negação secundária que não aparece com a negação primária. A segunda negação foi provavelmente associada com contextos de orações não-principais, relativas, com verbos no imperativo e subjuntivo.

Os morfemas mais comuns que representam a segunda negação são reflexos de **-tí-*; reflexos de **-tá-* (cf. a língua *lega*), **-ka-*, **-ca-*, e **-na-* (com tom desconhecido) também ocorrem (e nessa ordem de frequência). O exemplo na língua *zalamo* (G33) apresentado por Nurse (2008, p. 34):

- (14) u- si- gul- e (*ti > si)
 2s- NEG2-comprar-SBJ
 ‘Não compre’

Meeussen trata a *pós-inicial* como uma posição contendo o marcador da negação (sem dizer se se trata da primeira ou segunda negação, de acordo com Nurse), e o *formativo* contendo os marcadores discretos de tempo e aspecto, portanto possíveis de ocorrer. Isso é verdadeiro nos exemplos (15) e (16). Entretanto, há também casos em que o marcador da negativa não foi acrescentado ao morfema de tempo e aspecto, e sim meramente substituído por ele, como a situação do *tsuana* estudada por Creissels (1999a). Vejamos os exemplos de Nurse (2008:34) para as línguas *londo*, *babole* e *nen*:

- (15a). *londo* (A11) - Forma afirmativa

a- mo- sak- á
 3s Pas procurar VF
 ‘Ele procurou’

- (15b). *londo* (A11) - Forma negative

a- sí- mo- sak- á
 3s NEG Pas procurar VF
 ‘Ele não procurou’

(16a). *babole* (C101) - Forma afirmativa

a-	á	dzie-	ak-	á
3s	Pas	comer	IPFV	VF

‘Ele comeu’

(16b). *babole* (C101) - Forma negativa

a-	Ka-	á-	dzíe-	ak-	á
3s	Neg	Pas	comer	IPFV	VF

‘Ele não comeu’

(17a). *nen* (A44) - Forma afirmativa

<i>mɛ</i>	<i>na</i>	samb–	é
1s	P2	colocar	VF

‘Coloquei’

(17b). *nen* (A44) - Forma negativa

<i>mé</i>	<i>sá</i>	samb–	ε
1s	P2	colocar	VF

‘Não coloquei’

Observa-se que a forma negativa distingue-se da afirmativa pelo tom alto na primeira pessoa do singular e pelo morfema *sá* no lugar de *na* para expressar o P2 (passado 2). Esses dois morfemas, portanto, acumulam a informação de tempo e de polaridade (afirmação e negação).

3.1 A Pós-inicial em *lembaama*

No caso do *lembaama*, que tem duas marcas obrigatórias de negação (*ka...ni*), a *pós-inicial* é *ka-* (exemplo 18), que deve ser uma herança do morfema **-ka-* do protobanto. Vejamos dois exemplos com tempo e aspecto diferenciados pelos tons, marcado no morfema de negação, que também informa tempo e polaridade:

(18) no passado

mé ká dʒá ní

mɛ é- ká- ø- dʒ- á ní

1s IS- Neg- zero- comer – VF Neg

‘Não comi’

(19) no presente e/ou futuro (próximo)

mé ka dʒá ní

mɛ é- ka- ø- dʒ- á ní

1s IS1s Neg zero comer VF Neg

‘Não como /Não vou comer’

De fato, os exemplos acima diferenciam-se pelos tons baixo e alto do morfema *ka*-. No passado (exemplo (18)), o morfema *ka*- tem um tom alto, enquanto no presente ou futuro (próximo) ele tem um tom baixo (exemplo (19)). Em *lembaama* não há um morfema que possa distinguir o presente do futuro nesse caso (Cf. no Capítulo V, sobre Tempo, Aspecto e Modo).

Considerando que as marcas da negação *ka* e *ni* formam um morfema descontínuo *ka....ni*, esse morfema ocupa duas posições na estrutura do verbo *mbaama*. São elas: a *pós-inicial* e a *pós-final* conforme os exemplos (18) e (19) acima.

4 O Formativo

Esta é a posição dos morfemas de tempo e aspecto, morfemas fundamentais para o verbo. O protobanto tinha uma repartição de funções entre essa posição e a vogal final; repartição pela qual os marcadores de tempo (inclusive na sua ordem) ocorriam na sua maioria nessa posição, enquanto os marcadores de aspecto ocorriam na vogal final. O *formativo*, dependendo da língua, também costuma receber marcadores de outras categorias gramaticais, tais como a condição, o modo e o foco.

Dado que a maioria das línguas bantas têm como estrutura silábica canônica V, CV, NV ou NCV, a maioria dos morfemas que ocupam essa posição adotam uma dessas estruturas silábicas, e os morfemas com novos papéis gramaticais também tendem a se reduzir a essas

estruturas. O processo de redução envolvido só ocorre nessa posição e em mais nenhuma outra na língua.

Segundo Nurse (2008), o fato de um morfema ter uma estrutura silábica maior do que a estrutura canônica (CV) pode ser um índice para reconhecer morfemas que estão desempenhando um novo papel gramatical na língua. Os exemplos em *lambda* (M54), a seguir, mostram isso:

(20a). *lambda* (M54)

tu-	∅-	cit-	a
1p-	∅-	fazer-	VF

‘Nós que fazemos’

(20b). *lambda* (M54)

tw-	a:-	cit-	a
1p-	ANT-	fazer-	VF

‘Nós fizemos’

(20c). *lambda* (M54)

tu-	la-	cit-	a
1p-	PRES-	fazer-	VF

‘Nós fazemos’

(20d). *lambda* (M54)

tu-	ka-	cit-	a
1p-	F3-	fazer-	VF

‘Nós faremos’ (futuro remoto ou distante)

(20e). *lambda* (M54)

tw-	aku-	cit-	a
1p-	F1-	fazer-	VF

‘Nós faremos’ (futuro próximo)

(20f). *lamba* (M54)

tu- **ci-** cit- a

1p- PRES- fazer- VF

‘Ainda nós fazemos/ ainda nós estamos fazendo’

(20g). *lamba* (M54)

tw- **luku-** cit- a

1p- IPFV- fazer- VF

‘Nós estamos fazendo’ (provavelmente < *li + ku ‘estar em’)

(20h). *lamba* (M54)

tw- **aku-** **luku-** cit- a

1p- F1 IPFV- fazer- VF

‘Nós estaremos fazendo’

(20i). *lamba* (M54)

tw- aku- **luku-** ci- cit- a

1p- F1 IPFV- Pres- fazer- VF

‘Ainda nós estaremos fazendo’

4.1 O Formativo em *lembaama*

Em *lembaama*, somente o tempo é marcado nessa posição. O aspecto é marcado na vogal final. Assim, o morfema de tempo é colocado antes do verbo e depois do índice do sujeito (IS) em *lembaama*, como se pode observar nos exemplos abaixo com o verbo *osiasa* ‘despedaçar um animal’:

(21). Oração no passado recente (P1)

bsí lé mísjasa náma

bsí lé mí- sjas- a ø- náma

1p IS1p P1 despedaçar VF 1- animal

‘Nós despedaçamos a caça’ (Há pouco tempo)

(22). Oração no passado distante (P2)

loβí bsí le másjasa náma

loβí bsí le má- sjas- a ø- náma

Hoje 1p IS1p P2 despedaçar VF 1- animal

‘Hoje nós despedaçamos a caça’ (Há muito tempo)

Como podemos observar, o *lembaama*, como o protobanto, apresenta morfemas indicadores de tempo que antecedem a raiz verbal. Quanto ao Aspecto, ele é marcado na vogal final (Trataremos desses temas no capítulo V).

5 O Limitativo

Meeussen (1967) propõe poucos marcadores nessa posição: *-kí-* ‘persistivo’ (marca uma ação que dura) e *-ka-* que ele chama de ‘narrativo’, que só ocorrem num número limitado de línguas.

Essa estrutura, segundo Nurse (2008, p. 37), resulta da gramaticalização das primeiras estruturas compostas nas quais o primeiro membro teria sido um verbo auxiliar, e o segundo, um verbo principal. Assim sendo, a proposta de Botne (1999) é de que um *-ka-* teria derivado de um verbo que significa ‘*ir*’. É o caso na língua *yanzi* (B85):

(23)

baar bá-má ka-kóm

ba- ar- bá- má- **ká**- kóm

2 pessoa IS ‘*just*’(ACABAR) ir pagar

‘As pessoas acabaram de ir pagar’

Como o limitativo é uma posição que não é obrigatória nem comum na maioria das línguas bantas, *lembaama* faz parte do grupo daquelas que não preenchem esta posição.

6 O Infixo

A posição do infixo contém marcadores dos pronomes objetos, que indicam a concordância com o objeto, que pode ser constituído de um ou mais nomes que seguem o verbo, ou um objeto que foi mencionado anteriormente. As línguas bantas usam três estratégias para marcar os objetos:

- 1) algumas línguas marcam os objetos nesta posição;
- 2) outras não permitem marcas nesta posição, mas no final do verbo como clíticos ou pronomes independentes;
- 3) outras ainda admitem as duas posições (a do *infixo* e a do final do verbo).

A posição do infixo será referida por IO (Índice do Objeto). Vejamos um exemplo renumerado, em *quissuaíli* (BEARTH, 2003, p. 123):

(24) *quissuaíli* (G41-3)

nataka kumwoa

na	taka	ku-	mw	oa
(1s) Prog	querer	Inf	IO1	casar

‘(Eu) Quero casar com ela’

6.1 O Infixo em *lembaama*

Das três estratégias indicadas acima, a língua *lembaama* usa a terceira. Isto é, o índice do objeto pode vir antes ou depois do verbo em alguns casos. Vejamos alguns exemplos:

(25a). Afirmação

mwan’átendε o sǎngumu

mu-	áná	á-	ø-	tend-	ε	o-	sǎngumu
1-	filho	IS1	zero	escrever	VF	12	papel

‘O filho escreve/ está escrevendo/ vai escrever a carta’

(25b1). Afirmação

nd' á tɛndɛ tʃó

ndé a- ø- tɛnd- ɛ tʃó

3s IS3s zero escrever VF IO12

'Ele(a) vai escrevê-la / a escreve / está escrevendo-a'

Mas é impossível colocar o IO entre o IS e o verbo:

* (25b2)

ndé á tʃó tɛndɛ

ndé á- tʃó tɛnd- ɛ

3s IS3s IO12 escrever VF

(25c). Interrogação

nd' á tɛndɛ tʃóó ?

ndé á- ø- tɛnd- ɛ tʃóó

3s IS3s zero escrever VF IO12

'Ele(a) vai escrevê-la? / a escreve?/ está escrevendo-a?'

Aqui há focalização do índice do objeto. A focalização consiste em assinalar de maneira explícita um constituinte que desempenha o papel discursivo de foco. Segundo Creissels (2006, p. 111), a noção de foco é evidente na resposta às perguntas que incluem pronomes ou advérbios interrogativos: num contexto como esse, só o constituinte que corresponde à pergunta pode ser focalizado. É, portanto, o caso nas interrogações em *lembaama* acima. O autor (2006, p. 121) distingue três maneiras de focalizar um constituinte sem marca morfológica: só pela entoação, só pela ordem das palavras, ou combinando entoação e a ordem das palavras. De fato, em *lembaama*, o foco é marcado pela combinação da ordem das palavras e da entoação. A palavra focalizada sempre vem no final da frase. A focalização é sempre reforçada pelo alongamento da vogal final do termo focalizado. No exemplo acima, é a vogal do IO que é alongada. Na ausência de uma palavra interrogativa, há

sempre focalização do constituinte sobre o qual a interrogação se baseia. Vejamos outros exemplos:

(25d). Interrogação com alongamento da vogal final do verbo. O foco é colocado no verbo.

ndé tʃʷá tɛndɛɛ ?

ndé tʃó á- ø- tɛnd- ɛɛ

3s IO12 IS3s zero escrever VF

‘Ele vai escrevê-la? / a escreve?/ está escrevendo ela?’

Nesse exemplo (25d), também, o IO não pode vir logo depois do IS. A oração seria agramatical.

Em (25e) temos uma interrogação com foco no pronome da terceira pessoa do singular (ndé ‘ele/ela’) que se refere a mwáná ‘criança’ do exemplo (25a), que aparece como dêitico.

Há também alongamento da vogal desse pronome dêitico que é o elemento focalizado na sentença (25e) abaixo:

(25e)

átɛndɛ tʃó ndéé ?

á- ø- tɛnd- ɛ tʃó ndéé

IS3s zero escrever VF IO12 3s

‘é ele que vai escrevê-la?’

(25f). Afirmação

átɛndɛ tʃó ndé

á- ø- tɛnd- ɛ tʃó ndé

IS3s zero escrever VF IO12 3s

‘é ele que vai escrevê-la’

A afirmação acima (25f), seria a resposta da seguinte pergunta formulada com uma palavra interrogativa:

(25g).

átendε tʃó ná

á- ø- tend- ε tʃó ná

IS3s zero escrever VF IO12 **quem**

‘Quem (é que) vai escrevê-la’

Numa oração interrogativa negativa, sem palavra interrogativa, a entoação focaliza também a última palavra que é o último elemento da negação (*ni*) alongando também a sua vogal. Vejamos este exemplo:

(25h).

átendε tʃó ká ndé níí

á- ø- tend- ε tʃó ká ndé níí

IS3s zero escrever VF IO12 Neg1 3s Neg2

‘Não é ele que vai escrevê-la?’

Portanto, a partir da observação dos exemplos (25c, 25d, 25e, 25f, 25g, 25h), podemos afirmar que a interrogação, em *lembaama*, se faz de duas maneiras:

- a) por uma palavra interrogativa (cf. exemplo (25g));
- b) pelo alongamento da vogal final da última palavra da sentença, seja ela qual for (Cf. exemplos (25c, 25d, 25e, 25h)).

Como podemos ver, em geral, o índice do objeto ocorre depois do verbo tanto nas orações afirmativas como nas orações interrogativas. Observamos que a interrogação feita sem palavra interrogativa, isto é, pela entoação, é sempre acompanhada pelo foco, ou seja, é a interrogação pela entoação que provoca o foco e o consequente alongamento da vogal final. O elemento focalizado nos exemplos acima sempre aparece no final da oração. Esse elemento pode ser um verbo (Cf. exemplo (25d)), um IO (cf. exemplos (25c) ou uma negação (25h)).

7 O Radical

O radical, ou raiz, é o “constituente da palavra que contém o significado lexical e não inclui afixos de flexão, mas pode incluir afixos derivacionais” (XAVIER; MATEUS, 1992, p. 321).

Em nossa análise, distinguimos radical de raiz. Para nós, raiz não inclui a extensão (afixos derivacionais), enquanto o radical inclui a extensão. Temos, por exemplo, as seguintes formas verbais em *lembaama*:

(26a). **odʒra** ‘verter/jogar’ onde a raiz é **-dʒr-**

(26b). **odʒriʔa** ‘estar vertido/jogado’ em que o radical é **-dʒriʔ-** (com a inclusão da extensão):

o	-dʒr-	-iʔ-	a
12	raiz	extensão	VF
	‘estar vertido/jogado’		

A maioria dos radicais tem a forma CVC, em que C2 pode ser uma consoante pré-nasalizada: algumas das raízes têm a forma CV, incluindo verbos comuns como – (y)VC-VC ou – CVC- CV. Segundo Nurse (2008), a maioria dessas raízes já deve ter sido um radical, ou seja, raiz seguida de extensões, embora estas últimas sejam semanticamente opacas hoje.

Quase todas as línguas bantas do leste e do sudeste da África têm verbos com uma reduplicação parcial da vogal da raiz que têm um significado lexical. Este é um dos fatos que diferenciam essas línguas (do leste e do sudeste da África) das línguas bantas do noroeste da África. Essas línguas não apresentam esse fenômeno de reduplicação que seria mais uma herança do protobanto. Por exemplo, no protobanto temos: **-pat-* ‘segurar’, mas **-pa-pat-* ‘tocar, mover-se às cegas’. Vejamos alguns exemplos de reduplicação em verbos com raízes do tipo -C- em duas línguas faladas em Moçambique (NGUNGA, 2004):

(27a) <i>ronga</i> (S54)	-detetel- a	‘comer repetidamente’
	-tetetel- a	‘vir repetidamente’

(27b) <i>yao</i> (P21)	-swaaswaaswa	‘entardecer muitas vezes’
	-vaavaava	‘ser/estar muitas vezes’

Segundo o autor, na língua *ronga*, por exemplo, a reduplicação de radicais do tipo -C- limita-se apenas ao aspecto semântico, uma vez que esta língua faz uso de dispositivo morfológico que não comporta nada de reduplicação. Trata-se da extensão frequentativa. Em *yao*, vê-se que a base é repetida duas vezes, o que não acontece com reduplicação de radicais longos (NGUNGA, 2004, p. 190-1).

7.1 O Radical em *lembaama*

7.1.2 Raízes não derivados

Lembaama apresenta consoantes pré-nasalizadas, palatalizadas e labializadas (cf. quadros fonético e fonológico das consoantes acima).

a) -tipo -C- (-C-; -NC-; -C^w-) : esse tipo de raízes é constituído por consoantes simples, africadas, pré-nasalizadas, palatalizadas e labializadas.

(28) Exemplos: -**k**- ‘ficar’; -**tʃ**- ‘dormir’; -**mp**- ‘dar’; -**dʒʲ**- ‘amar’ ; -**tʃ^w**- ‘morder’;

b) -tipo -CC-: esse tipo de raiz pode ter uma sequência de duas consoantes, sendo que a primeira pode ser uma labial ou labializada.

(29) Exemplos: -**br**- ‘arrancar’; -**k^wr**- ‘enganar’; -**k^wl**- ‘dar luz’;

c) -tipo -CVC-: esse tipo é constituído pela sequência consoante, vogal, consoante. Sendo que a vogal pode ser alongada.

(30) Exemplos: -**man**- ‘acabar’; -**jay**- ‘pegar’; -**léɣ**- ‘colocar’; -**láás**- ‘vestir’

d) -tipo -CVCVC- : esse tipo é constituído pela sequência consoante, vogal, consoante, vogal, consoante. Sendo que a primeira consoante pode ser uma africada.

(31) Exemplos: -**kúmun**- ‘derrubar’ ; -**núruɣ**- ‘cheirar’ ; -**tsìnìŋ**- ‘empurrar’

Na maioria das línguas bantas, as raízes dos verbos têm frequentemente a estrutura CVC (cf. exemplo 30 acima).

8 A Extensão

Temos duas denominações para esta posição: a de Meeussen (1959) e a de Nurse (2008). Para Meeussen trata-se de um sufixo, enquanto Nurse (2008, p. 37) e outros bantuístas substituíram o termo sufixo por extensão. Mas essa substituição não chega a ser tão rígida, já

que há um pequeno número de morfemas que aparecem nessa posição sem ser tão produtivos quanto os verdadeiros sufixos derivativos ou extensões. A maioria das extensões expressa categorias derivacionais de mudança de valência. Segundo Schadeberg (2003a), as extensões mais comuns são: o aplicativo (também chamado dativo, preposicional), o causativo, o extensivo, o impositivo, o passivo, o posicional (estático, estativo), o recíproco (associativo), o separativo (reversivo), o estativo (também chamado de intransitivo ou neutro), e o tentivo (contactivo). Muitas dessas extensões podem ocorrer simultaneamente. Quando isso acontece, elas tendem a fazê-lo respeitando uma certa ordem canônica (neutra) (por exemplo: ‘CARP’ = causativo, aplicativo, recíproco, passivo (HYMAN, 2002)). Essa ordem pode variar dependendo da sintaxe, do significado e das restrições da língua. A maioria das extensões tem tom baixo. Entretanto, elas são afetadas pelo processo que propaga o tom alto da final que as segue à sua esquerda dentro da extensão.

8.1 A Extensão em *lembaama*

Em *lembaama* chamamos de *extensões* os sufixos derivativos que ocorrem depois da raiz do verbo e antes da vogal final, e que alteram a valência do verbo. Vejam alguns exemplos de extensões aplicativas:

(32) *Pessoa*

nd'á b'éér'é mwáná

nd'é á b'é- ér- é mu- áná

3sg IS bater- TA- VF 1- criança

‘Ele(a) bate na criança’

(33) *Objeto*

nd'á b'éréyé ṅgómo

nd'é á b'é- réy- é ø- ṅgómo

3sg IS bater- TA- VF 7- tambor

‘Ele bate o tambor’

No exemplo (33) trata-se de uma extensão que só se usa quando se trata de tocar um instrumento, o tambor, no caso. Enquanto no exemplo (32) essa forma verbal pode ser usada quando se trata de bater em uma pessoa (cf. capítulo IV).

9 A Pré-final

Nurse (2008, p. 37) afirma que esta é a posição do morfema *-ag-* (que tem como variante regional *-ang-*) de comportamento ambíguo, porque expressa ‘o imperfectivo, o repetitivo e o habitual’. Em algumas línguas, esse morfema ocupa a posição de uma extensão, em outras ele aparece antes da vogal final que é uma vogal flexional. Em outras ainda, o morfema *-ag-* convive nas duas posições e assume os dois papéis, como se observa no exemplo abaixo:

(34) *bena* (G63)

ndi- laa- gul- **ang-** **ag-** a

1s- FUT- Comprar **Ext.** **Pré-f.** VF

‘Eu estarei comprando em quantidades’

Nesse exemplo, podemos ver que o morfema *-ag-* e sua variante *-ang-* ocupam as posições da extensão (*-ang-*) que significa ‘em quantidades’ e da pré-final (*-ag-*) que expressa o aspecto ‘imperfectivo’ (estar + gerúndio).

Em *lembaama*, o lugar da *pré-final* é ocupado pela *extensão* (cf. extensão acima). Não há distinção entre a posição da extensão e da pré-final como em *bena* (G63).

10 A Final ou Vogal Final

Um pequeno número restrito de morfemas ocorre na posição final do verbo nas línguas bantas. Tais morfemas são sempre vogais. Entre os mais frequentes estão: a vogal *-a* que é neutra; as vogais finais *-I* e *-e* que indicam o modo subjuntivo (essas vogais em geral têm tom alto); *-ile* passado anterior; *-a(n)g-a* imperfectivo. Outros são menos comuns: *-I* anterior / passado próximo/estativo; *-I* negação; e o morfema envolvendo uma cópia da vogal da raiz. Todos esses morfemas finais expressam o aspecto e o modo do verbo no protobanto. O Indicativo/Neutro *-a* é considerado não-marcado ou neutro, os outros são considerados

marcados. Vejamos alguns exemplos citados por Nurse (2008:38), e que apresentam todas as categorias que a vogal final pode expressar nas línguas bantas :

(35a). *tumbuka* (N 21) - A vogal final expressa *o aspecto perfectivo*

t(i)-a-timb-a

ti- a- timb- a

1p P1 grudar PFTV

‘Nós grudamos’ (hoje)

(35b). *tumbuka* (N 21) - A vogal final expressa *o modo subjuntivo*

ti- (ka) -tol -e

1p (Itivo) pegar SBJ

‘Nós vamos (ir e) pegar’

(35c). *tumbuka* (N 21) - A vogal final expressa *o aspecto imperfectivo*

t(i)-a-timb-anga

ti- a- timb- Anga

1p P1 atacar IPFV

‘Nós estávamos atacando (hoje)’

(36) *vunjo* (E62) - A vogal final expressa *o passado anterior*

ngí-∅-wóny-í

ngi- ∅- m- bom- ie (-ie < *-ile)

1s nulo IO3s ver ANT

‘Eu vejo ela’/‘Eu tenho visto ela’

(37) *venda* (S20) - A vogal final expressa *a negação*

a- ri- ∅- rém- í

NEG 1p nulo cortar NEG

‘Nós não cortamos’/ ‘Nós não estamos cortando’

(38) *ngombe* (C41) - A vogal final expressa o modo subjuntivo

Na- ø- sómb- é

1s nulo comprar SBJ

‘Deixe-me comprar’

10.1 A vogal final em *lembaama*

Em *lembaama*, a vogal final varia de acordo com o Tempo, o Aspecto e o Modo (TAM). Nesse sentido, ela pode diferenciar, por exemplo, o infinitivo do aspecto perfectivo. Meeussen, A. E. (1967, p. 94), reconstruindo o banto comum, quando trata da derivação nominal, afirma que algumas reconstruções terminam em **-a** e significam ‘ação’: ‘*Some reconstructions point to stems in -a ..., with the meaning “action”*’. De fato, diferente do substantivo, sendo o verbo a ação por excelência, nas línguas bantas a maioria dos verbos terminam em **-a** no infinitivo. Essa opinião é também confirmada por D. Creissels (2004b) no seu estudo sobre o infinitivo da língua *tsuana*.

Quanto ao *lembaama*, os verbos *mbaama* terminam em **-a**, **-ε**, **-ɔ** e **-i**. Vejamos alguns exemplos de infinitivos:

(39a).

odʒá

o- dʒ- á

12 (Inf) comer **VF**

‘comer’

(39b).

odʒé

o- dʒ- é

12 ir **VF**

‘ir’

(39c).

otó

o- t- ó

12 chegar VF

‘chegar’

(39d).

olí

o- l- í

12 estar VF

‘estar²⁴’

Em *lembaama*, a vogal final diferencia também os aspectos perfectivo e imperfectivo. Vejamos estes exemplos:

(40). Aspecto imperfectivo

baáná má dʒá biila

ba- áná má ø- dʒ- á ø- biila

2 criança IS2 zero comer VF 4 comida

‘As crianças **comem** / **estão comendo** comida’

(41). Aspecto perfectivo

baáná á dʒí biila

ba- áná á ø- dʒ- í ø- biila

2- criança IS2 zero comer- VF 4- comida

‘As crianças **comeram** comida’

Como podemos ver, a vogal final (VF) nos exemplos acima indica o TAM (tempo, aspecto e modo), o **-a** em (39a) indica o infinitivo e o **-i** em (41) indica o aspecto perfectivo.

²⁴ As línguas bantas têm muitos verbos que podem ser traduzidos por ‘estar’ que representa um estado temporário. Os mais frequentes são *-li* e *-ri* ‘estar em/num lugar particular’ (Nurse, 2008:98).

Por outro lado, devemos respeitar certas correlações entre morfemas para expressar certos aspectos. Por exemplo, para expressarmos o imperfeito em *lembaama*, na terceira pessoa do plural, há uma correlação entre morfemas zero na raiz verbal e comutação de vogais finais (cf. exemplos (40)).

11 A Pós-final

O morfema mais frequente nesta posição nas línguas bantas é **-ni*. Ele ocorre em todas as zonas exceto na zona F, onde as línguas têm a final -I. Apresenta as seguintes formas alternativas -(V)ni, -Vnu e Vna, onde a Vogal Final tem geralmente um tom alto e está ligada às formas pronominais na segunda pessoa do plural. Este morfema é glosado por Meeussen como ‘plural imperativo’ e por Guthrie como ‘um sufixo plural’ nas interjeições’. Embora ocorra na maioria das vezes na segunda pessoa do plural nos imperativos, esse não é o seu único uso; ele ocorre também na primeira pessoa do plural e está presente, em algumas línguas, para todos os plurais e nos modos não-imperativos e que desempenham um papel na distinção entre o dual e o plural. Vejamos os seguintes exemplos no imperativo, no dual e no plural em LBs:

(42a). *bemba* (M42)

bomb-a ‘trabalhe’ (singular)

bomb-eni ‘trabalhem’ (plural): aqui ele marca a segunda pessoa do plural do imperativo.

(42b). *lamba* (M54)

ka-um-y-a ‘ir’ (dual)

ka-mu -y-e:ni ‘ir’ (plural)

(42c). *benga* (A34)

kal-aka ‘falar’ (dual)

kal-aka-ni ‘falar’ (plural)

ho-kala-ni , *ho-kal-aka-ni* ‘Vamos falar’ (imperativo)

(42d). *nkoya* (L62)

mona ‘ver, olhar’ (singular)

mon-enu ‘ver, olhar’ (plural)

Nas línguas contemporâneas, outros morfemas e categorias podem ocorrer na pós-inicial, porque, assim como para a pré-inicial, as posições ao redor do verbo tendem a atrair um novo material recentemente gramaticalizado. Essas novas categorias incluem locativos, pronomes objetos, foco, aspecto e tempo. Assim, em *benga* (A34), o morfema *-ngo* que aparentemente expressa o imperfeito ocorre na pós-final:

(43) *benga* (A34)

mbikalango

mbi- ka- a- ngo

1s Falar VF IPFV

‘Eu estou/estava falando’

Ao menos duas dessas categorias adotadas por algumas línguas hoje, como pronomes objetos e clíticos, começaram na língua, sem dúvida, como elementos pós-verbais independentes que foram atraídos pelo verbo no decorrer dos tempos. O estatuto contemporâneo desses morfemas como elementos independentes, como clíticos ou sufixos nem sempre é claro.

11.1 A Pós-final em *lembaama*

Em *lembaama*, depois da VF, portanto, na *pós-final*, dependendo da sentença, podemos ter um objeto ou o índice do objeto. Por exemplo:

(44) O índice do objeto (IO)

bááná má dzábiila || bó má dzá dzó

bá- áná má- dz- á ø- biila bó má- dz- á dzó

2- criança IS2 comer VF comida 3p Pres comer VF IO

‘As crianças comem/vão comer a comida. Eles comem-na/ vão comê-la’

Podemos também ter o segundo elemento da negação: o morfema *ní*. Por exemplo:

(45a)

bááná má ka dʒábiila ní.

bá- áná má- ka dʒ- á ø- biila ní

2- criança IS2 Neg comer VF comida Neg

‘As crianças não comem/ não vão comer a comida.

(45b)

bó má ka dʒá dʒó ní

bó má- ka dʒ- á dʒó ní

3p Pres Neg comer VF IO Neg

Eles não comem-na/ não vão comê-la’

A negação é composta por duas marcas: *ka...ni*. Um morfema descontínuo, como foi dito acima. A segunda marca (*-ni*) é a única que vem depois da VF.

Em síntese, da estrutura verbal oriunda do protobanto, que é geral e comum a todas as línguas bantas (cf. Meeussen, (1959) e Nurse (2008), o *lembaama* herdou e conservou as seguintes posições e seus elementos:

1. A *pré-inicial*, que pode ser um relativo;
2. A *inicial*, que pode ser um sujeito e/ou um índice do sujeito que nunca aparece no imperativo singular;
3. A *pós-inicial*, que pode ser a primeira parte da negação (*ka-....*);
4. O *formativo*, que representa, em geral, o morfema de tempo. Ele pode, por exemplo, distinguir o passado recente (*mi-*) do passado distante (*má-*) por exemplo;
6. O *infixo* que pode ser o índice do objeto (IO) e que é um morfema independente;
7. O *radical*, que é um elemento obrigatório por ser constituído pela raiz do verbo e por uma extensão (às vezes), é uma posição sempre preenchida;
8. A *extensão*, que representa os sufixos derivativos. Não é uma posição sempre preenchida, já que os sufixos derivativos são poucos (têm um número limitado em cada língua banta);
10. A *final*, que é a *vogal final*. Ela é obrigatória, já que ela indica o aspecto (o perfectivo ou imperfectivo);
11. A *pós-final* onde só cabe o objeto ou o índice do objeto e a segunda parte da negação (*....-ni*).

Em *lembaama* só falta a posição 5, o *limitativo*.

A saturação máxima da estrutura verbal em *lembaama* tem os seguintes elementos:

(um sujeito) + um índice do sujeito + (Neg) + uma marca de tempo + Raiz do verbo + (uma extensão) + uma vogal final + (objetos ou um índice do objeto) + (Neg).

Vale lembrar que os elementos acima se seguem tanto no verbo como na oração numa ordem fixa. As posições entre parênteses não são obrigatórios. Vejamos um exemplo:

(46)

bááná má kajisiʁ'ákwúrúmbjaní

ba-	áná	má	ka	ø-	ji-siʁ-	a	a-	kwúrú	mbija	ní
2	crianças	IS	Neg	zero	ensinar- Ext.Ben-	VF	2	velhos	caça	Neg
Sujeito		IS	Neg	MT	Radical do verbo	VF	2	O1	O2	Neg

‘crianças não ensinam/ não vão ensinar a caça aos velhos’

Apresentamos a seguir uma descrição sintática de cada elemento da estrutura verbal do *lembaama*:

a) *O sujeito*

Qualquer substantivo ou pronome pode assumir a função de sujeito, que aparece no primeiro lugar da estrutura. Os substantivos do *lembaama* são classificados por prefixos. Os prefixos por sua vez são classificados em classes. Cada nome ou substantivo pertence a uma das 12 classes nominais do *lembaama* (Okoudowa, 2005:29). Vejamos estes exemplos de orações com pronome sujeito e com sujeito lexical:

(47). Com sujeito lexical

mwán'álila

mu-	áná	a	ø	-lil-	a
1-	criança	IS1	Pres	chorar	VF

‘A criança chora’

(48). Com pronome sujeito

nd'álila

ndé a ø -lil- a

3s IS1 Pres Chorar VF

'Ele(a) chora'

b) O índice do sujeito

É obrigatório em todas as formas verbais flexionadas. Salvo no imperativo singular que é um modo que geralmente não admite um sujeito explícito (cf. modo imperativo no capítulo V). Trata-se de um morfema que retoma o sujeito, com quem concorda em classe. Ocupa o primeiro lugar no verbo propriamente dito (excluindo o sujeito do verbo).

Nas orações acima o índice de sujeito dos sujeitos *mwana* e *ndé* é **a**.

Vejamos este exemplo no imperativo com o IS sem o sujeito:

(49)

ηaa, letʃʷólóndé

ηaa **le-** tʃʷól- ó ndé

Então **IS1p** chamar VF 3s

'Então, vamos chamá-lo(a)'

Os pronomes pessoais do *lembaama*, apresentam-se da maneira seguinte, com seus respectivos índices do sujeito (os mais usados estão em negrito):

Quadro 6: Pronomes pessoais do lembaama

Singular			
Pessoas	Pronomes	Índice do sujeito	Tradução
1 ^a	mé	e	eu
2 ^a	wé	o, a	você
3 ^a	ndé	o, a	ele/ela
Plural			
1 ^a -a	bsí, sáá-bo	le	Nós exclusivo ²⁵ (eu e eles/elas)
-b	sáá- wε	le	Nós inclusivo (eu e você)
-c	sáá-ndé	le	Nós exclusivo (eu e ele/ela)
-d	sáá-bé	le	Nós inclusivo (eu e vocês)
2 ^a	bé	le	vocês
3 ^a	bó	a, ma	Eles/elas

Alguns pronomes podem ter mais de um índice do sujeito já que ele pode variar em tempo e aspecto. É o caso das duas últimas pessoas do singular (segunda e terceira) e da terceira pessoa do plural. O índice **o** é usado com o passado e o aspecto perfectivo. Enquanto o índice **a** é usado com o presente/futuro e o aspecto imperfectivo. Resumindo, o índice da esquerda é usado com o passado e o aspecto perfectivo. O da direita é usado com o presente/futuro e o aspecto imperfectivo.

c) A negação

Em *lembaama*, como já foi dito, a negação de qualquer forma verbal flexionada é formada por um morfema descontínuo com dois elementos: *ka...ní*. O primeiro é o morfema, *ka...* (de tom baixo), que vem sempre entre o índice do sujeito e o radical do verbo. A última parte desse morfema, *...ní* (de tom alto), vem sempre no final do verbo, depois da vogal final.

²⁵ Exclusivo e inclusivo, sempre com relação ao interlocutor: exclui ou inclui. Em negrito, estão as formas mais usadas.

(50)

mwán'á **kalilaní**mu- áná á **ka-** ø -lil- a **-ní**

1- criança IS1 Neg chorar VF Neg

‘A criança não chora/não vai chorar’

(51)

nd'á **kadzandza** blá wenínde á **ka-** ø -dzandz- a blá we **-ní**

3s IS2s Neg MT trabalha VF com 2s Neg

‘Ele(a) não trabalha/não vai trabalhar contigo’

d) A marca de tempo

Aparece sempre à esquerda do radical do verbo entre o índice do sujeito e o radical (para uma oração afirmativa) ou entre a primeira parte da negação e o radical do verbo em sentenças negativas. Nos exemplos acima, o tempo é marcado pelo morfema zero (ø). Trata-se de um tempo que é concomitante ao momento da enunciação. Se usarmos um desses enunciados no passado, teremos um índice do sujeito diferente e uma marca do passado.

(52)

mwán'ómílila

mu- áná o **mí** -lil- a1- criança **IS1 P1** chorar **VF**

‘A criança chorou’

Como podemos observar, nesse exemplo, o passado é marcado pelo morfema *mí-* que é anteposto ao radical verbal. Comparando com o exemplo 47 acima, vemos que além do índice do sujeito (que mudou de **a** no presente para **o** no passado), a marca de tempo, também mudou (de zero no presente, para *mí-*, com tom alto, no passado). Dessa maneira, cada índice

do sujeito é usado de acordo com seu devido tempo. O morfema *mí-* marca o passado recente (P1). Ele indica uma ação que acabou de se realizar há pouco tempo (cf. Capítulo V).

e) A raiz e o radical do verbo

Trata-se do verbo na sua forma mais simples: é o verbo desprovido de seus afixos e infixos, mas que possui o significado deste. Por exemplo, temos o verbo *odzá* ‘comer’. Nessa forma verbal, o **o-** é o prefixo verbal marcador do infinitivo. O **-dz-** é a raiz (por ser um verbo sem extensão) e o **-a** é a vogal final. Caso tenhamos um verbo que apresente uma extensão, teremos uma situação diferente:

(53)

odʒra

o -dzr- a

12 Raiz VF

‘Verter’

(54)

odʒriʁa

o -dzr- iʁ- a

12 **Raiz** **Ext** VF

‘Verter-se’

No exemplo 53, temos um verbo sem extensão. A raiz ou o radical dele é *-dzr-* ‘verter’. No exemplo 54 pelo contrário, temos a mesma raiz e a extensão reversiva representada pelo morfema derivativo *-ig-*. Nesse caso, o radical é *-dzrig-* ‘verter-se’. Ou seja, o radical inclui a extensão.

f) A extensão

Trata-se de um morfema derivativo, que aparece entre a raiz do verbo e a vogal final deste, para lhe mudar o sentido. Assim, a raiz e a extensão formam o radical de um verbo (que tem uma extensão). (cf. Capítulo IV).

g) A vogal final

Trata-se da última vogal do verbo como o seu próprio nome diz. Em um verbo flexionado, ela indica essencialmente o aspecto. O aspecto é geralmente posposto ao radical do verbo em *lembaama*. Vejamos este exemplo:

(55)

mwán'álílí

mu- áná á -lil- í

1- criança IS1 chorar VF

‘A criança chorou’

Se comparado ao exemplo 52 (acima), podemos observar que em 55, a vogal final e o IS mudaram. Embora o significado da oração seja o mesmo “a criança chorou”, neste, consideramos o aspecto como acabado; não o tempo (marcado à esquerda do radical). Esse aspecto é marcado pela vogal final -í (à direita do radical) que geralmente tem um tom alto. Exceto no habitual passado.

h) O(s) objeto(s)

Trata-se de todo nome ou pronome que estabelece uma relação transitiva com o verbo. O objeto é geralmente posposto ao radical e aparece depois da vogal final.

(56a).

mwán'ómííliláṅgúxú

mu- áná ó mí -lil- a ø-ṅgúxú

1- criança IS1 P1 chorar VF 1-mãe

‘Literalmente: A criança chorou a mãe (A criança chorou pela ausência da mãe)’

(56b).

mwán'ómíílilándé

mu- áná ó mí -lil- a ndé

1- criança IS1 P1 chorar VF 3s

‘A criança a(o) chorou’

Mas o objeto também pode ser anteposto ao verbo. Principalmente em uma oração interrogativa com ênfase.

(56c).

mwáná, ṅgúx'álilaa

mu- áná ø ø-ṅgúxú a -lil- a

1- criança MT 1-mãe IS1 chorar VF

‘A criança chora/está chorando/vai chorar a mãe?’ ou

‘É **a mãe** que a criança chora/ está chorando/vai chorar?’

Neste exemplo, o objeto é ‘a mãe’, que é enfatizado, por isso antecede o verbo.

12 Conclusão

Por todas essas razões, a estrutura verbal *lembaama* se diferencia do protobanto pelas seguintes características:

- i) *Lembaama* não aceita a ‘inversão locativa’ nem a posição: o limitativo;
- ii) aceita infinitivo com as seguintes vogais finais: **ɔ**, **ɛ** além de **a** e **i**;

- iii) *não distingue a posição sufixo ou extensão da pré-final;*
- iv) *a negação de qualquer forma verbal flexionada é formada pelo morfema descontinuo ka...ní;*
- v) *o IO é posposto ao verbo. Trata-se, como já foi dito, de um pronome independente.*

Creissels (1991, p. 293) ao estudar as ‘formas verbais simples’ do *tsuana* (S31), apresenta a estrutura do verbo banto como uma sequência de 8 posições, das quais três são necessariamente fornecidas (as que não estão entre parênteses):

(1) 2 (3) (4) (5) 6 (7) 8

Essas posições não mudam de nome nem de função com Creissels (cf. descrição acima). Ele só destaca algumas funções. Assim, segundo ele, a posição 6 é a do elemento lexical irredutível (o radical). A posição 2 é a do índice de sujeito (obrigatoriamente presente em *tsuana*). A posição 5 é aquela que ocupa um morfema -i(N)- usualmente designado como reflexivo (para o *tsuana*). A posição 7 é a dos morfemas chamados ‘extensões verbais’ nas línguas bantas. São possíveis associações de vários morfemas deste tipo. Vejamos alguns exemplos do *tsuana* (S31) dados por Creissels (Op. Cit., p. 294):

(57a) *tsuana* (S31) ki- rék- a lo bone ‘Eu compro uma lâmpada’

2 6 8

1s comprar VF 11 lâmpada (glosa acrescentada)

(57b) *tsuana* (S31) ki- a- ló- rék- a ‘Eu compro-a’

2 3 4 6 8

1s Pres IO comprar VF (glosa acrescentada)

Ainda, segundo o autor, a descrição das posições 1, 3 e 8 coloca um problema particular: se é possível ter uma independência relativa entre as outras posições cuja sequência define a palavra verbal, o mesmo não se pode dizer para as posições 1, 3 e 8; há tantas obrigações mútuas que não dá para analisá-las isoladamente: de fato, num enunciado contendo um verbo flexionado numa língua banta, o verbo está interligado ao sujeito, ao objeto e a todos os índices ou marcas pela concordância em número. No verbo encontramos vários elementos fundamentais que determinam o sentido do enunciado, pelo menos numa descrição sincrônica (só a posição 8 ou final está necessariamente presente), ela predomina

globalmente, pois é ela que determina o significado da forma verbal do ponto de vista do aspecto, do modo e da negação.

O linguista moçambicano Armindo Ngunga (2004, p. 149), num estudo sobre línguas bantas, apresenta a estrutura do verbo banto de forma hierárquica:

Onde Tema F: Tema Flexionado; Tema D: Tema derivado; MS: Marca de sujeito ou índice sujeito (para outros estudiosos); PS: pós-sujeito; PI: Pré-inicial; MO: Marca de Objeto; Exts: Extensões (verbaís); VF: Vogal final, também chamada Vogal Terminal (VT).

Para o mesmo autor, esta estrutura pode adaptar-se a qualquer língua banta, mas não é obrigatório que toda a língua banta tenha todos os elementos aqui apresentados. Por exemplo, nas línguas em que existam, a PI é geralmente marca de negação, e o PS marca de tempo, às vezes pode ser sufixo e ocorrer depois da raiz. Quando presente, a MO é o único morfema cuja posição é fixa na estrutura da forma verbal, ocorrendo imediatamente antes da raiz. É por isso que o macro-tema inclui a MO e o tema flexionado (NGUNGA, 2004, p. 149).

Os esquemas elaborados por todos esses autores bantuístas (Meeussen, Nurse, Creissels e Ngunga) demonstram seus esforços analíticos para explicar a complexidade da estrutura dos verbos nas línguas bantas. A representação hierárquica de Ngunga é importante por ser uma síntese de todas as outras e, principalmente, por mostrar a hierarquia e a ordem dos elementos que têm um papel muito importante: é na raiz verbal que se concentram todos os outros elementos fundamentais que determinam o sentido do enunciado, fazem a concordância, criam outros significados, expressam o tempo, o aspecto, o modo e a negação em qualquer língua banta.

Capítulo IV - A DERIVAÇÃO VERBAL

0 Introdução

Entendemos por derivação verbal o acréscimo de um morfema ou sufixo entre o radical e a vogal final de um verbo banto, que resulta na formação de uma forma verbal derivada com outro significado. Os derivativos correspondem ao que os linguistas bantuístas chamam de extensões verbais. O número, o tipo e a forma dessas extensões verbais variam de uma língua para outra. Em geral, sua estrutura fonológica é do tipo -V- ou -VC-.

Dependendo da língua, podemos ter as seguintes extensões: benefactiva, causativa, aplicativa, passiva, intensiva, estativa, frequentativa, reversiva, recíproca, impositiva, neutra, transitiva, intransitiva, etc.

Os morfemas derivativos expressam e reforçam a transitividade atuando sobre a relação entre os participantes de uma ação. As extensões trazem algo novo para a forma inicial do verbo e conseqüentemente para a oração, seja no plano semântico como no plano sintático.

A questão dos sufixos derivativos envolve a transitividade em *lembaama* porque o acréscimo ou a mudança de um sufixo derivativo em um verbo pode fazer com que o verbo seja ou deixe de ser transitivo. Para compreender este fato em *lembaama*, apoiamo-nos em Hopper e Thompson (1980, p. 251-299). Retomamos na sequência, sua proposta sobre a transitividade.

1 A Transitividade segundo Hopper e Thompson (1980:251-299)

Os autores reconhecem que a transitividade é uma relação fundamental nas línguas naturais, tendo em vista o papel importante que ela desempenha na gramática e no discurso. Hopper e Thompson definem a transitividade, primeiramente, de acordo com a tradição: uma atividade realizada ou transferida de um agente para um paciente, que envolve, portanto, pelo menos dois participantes.

Para os autores, a transitividade é um *continuum*. Como primeiro passo, eles propõem isolar as partes que compõem a noção de transitividade e estudar a maneira como são tipicamente representados pelas línguas do mundo. O que nos interessa nessa proposta são os seguintes critérios que os autores elaboraram para distinguir a transitividade baixa da alta:

Quadro 7: Critérios da transitividade segundo Hopper e Thompson (1980:252)

	ALTA	BAIXA
A. PARTICIPANTES	2 ou mais participantes, A e O ²⁶	1 participante
B. CINESE	ação	não-ação
C. ASPECTO	télico	atélico
D. PONTUALIDADE	pontual	não-pontual
E. VOLICIONALIDADE	volicional	não-volicional
F. AFIRMAÇÃO	afirmativo	negativo
G. MODO	real	irreal
H. AGENTIVIDADE	Organização alta em potência (forte)	baixa em potência (fraca)
I. AFETAÇÃO	O totalmente afetado	O não-afetado
J. INDIVIDUAÇÃO	O altamente particularizado	O não-particularizado

É fácil mostrar que cada componente da transitividade envolve uma afetação ou uma intensidade com a qual a ação é transferida de um participante para outro:

(A) PARTICIPANTES: nenhuma transferência pode acontecer sem que haja pelo menos dois participantes envolvidos.

(B) CINESE: uma ação pode ser transferida de um participante para o outro; estados não podem. Assim algo acontece com Sally em *Eu abraço Sally*, mas não em *Eu amo Sally*.

(C) ASPECTO: uma ação vista a partir do seu ponto de vista. Isto é, uma ação *télica* é mais efetivamente transferida para um paciente do que uma que não é *télica* (*completa ou acabada*) com um final semelhante. Numa oração *télica* como *comi tudo*, a atividade é vista como completa, a ação é realizada inteiramente e por isso tem uma alta transitividade; mas numa oração *não-télica* como *estou comendo isto*, a ação não está acabada e por isso tem uma baixa transitividade.

(D) PONTUALIDADE: as ações realizadas sem nenhuma fase de transição evidente entre o seu início e o seu fim têm um efeito mais marcado nos seus pacientes do que ações em andamento; há, por exemplo, um contraste entre os verbos *kick* ‘chutar’ (pontual) e *carry* ‘carregar’ (não-pontual).

²⁶ Os autores desta proposta seguem a nomenclatura de Dixon (1979) que usa ‘A’ (para Agente) e ‘O’ (para Objeto) para se referir aos dois participantes numa oração com dois participantes. Segundo os autores, não há problema se os argumentos referentes aos participantes referirem-se também ao verbo nas suas relações gramaticais. O termo ‘paciente’ se refere a um objeto que é de fato o ‘receptor/destinatário’ da ação numa relação transitiva fundamental.

(E) VOLICIONALIDADE: o efeito no paciente é mais aparente quando o participante é apresentado como atuando propositalmente; há, por exemplo, um contraste entre *Escrevi teu nome* (volicional)[ação realizada pela vontade ou a intenção do sujeito] e *Esqueci teu nome* (não-volicional) [ação realizada sem a vontade ou a intenção do sujeito].

(F) AFIRMAÇÃO: esse é o parâmetro afirmação *vs* negação.

(G) O MODO: esse se refere à distinção entre real e irreal como qualidade dos acontecimentos ou eventos. Uma ação que não ocorreu ou que é apresentada como em andamento num mundo não-real (contingente) é obviamente menos efetiva, do que uma ação cuja ocorrência é confirmada num acontecimento ou num evento real.

(H) AGENTIVIDADE: participantes altos em Agência podem afetar a transferência de uma ação contrariamente àqueles que são baixos em Agência. Assim, a interpretação normal da oração *George me assustou* é a de um evento perceptível com consequências perceptíveis; mas a interpretação normal de *A foto me assustou* seria algo de um estado interno.

Finalmente, chegamos a algo que se refere ao Objeto: (I) AFETAÇÃO do Objeto e (J) INDIVIDUAÇÃO do objeto. O grau em que a ação é transferida para um paciente é uma função de como o paciente é completamente AFETADO; isso se vê de fato quando dizemos *Bebi o leite de um trago*, em vez de dizer, simplesmente, *Bebi um pouco de leite*. O componente da INDIVIDUAÇÃO, entretanto, se refere tanto à peculiaridade do paciente com relação aos participantes quanto à sua peculiaridade com relação a sua própria origem ou a ele mesmo. Assim os referentes dos nomes com propriedades à esquerda abaixo são mais altamente particularizados do que aqueles que estão à direita (Cf. TIMBERLAKE, 1975; 1977):

INDIVIDUADO	NÃO-INDIVIDUADO
Próprio	Comum
Humano, animado	Não-animado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Não-contável
Referencial, definido	Não-referencial, Indefinido

Uma ação pode ser mais efetivamente transferida para um paciente que é individuado do que para um que não é; assim um objeto definido é frequentemente visto como mais completamente afetado do que um indefinido. Em *Fritz bebeu a cerveja*, há uma possível e

até provável implicação de que ele acabou a cerveja de que dispunha; mas em *Fritz bebeu um pouco de cerveja*, essa implicação é obtida com dificuldade (isto é, só se tão pouca cerveja foi deixada, fazendo com que beber pouco seja equivalente a beber toda ela). É a mesma coisa com os pacientes animados e não-animados: em *choquei-me com Charles* o foco de atenção é provavelmente colocado sobre o evento: o choque com Charles ou talvez nos dois participantes; mas em *Eu bati (o pé) na mesa* é menos provável que algo tenha acontecido com a mesa; é mais provável que o efeito do choque sobre o participante (A) seja mais ressaltado.

A transitividade é, então, vista da maneira mais convencional possível, como sendo o fato de passar de um lado para o outro ou de transferir uma ação de um participante para o outro. Pode ser analisada a partir das partes que a compõem (pelos seus participantes), cada um focalizando uma das facetas dessa transferência, numa parte diferente da oração. Quando consideradas juntas, essas partes permitem às orações serem caracterizadas como sendo mais ou menos transitivas: quanto mais a oração tiver as características de A até J da coluna à esquerda (alta transitividade), mais ela será transitiva. E mais ela estará próxima à Transitividade Cardinal. Comparemos estes exemplos:

- (1) a. *Jerry gosta de cerveja*
 b. *Jerry derrubou Sam*

O exemplo 1b acima é mais alto em transitividade do que o exemplo 1a porque mostra as seguintes características:

Cinese: Ação.

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual.

Afetação do Objeto: total.

Individuação do Objeto: alto, referencial, animado, e próprio.

Vejamos mais um exemplo:

- (2) *Não havia nenhuma estrela no céu.*

Esse exemplo seria muito mais baixo em transitividade do que os exemplos 1a e 1b acima, já que ele não tem nenhuma característica de alta transitividade a não ser o modo real.

A partir da aplicação desses critérios, podemos melhor entender a transitividade nos exemplos que daremos com os sufixos derivativos ou extensões verbais do *lembaama*.

2 Os sufixos derivativos e a transitividade em *lembaama*

Separamos os derivativos do *lembaama* conforme seus valores gramaticais e semânticos. Assim sendo, vamos analisar os sufixos derivativos comparando seus valores gramaticais e semânticos caso a caso. No que diz respeito às extensões transitivas, os autores Nurse e Philippson (2003, p. 77-78) assinalam que a maior parte das descrições de línguas bantas indicam duas extensões: uma transitiva *-ul- e uma intransitiva *-uk- que são reconstruções do protobanto. A língua *lembaama* apresenta os seguintes casos:

Caso 1

Oração transitiva 1 sem sufixo derivativo (transitividade alta).

Raíz verbal: -dʒir- ‘derramar’

(1a)

mwán'ó mídʒir'ándʒ'ó ntʃʲɛ

mu- áná o mí dʒir- ø- à á- ndʒá ó ø- ntʃʲɛ

1- criança IS1 P1 jogar **TA** VF 8 água Loc 7 terra

‘A criança derramou a água no chão’

Oração intransitiva com sufixo derivativo /-ig-/

Radical verbal: -dʒirig- ‘derramar/ derramar-se/ estar derramado’

(1b)

ándʒ'á mí dʒriɣ'ó ntʃʲɛ

á- ndʒá a mí dʒr- iɣ -a ó ø- ntʃʲɛ

8 água IS8 P1 derramar **Intr** VF loc 7 terra

‘A água está derramada no chão’

O exemplo (1a) acima é mais alto em transitividade do que o exemplo (1b) porque mostra as seguintes características:

Participantes: dois (a criança é o agente e a água é o objeto ou o paciente)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: concreto e definido.

Enquanto o exemplo (1b) tem baixa transitividade porque só tem um participante: a água. Além do mais, é uma oração intransitiva porque não tem objeto, ou seja, o seu objeto é indefinido. Logo, essa oração não responde ao critério da individuação que é uma das características mais importantes da transitividade. Esse fato está, portanto, relacionado ao baixo valor da transitividade (Cf. Critérios da transitividade baixa acima). De fato, verbos intransitivos são considerados nesta proposta como tendo uma transitividade baixa. No exemplo acima, o sufixo derivativo /-ig-/ modifica o valor gramatical do verbo, isto é, o verbo deixa de ser transitivo e se torna intransitivo.

Outro exemplo com esse sufixo derivativo é encontrado na seguinte raiz verbal:

-piir- ‘apertar’ (transitivo) que tem como radical verbal:

-pirig- ‘amolecer’ (intransitivo).

Caso 2

Oração transitiva 2 sem sufixo derivativo (transitividade alta).

Raíz: -bul- ‘quebrar’

(2a)

mwán’ó mí búl’óláŋgu

mu- áná o mí bul- ø- á ó- láŋgu

1 criança IS1 P1 quebrar TA VF 3 garrafa

‘A criança quebrou a garrafa’

Oração intransitiva com o sufixo derivativo /-ug-/

Radical: -bulug- ‘quebrar/quebrar-se/ estar quebrado’.

(2b)

ólǎŋ'ó mí búluʔa

ó- lǎŋgu o mí búl- uʔ- a

3 garrafa IS3 P1 quebrar **Intr** VF

‘A garrafa quebrou/ quebrou-se/ está quebrada’

O exemplo (2a) acima é mais alto em transitividade do que o exemplo (2b) porque mostra as seguintes características:

Participantes: dois (a criança é o agente e a garrafa é o objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: definido, concreto, contável e singular.

Enquanto o exemplo (2b) tem uma baixa transitividade porque só há um participante: a garrafa, que é um objeto individuado e definido. Aqui, também, o sufixo derivativo /-ug-/ modifica o valor gramatical do verbo, isto é, o verbo deixa de ser transitivo e se torna intransitivo.

Nos casos 1 e 2, acima, o processo é o mesmo. Há uma destituição do Agente: o participante O movimentou-se para a posição de A.

Caso 3

Oração transitiva 3 com sufixo derivativo /-is-/ (transitividade alta)

Radical verbal: -bi**i**s- ‘estragar’

(3a)

mwan'ó mí bíísá ng^wómímu- áná o mí bí- **ís-** á ø- ng^wómí1 criança IS1 P1 estragar **TA** VF 7 rádio

‘A criança estragou o rádio’

Oração intransitiva sem sufixo derivativo

Raiz verbal: -bi- ‘estragar/ estragar-se/ estar estragado’

(3b).

ŋgwom’ é mí biá

ø- ŋgwómí e mí bi- ø- á

7 rádio IS7 P1 estragar **Intr** VF

‘O rádio enguiçou/ estragou-se/ está estragado’

Nesse caso a oração mais transitiva é a que tem o sufixo derivativo porque mostra as seguintes características:

Participantes: dois (a criança é o agente e o radio é o objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: concreto, contável e singular.

Enquanto a oração (3b) é de transitividade baixa porque não há objeto, isto é, o objeto é indefinido. Observamos também a ausência do sufixo derivativo. Aqui, contrariamente ao que vimos acima, é a ausência do sufixo derivativo que muda o valor gramatical do verbo: o verbo deixa de ser transitivo e se torna intransitivo.

Caso 4

Oração transitiva 4 com sufixo derivativo /-S-/ (transitividade alta).

Radical: -dʒ^wás- ‘ferir’

(4a)

mwán’ ó mí dʒ^wásá mvúr’ ó k^wúlú

mu- áná o mí dʒ^wá- s- á mv- úru ó ø- k^wúlú

1 criança IS1 P1 ferir **TA** VF 1 pessoa Loc pé

‘A criança feriu alguém no pé’

Oração transitiva com o sufixo derivativo /-l-/ (transitividade baixa).

Radical: -dʒ^wál- ‘ferir-se’

(4b).

mwán’ó mí dʒ^wál’ ó k^wúlú

mu- áná o mí dʒ^wá- l- á ó ø- k^wúlú

1 criança IS P1 ferir **TB** VF Loc pé

‘A criança feriu-se/ está ferida no pé’

No exemplo (4a), a transitividade é mais alta do que no exemplo (4b) porque mostra as seguintes características:

Participantes: dois (a criança é o agente e alguém é o objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individação do objeto: humano, animado, concreto, contável e singular.

Isso é diferente do exemplo (4b) que tem apenas um participante (a criança) que é ao mesmo tempo o agente e o objeto ou o paciente. Trata-se, portanto, de uma ação reflexiva. Consideramos a oração reflexiva (4b) como uma oração de transitividade baixa porque tem apenas um participante. Isso porque a transitividade alta exige a participação de, no mínimo, dois participantes.

Vejamos outros derivativos que refletem o mesmo fenômeno de transitividade alta (com dois participantes) vs transitividade baixa (com um participante):

Caso 5

Oração transitiva 5 com sufixo derivativo /-us-/ (transitividade alta)

Radical: -ɲu^us- ‘acordar’

(5a)

loβí ɲgúʁ'á ɲu**us**á mwánálobí ø- ɲgúʁú a ø- ɲu- **us**- á mu- ánáHoje 1 mãe IS1 Pres Acordar- **TA** VF 1 filho

‘Hoje a mãe (vai) acorda (r) o filho’

*Oração transitiva com o sufixo derivativo /-sug-/ (transitividade baixa)*Radical verbal: -ɲu**sug**- ‘acordar-se/ estar acordado’

(5b)

lobi mwán'á ɲu**suy**a nd' ʔɲkúlúlobi mu- áná a ø- ɲu- **suy**- a ndé ʔɲkúlúHoje 1 filho IS1 Pres Acordar- **TB** VF 3s mesmo

‘Hoje o filho acorda/ vai acordar por ele mesmo’ (sozinho)

No exemplo (5a) a transitividade é mais alta do que no exemplo (5b) porque mostra as seguintes características:

Participantes: dois (a mãe é o agente e o filho é o objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: humano, animado, concreto, contável, definido e singular.

Isso é diferente do exemplo (5b), que tem apenas um participante (o filho), que é ao mesmo tempo o agente e o paciente.

Essas duas extensões indicam uma diferença na transitividade da ação. No exemplo (5a), o filho acorda pela ação da mãe. No exemplo (5b), o filho acorda por ele mesmo, sem a ação da mãe. Isso mostra uma autonomia ou uma independência do filho com relação à mãe. Trata-se de uma ação reflexiva. É por isso que o exemplo (5a) tem uma transitividade mais alta. O exemplo (5b) pelo fato de expressar uma ação do sujeito sobre ele mesmo tem uma

transitividade mais baixa, porque a transitividade alta exige a participação de, no mínimo, dois participantes.

Um caso semelhante ainda é expresso pelo sufixo derivativo /-rag-/ realizado -**rag**-.

Caso 6

Oração transitiva 6 com sufixo derivativo /-ar-/ (transitividade alta)

Radical verbal: -**saar**- ‘levantar’

(6a)

taar’ó mí sáará mwáná

ø- taará o mí sá- á- á mu- áná

1- Pai IS1 P1 levantar **TA** VF 1 filho

‘O pai levantou o filho’

Oração transitiva com sufixo derivativo /-rag-/ (transitividade baixa)

Radical verbal: -**sarag**- ‘levantar-se/ estar levantado’

(6b)

mwán’ó mí saraya

mu- áná o mí sa- **ray**- a

1 filho IS1 P1 levantar **TB** VF

‘O filho se levantou’

No exemplo (6a), a transitividade é mais alta do que no exemplo (6b) por mostrar as seguintes características:

Participantes: dois (o pai é o agente e o filho é o objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: humano, animado, concreto, contável, definido e singular.

Isso é diferente do exemplo (6b), que tem apenas um participante (o filho), que é ao mesmo tempo o agente e o paciente. Essas duas extensões indicam uma diferença na transitividade da ação. No exemplo (6a), o filho é levantado pela ação de alguém (o pai). No exemplo (6b), o filho se levanta sozinho (sem a ação de ninguém), trata-se de uma ação reflexiva. É por isso que o exemplo (6a) tem uma transitividade mais alta. O exemplo (6b), pelo fato de expressar uma ação reflexiva, tem uma transitividade baixa como já foi dito nos casos anteriores (4 e 5). Portanto, nesses casos (4 e 5) o problema é a mudança de valência, isto é, o derivativo indica o número de argumentos do verbo.

Apresentamos a seguir, sufixos derivativos com transitividade alta, mas que se diferenciam, essencialmente, pelo seu valor semântico.

Caso 7

Oração transitiva 7 com sufixo derivativo /-SI-/ (transitividade alta)

Radical verbal: -ji*si*χ- ‘ensinar’

(7a)

m’*é* ji*si*χ*á* bó lefaala

m <i>é</i>	e	ø-	ji-	si χ-	á	bó	le-	faala
1s	IS1s	Pres	ensinar	TA	VF	3p (O1)	9	Francês (O2)

‘Eu ensino francês para ele(a)s’

Oração transitiva sem sufixo derivativo (transitividade alta)

Raíz verbal: -jiχ- ‘aprender’

(7b)

m’*é* jiχ*á* dzúújí l’ábrezilj*ǵ*

m <i>é</i>	e	ø-	jiχ-	ø-	á	ø-	dzúújí	le	a-	brezilj <i>ǵ</i>
1s	IS1s	Pres	aprender	TA	VF	7	língua	Con	2	brasileiro

‘Eu aprendo a língua dos brasileiros’

Os verbos dos exemplos (7a) e (7b) são todos transitivos porque apresentam objetos. O exemplo (7a) tem uma transitividade mais alta porque apresenta as seguintes características:

Participantes: três (*Eu* é o agente, *ele(a)s* é o objeto1, *francês* é o objeto2)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto1: humano, animado, concreto e contável.

Individuação do objeto2: não-humano, não-animado, abstrato e não-contável.

De fato, o exemplo (7a) apresenta três participantes sendo dois com o traço + humano (*Eu* e *Ele(a)*), e um abstrato, não-humano e não-contável (*o francês* ou a língua francesa). É por isso que a oração (7a) tem transitividade mais alta do que a oração (7b), que tem uma transitividade baixa porque apresenta as seguintes características:

Participantes: dois (*Eu* é o agente e a *língua dos brasileiros* é objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: não-humano, não-animado, abstrato e não-contável.

Podemos ver que a principal diferença entre as duas orações (7a) e (7b) acima, que é também o principal motivo que torna a transitividade mais baixa na oração (7b), é o fato de que a oração (7b) só tem dois participantes (um agente e um objeto), sendo que um deles apenas é humano (o agente: *Eu*). A outra diferença entre essas orações é semântica. Ela reside no fato de que no exemplo (7b), a ação do agente me ‘eu’ beneficia a ele mesmo (aprendo a língua dos brasileiros para meu próprio benefício). Portanto é uma *ação autobenefactiva*. Enquanto no exemplo (7a), a ação do agente (*Eu*) beneficia ao paciente (*ele(a)s*) que tem o traço + humano: ensino francês para o benefício dele(a)s). Portanto é uma *ação benefactiva*. Essa ação é marcada pela extensão **-si-**. Trata-se, portanto, de uma extensão que chamamos de benefactiva.

Apresentamos, abaixo, um caso cujos sufixos derivativos distinguem posições.

Caso 8

Raiz verbal comum: -su-

Radicais verbais:

- (a) -suus- ‘pôr, colocar para baixo’
- (b) -suur- ‘pôr-se, colocar-se, para baixo’ (para pássaros ou todo voador)
- (c) -surug- ‘descer’

Oração transitiva 8 com sufixo derivativo /-us-/ (transitividade alta)

(8a)

ngúʁ'ásuusá mwan'ójilá ntárí

ø-	ngúʁú	a	ø-	su-	us-	á	mu-	ana	ó	jilá	ø-	ntárí
1	mãe	IS1	Pres	colocar	TA	VF	1	criança	Loc	sobre	7-	cama

‘A mãe coloca o filho na cama’

Oração intransitiva com o sufixo derivativo /-ur-/ (transitividade baixa)

(8b)

noj'o mí suur'ójil'ótí ju

ø-	nojí	o	mí	su-	ur-	a	ó	jilá	ó-	tí	ju
1-	pássaro	IS1	P1	pausar	Intr	VF	Loc	sobre	4-	árvore	DEM

‘O pássaro pousou em cima desta árvore’

Oração intransitiva com sufixo derivativo /-ruʁ-/ (transitividade baixa)

(8c)

mwan'o mísuruʁa m'oti

mu-	áná	o	mí	su-	ruʁ-	á	mó	ó-	tí
1-	criança	IS1	P1	descer	Intr	VF	Loc	4-	árvore

‘A criança desceu da árvore’

Das três orações acima, só a (8a) apresenta uma transitividade mais alta. Sendo a (8b) e a (8c) de baixa transitividade. A oração (8a) apresenta uma transitividade mais alta porque mostra as seguintes características:

Participantes: dois (a mãe é o agente e o filho é o objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: humano, animado, concreto, contável, definido e singular.

Enquanto as ações em (8b) e (8c) são de baixa transitividade porque não apresentam nenhum objeto ou paciente. São intransitivas. Um fato semântico que chama atenção nos verbos acima é que as três extensões expressam, todas elas, um movimento para baixo e não para cima. Porém, são extensões que indicam cada uma um movimento específico no plano espacial. É, portanto, uma extensão que chamamos de *posicional*. A extensão que indica o movimento contrário é -saar- ‘levantar’ (Cf. Caso 6 acima).

2.1 Sufixos derivativos que distinguem os traços +/- humano

Apresentamos, abaixo, um caso cujos sufixos derivativos que distinguem os traços (+/- humano). Desta vez, os derivativos diferenciam-se, principalmente, pelo tipo de paciente envolvido na transitividade: uma pessoa, um animal ou um objeto. Todas as orações são altamente transitivas.

Caso 9

Oração transitiva 9 com o sufixo derivativo /-ɛr-/ (transitividade alta envolvendo uma pessoa)

Raíz verbal: -bɛɛr- ‘bater’

(9a).

nd'á b'ééré mwána

ndé a ø- b'é- ér- é mu- áná

3s IS3s Pres bater TA VF 1 criança

‘Ele bate na criança’

Oração transitiva com o sufixo derivativo /-rɛg-/ (transitividade alta envolvendo um objeto)

Radical verbal: -bɛrɛg- ‘bater palmas, tambor’

(9b).

nd'á bérɛɣé ɲgómq

ndé a ø- bɛ- rɛɣ- é ø- ɲgómq

3s IS3s Pres bater TA VF 7 tambor

‘Ele bate o tambor’

A oração (9a) tem uma transitividade alta porque apresenta as seguintes características:

Participantes: dois (*Ele* é o agente e *criança* é o objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: humano, animado, concreto, contável, definido e singular.

A oração (9b) também tem uma transitividade alta porque apresenta as seguintes características:

Participantes: dois (*Ele(a)* é o agente e *o tambor* é o objeto)

Cinese: ação

Aspecto: télico

Pontualidade: pontual

Afetação do objeto: total

Individuação do objeto: não-humano, concreto, não-animado.

A principal diferença entre essas duas orações está na individuação do objeto, isto é, no tipo de objeto ou paciente envolvido na ação transitiva: uma pessoa em (9a) e um objeto em (9b). Outra diferença semântica é que o verbo em (9a) é usado em ações que envolvem uma violência contra uma pessoa ou um animal (bater em uma pessoa ou um animal). Enquanto em (9b), o verbo é usado em ações que produzem ou envolvem o som ou a música (tocar um instrumento musical, um rádio, etc.).

2.2 Sufixos derivativos que indicam o habitual em *lembaama*

Apresentamos, a seguir, outros sufixos derivativos que, desta vez, expressam um outro valor gramatical: o habitual. Trata-se da extensão habitual que os bantuístas chamam também de frequentativa.

Caso 10

Oração com a extensão habitual expressa pelo sufixo derivativo /-ag-/

É um sufixo /-CV-/, em que /g/ também se realiza **ʎ**. Vejamos alguns exemplos de orações:

Raíz verbal: -dʒ- ‘comer’

Radical verbal: -dʒ^j **ag**- ‘ter o costume de comer, costumar comer, comer frequentemente’

(10a).

mwan' á dʒ' ákó

mu- aná a ø- dʒ- á á- kó

1 criança IS1 Pres comer VF 8 banana

‘A criança come bananas’

(10b).

muan' á dʒ^j áʎá ákó

mu- áná a dʒ^j- á(ʎ)- á á- kó

1 criança IS1 comer **Hab Asp** 8 banana

‘A criança **costuma** comer bananas’

(11a).

okáásí dʒ^w’á nwá mal’ǎŋkáláo- káásí dʒ^wá á ø- nw- á ø- mali á ŋkálá

1 mulher aquela IS1 Pres beber VF bebida Con brava

‘Aquele mulher bebe bebidas alcoolizadas’

(11b).

okáásí dʒ^w’á nwáǎǎ mal’ǎŋkáláo- káásí dʒ^wá á nw- á(ǎ)- á ø- mali á- ŋkálá1 mulher aquela IS1 beber **Hab Asp** bebida Con brava‘Aquele mulher **costuma** beber bebidas alcoolizadas’

Observando os exemplos acima, podemos observar que **-ag-** expressa uma ação que costuma acontecer ou que acontece com frequência. Trata-se, portanto, de uma extensão que chamamos de *habitual* ou *frequentativa*.

Em *lembaama*, a extensão frequentativa pode ser feita no presente e no passado tomando por base o infinitivo do verbo. Isso porque a extensão habitual sempre envolve a vogal final do verbo no infinitivo. Portanto, dependendo da vogal final do verbo no infinitivo, podemos ter as seguintes extensões: /-ag-/; /-og-/; /-eg-/; isso porque os verbos *mbaama* geralmente terminam em -a, -o, -e no infinitivo. Exceto o verbo *-li* ‘estar’ que termina em -i. Esse verbo tem como variante *-ka* ‘ficar’. Nesse caso, é essa variante que é usada no habitual. Vejamos exemplos de orações com a extensão habitual envolvendo outro tipo de vogal final:

(12a). o-k^jél-é ‘guardar’

PV-Rad-VF

(12b).

bó má k^jéléǎǎ bááná jemǐŋíbó má k^jél- é(ǎ)- é bá- áná jemǐŋí3p IS3p guardar **Hab Asp** 2 criança bem

‘Ele(a)s costumam cuidar bem das crianças’

(13a).

o- kól- ó

PV- Rad- VF

‘embriagar-se, engasgar, ficar bêbado’

(13b).

bó má kólóó mali

bó má kól- ó(ɣ)- ó ø- mali

3p IS3p engasgar **Hab Asp** bebida‘Ele(a)s **costumam** ficar bêbado(a)s’

Podemos ter também extensão habitual no passado. Nesse caso, a extensão é /-ig-/. Isso porque ela se baseia na vogal final -i que é a marca do Aspecto perfectivo por excelência (Cf. no próximo capítulo sobre o sistema TAM em *lembaama*). Vejamos alguns exemplos com a extensão habitual no passado:

(14)

bó á kólí mali

bó a kól- í ø- mali

3p IS3p engasgar **PFTV** bebida‘Ele(a)s **ficaram** bêbado(a)s’

(15)

bó á kólíi mali

bó a kól- i(ɣ)- i ø- mali

3p IS3p engasgar **Habp Asp** bebida‘Ele(a)s **costumavam** ficar bêbado(a)s’

Aqui, na passagem do passado (Aspecto perfectivo) para o habitual passado, observamos uma mudança de tom na vogal final. Passamos do tom alto no passado para o tom

baixo no habitual passado. Vale assinalar que o habitual pode também ser expresso sem a fricativa velar ʁ . Nesse caso, o encontro da vogal da extensão em harmonia com a vogal final produz um alongamento que vai marcar o habitual. Assim a marca de Aspecto é representada pelo alongamento da vogal final. De fato, observa-se, hoje em dia, que as duas formas estão em variação livre. Há uma síncope da consoante velar /g/ do morfema do habitual /-ag-/ na fala dos falantes jovens, por exemplo, se comparados aos velhos. Trata-se de um alongamento compensatório, porque a queda do segmento consonantal provoca o alongamento vocálico, isso é comum nas línguas. Vejamos este exemplo sem a fricativa velar /g/ :

(16)

okáásí dʒ^w’á ɲwáá mal’áŋkála

o- káásí dʒ^w’á a ɲw- áá ø- mali á- ŋkála

1 mulher aquela IS1 beber **Hab** bebida Con brava

‘Aquele mulher **costuma** beber bebidas alcoolizadas’

Vale lembrar também que a extensão habitual ou frequentativa é a única que se pode aplicar a todos os verbos do *lembaama*. Basta acrescentar à raiz do verbo o sufixo derivativo -ag- no presente ou -ig- no passado.

Segundo Nurse *et al* (2003, p. 72), o elemento *-a(n)g- se comporta tonalmente como uma extensão, mas ele entra frequentemente no paradigma da flexão (com vários significados imperfectivos tal como o durativo ou o habitual). Em *lembaama*, como vimos acima, esse morfema derivativo expressa o Aspecto: o habitual. Por isso foi tratado ao longo deste capítulo sem marca de tempo.

3 Quadro-resumo do sistema de derivativos *mbaama*

Apresentamos abaixo um quadro-resumo dos derivativos em *lembaama*:

Quadro 8: Sistema dos derivativos *mbaama*

Extensões	Valor gramatical	Valor semântico	
1.-∅-	transitividade alta (TA)	<i>Ação</i>	Ex: derramar
2.-ig-	intransitiva (Intr)	<i>Resultado/Estado</i>	Ex: estar derramado
3.-∅-	TA	<i>Ação</i>	Ex: quebrar
4.-ug-	Intr	<i>Resultado/estado</i>	Ex: estar quebrado
5.-∅-	Intr	<i>Ação</i>	Ex: estragar/enguiçar
6.-is-	TA	<i>Resultado/ Estado</i>	Ex: estar estragado
7.-s-	TA	<i>Ação</i>	Ex: ferir
8.-l-	transitividade baixa (TB)	<i>Resultado/estado</i>	Ex: ferir-se, estar ferido
9.-us-	TA	<i>Ação</i>	Ex: acordar
10.-sug-	TB	<i>Resultado/Estado</i>	Ex: estar acordado
11.-ar-	TA	<i>Ação</i>	Ex: levantar
12.-rag-	TB	<i>Resultado/Estado</i>	Ex: estar levantado
13.-∅-	TA	<i>Ação autobenefactiva</i>	Ex: aprender
14.-si-	TA	<i>Ação benefactiva</i>	Ex: ensinar
15.-us-	TA	<i>Ação</i>	Ex: colocar (para baixo)
16.-ur-	Intr	<i>Ação</i>	Ex: pousar
17.-rug-	Intr	<i>Ação</i>	Ex: descer
18.-er-	TA	<i>Ação sobre um objeto humano/animal</i>	
19.-reg-	TA	<i>Ação sobre um objeto produtor de música/som</i>	
20.-ag-, -eg-, -og-	habitual no presente	<i>hábito/frequência</i>	
21.-ig-	habitual no passado	<i>hábito/frequência</i>	

4 Conclusão

Par terminar, observamos que, em *lembaama*, nos sufixos derivativos do tipo /-VC-/, a consoante **g** se realiza **ɣ**. Em todos os verbos com esse tipo de raiz, atua o princípio da harmonia vocálica. Há sufixos derivativos que se iniciam por consoante e que invertem a consoante final (-er-, -reg-, -ur-, -rug- etc.). As extensões /-s-/ e /-l-/, que distinguem a transitividade alta da baixa no caso 4 acima, são extensões compostas por uma consoante. São do tipo /-C-/. São diferentes das extensões que costumamos ter nas línguas bantas que são em

geral do tipo /-VC-/ (vogal com consoante). Constatamos que as extensões com alta transitividade são do tipo /-C-/ , /-CV-/ , /-VC-/ e expressam ações. Enquanto extensões com baixa transitividade são do tipo /-VC-/ , /-CVC-/ e representam estados. A única exceção nessas extensões é *-reg-*, que é do tipo /-CVC-/ , tem uma transitividade alta, mas só introduz uma ação envolvendo um objeto produtor de música ou de som.

O derivativo *-s-*, *-us-* parece ser o mesmo, de transitividade alta. Da mesma forma que *-ig-*, *-ug-*, onde a questão é de harmonia vocálica. Uma questão que se coloca é sobre o que parece reflexivo na tradução, porque aparece *-l-*, *-rag-*, *-sug-*. Como achar uma regularidade? Talvez os dois últimos se possam explicar pela alternância *r/s*.

Observamos também uma correlação entre o valor gramatical e o valor semântico dos sufixos derivativos em *lembaama*. Assim, vimos que seres humanos e animados são envolvidos em orações que apresentam uma transitividade alta (Cf. Caso 9). De fato, segundo os autores da proposta sobre a transitividade, quando um objeto humano está em competição com um objeto não animado, o objeto humano sempre prevalece. Esse fato, segundo eles, parece ser universal (THOMPSON; HOPPER, 1980, p. 260).

A transitividade é um *continuum*, orações sem objetos devem ser capazes de se localizar nesse *continuum*, mas não necessariamente no extremo fim da transitividade (Op.cit., p. 266).

O fato de termos uma oposição entre as ações e os estados, como vimos em *lembaama*, é também uma das características da transitividade que tem consequências morfossintáticas na direção escolhida. Esse fato é caracterizado como pontualidade pelos autores (Op. cit, p. 266).

Finalmente, constatamos que, em *lembaama*, as extensões que expressam um hábito, um resultado ou um estado são as mais encontradas. A extensão mais produtiva e mais fácil de formar ou reconhecer é aquela que marca o habitual ou a frequência: ela pode ser formada pela presença da fricativa velar entre a vogal da extensão e a vogal final ou simplesmente pela subtração da fricativa e consequentemente pela fusão dessas duas vogais em harmonia.

Capítulo V - TEMPO, ASPECTO E MODO EM LEMBAAMA

0 Introdução

Para a análise do tempo, aspecto e modo em *lembaama*, além da tradição bantuísta ilustrada por Nurse (2003; 2008) e Creissels (2006), nós nos apoiaremos na teoria da enunciação elaborada por Benveniste (1974) e apresentada por Fiorin (1996; 2003).

Quando um falante produz um enunciado, ele diz algo, em um lugar e em um dado momento. Esse momento é o agora. Tudo isso pode ser resumido pela expressão latina *ego* (eu), *hic* (aqui), *nunc* (agora). Como o *agora* é gerado pela enunciação, ele se desloca ao longo do discurso permanecendo sempre agora que se torna, portanto, um eixo que ordena a categoria topológica da *concomitância* vs *não-concomitância*. Esta, por sua vez, articula-se em *anterioridade* vs *posteridade*. Assim, todos os tempos estão intrinsecamente relacionados à enunciação (FIORIN, 1996, p. 142-143).

Como já foi apresentado, no Capítulo III, referente à estrutura do verbo em *lembaama*, essa estrutura verbal em *lembaama* pode apresentar, no máximo, os seguintes elementos que se seguem numa ordem fixa:

(um sujeito) + um índice do sujeito + (Neg) + **uma Marca de Tempo** + Raiz do verbo + (uma extensão) + uma vogal final (**Marca de Aspecto**) + (objeto (s) ou um índice do objeto) + (Neg).

Sendo que os elementos entre parênteses ou em negrito não são obrigatórios. Vejamos um exemplo:

(1)

nd'ákajisivábódzandzaní

ndé a ka- ø -ji- siv- á bó ø-dzandza -ní

Suj IS3s Neg MT ensinar Ext. VF **obj** 7-trabalho Neg

‘Ele(a) não vai ensinar-lhes o trabalho’

Todos os elementos localizados à esquerda e à direita da raiz do verbo *-ji-* ‘ensinar’ estão envolvidos na flexão verbal.

1 O Tempo

Na literatura, encontramos muitas definições da noção de *Tempo* (em maiúscula para significar categoria linguística), em geral, de ordem semântica. Para Comrie (1985), o Tempo é a expressão gramaticalizada do lugar no tempo, e Aspecto é a expressão gramaticalizada da consistência temporal interna (COMRIE, 1985, p. 6-9), ou seja, é a categoria gramatical que exprime a representação que o falante faz do processo expresso pelo verbo ou da constituição interna de uma ação ou de uma situação, isto é, a representação de sua duração, do seu desenvolvimento ou do seu acabamento (aspecto progressivo ou imperfectivo, perfectivo, resultativo, etc.) (DUBOIS, 1973, p. 73).

“O Tempo é uma categoria que marca na língua, a través de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, *tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação*” (COSTA, 2002, p. 17). A exemplo de Costa (2002) e Fiorin (2003), distinguiremos *Tempo* (categoria linguística) de *tempo* (tempo físico). Fiorin acrescenta ao tempo linguístico e físico a dimensão cronológica que corresponde ao tempo dos acontecimentos, o tempo do calendário. O *tempo físico* é marcado pelo movimento dos astros, que determina a existência de dias, meses, anos, etc. (FIORIN, 2003, p. 166).

Interessa-nos, aqui, o tempo linguístico, por estar relacionado à enunciação, que tem seu centro no presente da instância da fala. Sua singularidade é marcada da seguinte maneira:

- a) *Seu eixo ordenador e gerador é o momento da enunciação;*
- b) *Está relacionado à ordenação dos estados e transformações narrados no texto.*

Daí decorre que existem na língua dois sistemas temporais: um relacionado diretamente ao momento da enunciação e outro ordenado em função de momentos de referência instalados no enunciado. Assim, temos um sistema enunciativo no primeiro caso e um enuncivo no segundo. Ocorre, no entanto, que o momento de referência está relacionado ao momento da enunciação, já que este é o eixo fundamental de ordenação temporal na língua. Por isso, ao momento da enunciação aplicamos a categoria topológica **concomitância** vs **não-concomitância** (**anterioridade** vs **posteridade**) e obtemos três momentos de referência: **concomitante**, **anterior** e **posterior** ao momento da enunciação.

São três os momentos estruturalmente relevantes na constituição do sistema temporal: momento da enunciação (ME), momento da referência (MR) e momento do acontecimento (MA) (FIORIN, 1996, p. 145-146).

Parece-nos haver um consenso na maioria das línguas do mundo sobre a existência desses três tempos cuja relação pode ser representada da seguinte maneira esquemática, que marca o momento da enunciação: o agora - em que se situa o falante:

O momento de referência **presente** é um agora, pois ele coincide com o momento da enunciação. O momento de referência **passado** indica uma anterioridade ao momento da enunciação; o **futuro**, uma posteridade a esse momento (FIORIN, 2003, p. 166).

Os Tempos não refletem o mundo, mas a nossa categorização do mundo, em consequência, as línguas dividem a linha do tempo de maneira diferente. O resultado disso é que temos um número diferente de tempos, pois, em princípio, a linha do tempo pode ser repartida em muitos tempos. Assim, muitas línguas bantas, mas não aquelas mais usadas como o *suaíli* e o *xona*, são conhecidas pelas suas múltiplas divisões do tempo (NURSE, 2003, p. 99).

A maioria das línguas bantas têm um, dois, três ou quatro passados. Hyman (1980b) cita uma língua do subgrupo Grassfields²⁷ que tem cinco passados e cinco futuros e a língua *gogo* do oeste também tem cinco. As línguas com dois (49 línguas) e três passados (47 línguas) constituem a maioria. São seguidas por aquelas com apenas um passado (23 línguas) e, finalmente, com quatro (16 línguas). Das línguas com dois, três e quatro passados, são citadas respectivamente: o *rundi*, o *haya* e o *bemba* em Hyman e Waters (1984). Nas línguas com três passados, o passado próximo refere-se normalmente aos acontecimentos de hoje, começando pela manhã (na maioria das línguas bantas, o dia começa com o nascer do sol e termina com o pôr do sol), o passado médio refere-se tanto aos acontecimentos de ontem, ou de ontem e de alguns dias antes; e o passado remoto relaciona-se aos acontecimentos anteriores àqueles do passado médio.

O quarto passado, nas línguas que o possuem, refere-se a eventos que ocorreram imediatamente antes do momento da enunciação. Nas línguas com dois passados, o passado recente refere-se a ambos os acontecimentos, os de hoje de manhã, ou os de hoje e de ontem, e o passado remoto refere-se a eventos anteriores. Em línguas com um passado, este tempo refere-se a qualquer evento anterior ao momento da enunciação.

As divisões gerais do tempo refletem as do passado, exceto aquela que tem a semântica do 'presente' que, muitas vezes, coincide com o futuro próximo.

O futuro, também, possui duas ou três formas discretas nas línguas bantas. Uma que se refere a eventos que vão ocorrer algumas horas depois do momento da enunciação: é o

²⁷ Assim como o *banto*, o *Grassfields* é um subgrupo do bantóide da família benuê-congolesa (cf. HEINE; NURSE, 2000, p. 31-35).

chamado futuro próximo. Outra que se refere a eventos que vão acontecer alguns meses ou anos depois do momento da enunciação, é o chamado futuro distante. As línguas com dois futuros distinguem o próximo do distante. Com relação ao número de futuros, o *suaili* e *aghem* em Hyman e Waters (idem), *hehe* (NURSE, 1979a) e o *logooli* são, respectivamente, línguas com um, dois, três e quatro futuros (NURSE, 2003, p. 100).

Em *lembaama* o tempo pode ser codificado de duas maneiras:

- a) pela flexão verbal, isto é, por morfemas marcadores de tempos ou morfemas de tempo (MT), antepostos ao radical do verbo.
- b) pelo uso de verbos auxiliares que precedem o verbo principal. São verbos como *odzé* ‘ir’, *omana* ‘acabar’, *obuuna* ‘poder’, *osaga* ‘procurar’, etc.

Vejamos como se manifesta o Tempo em *lembaama*:

1.1 O presente

O presente refere-se ao momento da enunciação: o agora, que coincide com o momento de referência presente. Ele é marcado pela fluidez e pela efemeridade.

O presente marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. Deve haver no presente uma tripla coincidência: MA = MR = ME²⁸. No entanto, é necessário precisar o que é a coincidência mencionada, já que o momento da enunciação é difícil de delimitar, na medida em que foge sem cessar. Na verdade, o presente é uma abstração do espírito, uma vez que, como mostra Guillaume, ele se recompõe com instante que acabaram de passar e com instantes que ainda vão passar (1968: 51). Por isso, a parcela de tempo do momento de referência que está relacionada ao momento da enunciação pode variar em extensão (...) O que há sempre é uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência (FIORIN, 1996, p. 149).

Em *lembaama*, o presente não é marcado (talvez por ele ser óbvio para os participantes do ato da enunciação). É, portanto, o caso *default*. Isto é, a marca de tempo (MT) que aparece antes do verbo é zero.

(2)

bsíléwóbólémbáámá

bsí lé Ø -wób- ó lé- lémbáámá

1p IS1p Pres falar VF 9 *Lembaama*

‘Nós falamos/estamos falando/falaremos *lembaama*’

²⁸ Não importa que a simultaneidade seja real ou não. A linguística não opera com o mundo “real”, mas com o mundo da linguagem e, por conseguinte, com efeitos de sentido, (FIORIN, 1996, p. 149).

Esse exemplo mostra uma coincidência entre o ME e o MR. Ele pode ser traduzido de três maneiras diferentes em português: ele pode ser interpretado tanto pelo presente pontual e durativo (quando o momento de referência é mais longo do que o momento da enunciação²⁹) quanto pelo futuro. Só o contexto, ou seja, a situação vai definir o significado dessa oração.

1.2 O passado

O passado marca uma anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. O *lembaama* distingue três tempos passados: um passado recente, um distante e um remoto. Os dois primeiros são, respectivamente, marcados por morfemas específicos do tipo CV: *mi-* e *maa-* que são antepostos à raiz do verbo. O remoto é marcado pelo verbo *-ki* ‘estar’ (no passado) e pelo morfema de tempo *mí-* (marca do passado recente) anteposto ao verbo principal.

1.3 O passado recente

O *passado recente* (P1) expressa um acontecimento que se realizou um pouco antes do momento da enunciação (presente). Tanto o momento de referência quanto o momento do acontecimento são passados. O P1 é marcado pelo morfema de tempo *mí-*, anteposto à raiz do verbo.

(3)

báán'ámídzánama

bá- áná a **mí** -dʒ- á Ø- nama

2 criança IS2 **P1** comer VF 1 carne

‘As crianças comeram carne’ (faz pouco tempo)

²⁹ Esse uso representa no sistema temporal presente o que o imperfeito faz no subsistema do pretérito (FIORIN, 1996, p. 149).

1.4. O passado distante

O *passado distante* (P2) expressa uma ação que já se realizou ou que já foi realizada há bastante ou muito tempo antes do momento da enunciação (presente). O P2 é marcado pelo morfema de tempo *máá*- anteposto à raiz do verbo. Assim como ocorre com os outros Tempos que vimos até agora, aqui também não há marcação do aspecto, já que não há mudança na vogal final do verbo.

(4)

báán'ámáádžáɲama

bá- áná á **máá** -dʒ- á Ø- ɲama

2 criança IS2 **P2** comer VF 1 carne

'As crianças comeram carne' (faz um tempo)

1.5. O Passado remoto

O passado remoto (P3) se refere a uma ação anterior a outra ação passada. O passado remoto é expresso pela combinação do verbo auxiliar *-li* 'estar', que tem a forma *-ki* no passado associado à forma do P1 (*mí* + verbo).

(5)

ntin'ébomádží,

Ø- ntini é bó má Ø -dʒ- í

7 momento con 3p IS3s MT vir **PFTV**

'Quando eles chegaram,

bsílékílé mímaná

bsí lé Ø **-k-** í lé **mí** -man- a

1p IS1p MT **estar** **VF** IS1p **P1** acabar VF

nós tínhamos acabado'

Esse Tempo é mais facilmente identificado quando se trata de relatar um fato anterior a outro no passado. Ele é marcado pelo morfema de passado recente *mí*-, colocado antes do verbo principal. Podemos notar que é o verbo auxiliar *-ki* 'estar/ficar', não o principal, que tem a marca do aspecto perfeito ou do perfectivo (-í) como vogal final.

Há, portanto, uma correlação entre tempo e aspecto, sendo que o aspecto é marcado na primeira forma verbal e o tempo, na segunda.

1.6. O futuro

O futuro expressa uma posteridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência presente; indica uma ação que vai se realizar.

Em *lembaama*, distinguimos duas formas verbais para expressar o futuro:

- a) sem marca de tempo e, portanto, que se confunde com o presente (cf. exemplo (2), acima). Expressa a ideia de um futuro mais próximo, podendo coocorrer com advérbios de tempo como:

i) *lobi* ‘hoje’,

ii) *ossuugha* ‘amanhã’,

iii) *mbsa-ossuugha* ‘depois de amanhã’

mbs’ osuuxá

mbisá- osuuxá

atrás de amanhã

iv) *ngula-mbisa-ossuugha* ‘daqui quatro dias’

ngulambs’ osuuxá

Ø-ngula- mbisá- osuuxá

7-lado atrás de amanhã

(6)

loβí mwáná ju alila

loβí mu- áná ju a Ø -lil- a

hoje 1 criança esta IS1 **F1** chorar VF

‘Hoje esta criança vai chorar’

- b) introduzida pelo verbo auxiliar *odze* ‘ir’, que expressa a ideia de um futuro distante. Esse futuro pode ser introduzido por uma expressão de tempo como *tsughu lemō* ‘um dia’.

(7)

mwánáju, adʒ’okiriɣ’owóró

mw- áná ju, a Ø -dʒ- ε o -kiriɣ- a o- wóró

1 criança esta, IS1 MT ir VF 12 tornar-se VF 1 soldado

‘Esta criança tornar-se-á/ vai tornar-se soldado’ (um dia)

Temos no exemplo acima uma forma verbal composta que expressa uma ideia planejada para se realizar em um futuro distante (um dia). Esse futuro é introduzido pelo verbo auxiliar *odze* ‘ir’, que acompanha o verbo principal *okiriga* ‘tornar-se’ (no infinitivo).

Dessa forma, em *lembaama*, os únicos tempos bem marcados por morfemas são os dois passados: o recente e o distante. O passado remoto é marcado pelo verbo auxiliar *-li* ‘estar’ que se torna *-ki* no passado. O futuro distante é marcado pela gramaticalização do verbo *odzé* ‘ir’, que desempenha o papel de auxiliar, como em muitas línguas do mundo (francês, inglês, português, etc.). O presente é um caso *default*. Ele é marcado pelo morfema zero. Expressa também o futuro e o presente progressivo. Observamos que todos os morfemas ou lexemas (no caso do futuro com *odzé* ‘ir’), marcadores de tempos aparecem sempre à esquerda da raiz verbal ou do verbo principal (no caso do futuro).

2 O Aspecto

Encontramos diversas definições de Aspecto na literatura. Todas diferenciam Aspecto de Tempo, porque dizem respeito a uma visão interna do processo. A partir da definição estabelecida por Comrie (1976), Nurse conceitualiza o Aspecto como:

Aspect is grammaticalized expression of ‘internal temporal constituency’, ou seja, o Aspecto é a expressão gramaticalizada da constituição interna do tempo (NURSE, 2008, p. 80,129).

Da mesma maneira, temos também outras definições:

O Aspecto diz respeito ao tempo, mas ao “contorno ou distribuição temporal” de um acontecimento ou estado de coisas e não à sua “localização no tempo” (LYONS, 1979, p. 331).

O Aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo. (CASTILHO, 1968, p. 14)

O Aspecto designa, portanto, uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do falante em relação à ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado, ou pode considerá-la como *não concluída* (CUNHA; CINTRA, 2007, P. 396).

O levantamento da literatura sobre as línguas do mundo sugere as seguintes categorias de aspectos como as mais difundidas: o imperfeito, que contrasta com o perfeito e o anterior; o progressivo e o habitual. Além desses cinco, há um sexto Aspecto, menos difundido, apresentado por Nurse (2003, P. 96) e que é bastante difundido nas línguas bantas, exceto em *lembaama*: o persistivo. Trata-se de um aspecto que denota uma atividade que começou no passado e que continua até o momento da enunciação. Em português, seria algo como ‘ainda estar + verbo no gerúndio’.

2.1 O perfeito

Quando falamos do contraste perfeito (PFTV)/ imperfeito (IPFV), retomamos a afirmação de Creissels (2006, p. 196) de que existem, em muitas línguas, duas formas verbais distintas que se alternam na narrativa. Uma põe em sequência os eventos que constituem a trama da narrativa (é esta forma verbal que chamamos de *perfeito*). A outra descreve as situações em que se desenrolam ou acontecem esses eventos (é essa que chamamos de imperfeito).

Assim, o fato tratado perfeitivamente ocupa uma determinada posição na linha de tempo e é visto como global, como um ponto fechado, como um todo, um conjunto, do qual não interessa demonstrar a constituição temporal interna, isto é, se durou um certo período de tempo ou não, se o falante quer expressar apenas o início da sua realização, ou o meio, ou o fim. O evento não é observado quanto à maneira como a fração de tempo nele contida é distribuída. Dessa forma, o *perfeito* expressa o fato enunciado como global, sem parcializar ou marcar de alguma forma a sua temporalidade interna (NURSE, 2003, p. 96).

Em *lembaama*, o aspecto perfectivo é marcado pela vogal final *-í* posposta à raiz ou ao radical do verbo, podendo coocorrer com advérbios de tempo como:

a) *mbari* ‘ontem’,

b) *mbisá-mbari* ‘anteontem’,

mbsámbari

mbisá- mbari

atrás de ontem

c) *ngula-mbisa-mbari* ‘antes de anteontem’ (há quatro dias).

ngulambsámbari

Ø-ngula- mbisá- mbari

7-lado atrás de ontem

(8)

báán’ádžípama mbari

bá- áná á Ø -dʒ- í Ø- pama mbari

2 criança IS2 MT comer PFV 1 carne ontem

‘As crianças comeram carne ontem’

O aspecto perfectivo se encontra principalmente nas narrativas: nos contos e fábulas. Vejamos estes exemplos:

(9)³⁰

nguj' ódʒí ɲa ɲkɔsɔ,

Ø- ngujá ó Ø -dʒ- í ɲa Ø- nkɔsɔ

1- javalí IS MT vir PFTV com 7 ferro

‘o javalí trouxe o ferro,

nd' ótúlí, nguj' ó vríɣi

ndé ó Ø -tul- í Ø- ngujá ó Ø -vríɣ- i

3s IS3s MT forjar PFV 1 javalí IS1 MT voltar PFV

ele forjou. O javalí voltou’

(10)³¹

ɲ'entʃʲérɛ, bóamaja, olúm'apava ndʒásí, odʒísixi

ɲa e-ntʃʲérɛ bó a ma -j- a o-lúmí a Ø³² -paɣ- a Ø-ndʒási

loc 4-manhã 3p IS3p P2 vir VF 1-marido IS3s MT levar VF 7-arma

‘De manhã,(quando) eles chegaram, o marido que levava uma arma no ombro

odʒísixi ó mpaan'ótí

o Ø -dʒísix- i ó mpaaní o-tí

IS3s MT esconder-se PFTV loc perto de 3-árvore

escondeu-se perto de uma árvore’

Temos acima um exemplo com marcas de tempo e de aspectos: *ma-* (marca do passado distante), e *Ø-* (marca que remete ao presente). Essa marca zero representa algo como um “pretérito imperfeito”. Este apresenta os fatos como simultâneos, como formando um quadro contínuo, ou melhor, como vinculados ao momento de referência pretérito (FIORIN, 1996, p. 158). Trata-se da descrição de uma cena no passado. Os fatos principais estão tanto no passado distante (marcado por *ma-*), como no perfectivo marcado pela vogal final *-i* no verbo *dʒisighi* ‘escondeu-se’. O exemplo mostra, portanto, uma convivência entre

³⁰ Este exemplo é tirado da fábula *mbaama : o ferreiro e a tartaruga* que se encontra no nosso corpus no apêndice.

³¹ Exemplo tirado da obra de Adam (1971, p. 248)

³² Trata-se do morfema zero que marca um presente. Aqui ele expressa um aspecto imperfectivo, é traduzido em português por um pretérito imperfeito. Ele indica uma ação em andamento ou uma descrição.

acontecimentos que estão no primeiro plano - e levam as marcas do aspecto perfectivo, e a descrição que está no segundo plano, que não levam nenhuma marca do aspecto imperfectivo, pois em *lembaama* o imperfectivo é expresso pela ausência de marca aspectual.

2.2 O imperfectivo

O *imperfectivo* expressa a temporalidade interna de uma ação de diversas maneiras: considerando-a como um fragmento de tempo que se desenrola (expressão de cursividade), selecionando fases desse tempo interno (expressão das fases inicial, intermediária ou final), ou expressando, ainda estados resultativos que deem relevância linguística à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu (COSTA, 2002, p. 30). Isto é, o imperfectivo (IPFV) expressa uma ação em curso.

Dados das línguas bantas citadas por Nurse (2003) indicam que os IPFV podem ser expressos pela flexão, que costuma vir no final, ou pelo uso de verbos auxiliares. Não há nenhuma flexão no final do verbo, já que a vogal final permanece a mesma do infinitivo. Portanto, em *lembaama*, o aspecto imperfectivo se expressa pela ausência de marca. Vejamos alguns exemplos.

Se um pai fizesse a seguinte pergunta para suas filhas ao chegar em casa, usando o verbo *odzé* ‘ir’:

(11a).

békùnilédzɛ

bé kùni lé Ø -dʒ- ɛ

2p onde IS3p MT ir VF

‘(Para) onde vocês vão/estão indo/irão ?’

A resposta imediata poderia ser esta:

(11b).

bsílédzɛtérɪɪ

bsí lé Ø -dʒ- ɛ Ø-térɪɪ

1p IS1p MT brincar VF 7-poço

‘Nós vamos/estamos indo/iremos ao poço’

Como podemos observar, a marca de tempo do verbo é zero e a vogal final do verbo permanece a mesma do infinitivo, tanto na pergunta quanto na resposta. Além do mais, a tradução nos remete tanto ao presente pontual, ao presente progressivo - em português, ‘você vão/estão indo’ e ‘Nós vamos/estamos indo’ - quanto ao futuro do presente - ‘você irão’ e ‘nós iremos’. Em todo caso, o processo está em curso. É por isso que se trata de um aspecto imperfectivo. O que importa aqui é o fato de a ação estar em desenvolvimento; o Tempo presente/futuro contém o aspecto imperfectivo; o que evidencia que o Aspecto é mais fundamental do que o Tempo nessa língua.

2.3 O progressivo

O *progressivo* para nós, faz parte do Imperfectivo. Mas para Nurse (2003, p. 98), é um aspecto diferente do imperfectivo. Segundo ele, o progressivo (PROG) é a quarta categoria dos aspectos. Ele representa uma ação em curso, que está acontecendo faz apenas alguns segundos, com relação ao momento da fala. O início e o fim da ação não importam. O que importa é o fato da ação estar em curso (NURSE, 2008, p.139). Assim, não é fácil distinguir o PROG de categorias semelhantes como o contínuo. Muitas línguas bantas podem contrastar essas duas categorias. Quando os dados fornecem simplesmente a tradução em uma língua mais conhecida como o inglês ou o português, sem contexto, não é possível saber de qual dessas duas categorias se trata, progressivo ou imperfectivo.

Vamos ver que não é o caso do *lembaama*, que difere das outras línguas bantas nos pontos mencionados acima.

Para Nurse, o progressivo parece ser uma categoria tão frequentemente renovada que é difícil dizer se o banto antigo o expressou por uma simples forma flexionada. Nas línguas

bantas estudadas por Nurse (2003), ele é expresso por formas gramaticalizadas que visivelmente derivam de ‘ser/estar’ ou ‘ter/haver’ mais locativo e/ou deverbal, como ‘estar com, estar em, ter/haver, etc.’ (cf. BASTIN, 1989b; 1989c; HEINE *et al*, 1993). O banto tem vários verbos traduzidos em inglês como ‘ser/estar’ que, muitas vezes, fazem sentido no progressivo porque indicam um estado temporário (-*li*, -*ri*): ‘estar em um lugar particular’, que se torna ‘estar em um momento particular’. ‘Ter/haver’, no banto, muitas vezes deriva de ‘estar + com’. Assim, os presentes progressivos que envolvem -*li*/-*ri* mais -*ku*/-*i*- (*substantivo verbal*), geralmente acompanhados de um locativo, são comuns. Os não-presentes muitas vezes acrescentam um auxiliar para indicar o tempo. As seguintes línguas servem de exemplos: *luvale* K14 (YUKAWA, 1987b), *luba* L33 (BECKETT, 1951), *umbundu* R11 (SCHADEBERG, 1990).

Concordamos, de fato, com Bastin, citada por Nurse (2003, p. 98). O aspecto progressivo em *lembaama* pode envolver o verbo -*li* ‘estar’. Mas não necessariamente. Vejamos estes exemplos:

(12a)

bsíleliléwóbó

bsí	le	Ø	-l-	i	lé	Ø	-wób-	ó
1p	IS1p	MT	estar	VF	IS1p	MT	falar	VF

‘Nós estamos conversando’

Entretanto, é possível expressar o mesmo aspecto sem usar o verbo auxiliar -*li* ‘estar’.

(12b)

bsíléwóbó

bsí	lé	Ø	-wób-	ó
1p	IS1p	MT	falar	VF

‘Nós estamos conversando’

Porém, essa forma significa tanto ‘estamos falando’ como ‘falamos’ ou ‘falaremos’.

O único efeito de sentido diferente entre essas duas orações é que a segunda (12b), pela ausência de -*li* ‘estar’, é a única que pode também significar uma ação futura. Como já foi dito, é uma forma *default* (sem marca de tempo, nem de aspecto). Em todo caso, trata-se de um progressivo que é também um imperfectivo, no sentido em que a ação não acabou, ainda está em andamento.

2.4 O habitual

Concordamos com Nurse (2003, p. 98), ao afirmar que a forma habitual é um imperfeito, no sentido em que a ação está em curso. Estudiosos das línguas africanas, porém, podem divergir em relação a afirmação de que o habitual é um tipo de aspecto imperfeito. Para Comrie (1976) o imperfeito contrasta com o perfectivo, e é um termo geral para *habitual*, *progressivo* e *contínuo*. Estudiosos mais recentes aprovam também o contraste básico entre *imperfeito* e *perfectivo*. Nesse cenário, o imperfeito representa um acontecimento ocorrendo em um longo período indefinido.

Para Creissels (2006, p. 183), o *habitual* é um tempo, e o autor propõe um presente habitual, que se refere a um acontecimento apresentado como se produzindo habitualmente, em um período de tempo que engloba o momento da enunciação.

O habitual (Hab), em *lembaama*, é um Aspecto e indica uma atividade que caracteriza um longo período ou algo que acontece por muito tempo, de modo costumeiro, repetido. Ele é muitas vezes associado, na maioria das línguas bantas, com reflexos da protoforma herdada do protobanto: *-a(n)ga*, no final do verbo, ou seja, à direita da raiz verbal. A final *-a(n)ga* é muitas vezes associada ao IPFV. Um morfema zero, não marcado no tempo ou no aspecto, indicando que uma ação caracteriza um longo período não especificado, ocorre em diversas línguas bantas. Esse morfema é usado quando a distinção entre o IPFV, o PROG ou o Hab não é importante, relevante ou conhecida.

Em *lembaama*, o *habitual* é um aspecto marcado pela extensão (-ag-) realizado [-aʎ-], e pela vogal final, que repete a vogal da extensão.

(13a)

bsíletáámaya etʃux'ésó
 bsí le Ø -táám- aʎ- a e- tʃuxú e- só
 1p IS1p MT brincar Hab Asp 4 Dia 4 todos
 'Nós brincamos/costumamos brincar todos os dias'

(13b)

bsíletáámaa
 bsí le Ø -táám- a(ʎ)- a
 1p IS1p MT brincar Hab Asp
 'Nós costumamos brincar'

Nesse exemplo, de fato, podemos observar a presença do morfema (-ag-) realizado [-aʔ-] posposto à raiz do verbo. A marca de aspecto está também no alongamento da vogal final. De fato, observa-se, hoje em dia, que as duas formas estão em variação livre, o que mostra uma instabilidade, que pode vir a dar numa mudança, principalmente pelo fato de estar associada à fala dos jovens: há uma síncope da consoante velar /g/ do morfema do habitual /-ag-/ na fala dos falantes jovens, por exemplo, se comparados aos velhos. Assim, o encontro das vogais em harmonia (a da extensão habitual e a da vogal final do verbo) produz um alongamento. Trata-se de um alongamento compensatório, porque a queda do segmento consonantal provoca o alongamento vocálico, fato comum nas línguas. Dessa forma, no lugar de: tǎámaʔa (para os velhos), temos: tǎámaa (para os jovens) ‘brincar habitualmente’.

O habitual pode ser encontrado em provérbios, e se justifica pelo fato de os provérbios serem uma fonte importante da sabedoria do povo *mbaama*. Se o habitual em *lembaama* fosse um tempo como em português, seria o presente que Fiorin (2003, p. 169) chama de “*presente omnitemporal* ou *gnômico*”. Vejamos o provérbio abaixo em que aparecem os verbos *okwá* ‘morrer’, *osíílá* ‘sobrar/ficar’:

(14)

mákwaabáári,

má	Ø	-kw-	a(ʔ)-	a	bá-	ári
IS2	MT	morrer	Hab	Asp	2-	pessoa

‘Morrem pessoas habitualmente,

másilaabáári

má	Ø	-sil-	a(ʔ)-	a	bá-	ári
IS2	MT	sobrar	Hab	Asp	2-	pessoa

sobram pessoas habitualmente’. Isto é, o mundo não acaba, apesar das mortes.

2.5 O habitual passado

O aspecto habitual no passado constrói-se a partir do perfectivo. Expressa uma ação que costumava ser realizada no passado. O passado habitual é marcado por um morfema de tempo zero anteposto à raiz do verbo. O aspecto habitual no passado (Habp) é expresso pela extensão /-ig-/ que se realiza [-iʁ-], posposta à raiz do verbo. Assim como no habitual presente, a consoante velar pode ser omitida, o que gera o alongamento da vogal final que apresenta uma harmonia vocálica e tonal com a vogal da extensão, isto é, identidade, repetição, da vogal da extensão (que está sempre na penúltima posição da estrutura verbal), no final do verbo (na vogal final). Vejamos este exemplo:

(15)

báán'ádʒiʁɪɲama

bá- áná a Ø -dʒ- i(ʁ)- i Ø- ɲama

2 criança IS2 MT comer **HabP** **Asp** 1 carne

‘As crianças comiam/ costumavam comer carne’

O aspecto habitual no passado encontra-se também na literatura (nos contos e fábulas). Vejamos um exemplo tirado da fábula ‘o ferreiro e a tartaruga’ (cf. Corpus em Apêndice).

(16)

mvur' akíí m' osí

mv- uru a Ø -k- i(ʁ)- i má o- sí

1 pessoa IS **MT** ficar **Habp** **Asp** loc 12 país

‘Num país vivia um homem’ (Introdução comum a muitos contos)

Na verdade, em *lembaama*, no que diz respeito ao habitual, estamos diante de um caso interessante: há uma interação entre tempo e aspecto, no habitual (presente/passado), pois é uma categoria verbal que apresenta elementos morfológicos e semânticos relativos tanto ao Tempo (pela marca de tempo que é zero) quanto ao Aspecto, pelo fato de veicular uma ação costumeira e de ser marcado por um morfema derivacional colocado à direita da raiz verbal. Porém, para nós, sempre se trata de um aspecto, pois partimos do princípio de que o aspecto é

sempre marcado à direita da raiz do verbo, mas o Aspecto também é uma extensão pela similaridade da forma: -aʁ- (habitual presente) que se torna -iʁ- (no passado).

Resumindo, *lembaama* apresenta os seguintes aspectos:

- 1- o perfectivo, marcado pela vogal final -i;
- 2- o imperfectivo, sem marca específica, que indica uma ação em curso ou não concluída. Nesse sentido, consideramos também o habitual como um aspecto imperfectivo. Além disso, partimos da constatação de que, em *lembaama*, como na maioria das línguas bantas, o aspecto é geralmente marcado à direita da raiz verbal. Assim, o habitual é marcado pelos morfemas derivativos -ag- (para o habitual presente) e -ig- (para o habitual passado), e a vogal final que repete a vogal da extensão. Notamos que o habitual pode ser expresso pela eliminação da consoante velar, que resulta em um alongamento da vogal final do verbo.

Observamos, finalmente, que há apenas um aspecto que não é marcado em *lembaama*: o imperfectivo. O progressivo, que consideramos uma forma de imperfectivo, é marcado pelo verbo -li ‘estar’, em desaparecimento, que desempenha o papel de auxiliar que acompanha o verbo principal e, portanto, se coloca à esquerda do verbo principal. Dessa forma, como a duração encontrada no imperfectivo, encontra-se também no progressivo, logo só há dois aspectos nesta língua: o perfectivo e o imperfectivo.

3 O Modo

Modo refere-se à maneira pela qual o falante apresenta a verdade da proposição no discurso e no contexto do mundo real. Aqui estão incluídas expressões de probabilidade, possibilidade e certeza. Distinções de modo expressam o que o falante quer fazer com a proposição em uma conversação particular. Isso inclui a expressão de uma asserção (indicativo), a não-asserção (subjuntivo), uma ordem (imperativo), e um aviso ou uma advertência (admonitivo). Mesmo quando o modo é expresso como uma flexão verbal, ele tem toda a proposição no seu escopo, e não modifica apenas o verbo. Essas duas propriedades tornam o modo menos relevante para o verbo do que o Tempo e o Aspecto. Assim, devemos esperar que o modo seja uma categoria flexional de verbos menos frequente que o Tempo e o Aspecto, desde que não afete o significado de um verbo, pois exemplos de expressão lexical de distinções de modos são raros ou não-existent (BYBEE, 1985, p. 22, 28).

Os modos caracterizados por uma flexão verbal podem ser analisados sob esses dois critérios:

Modos com:

1. **força ilocutória:** imperativo, optativo, admonitivo, proibitivo, interrogativo (op. cit., p.170)
2. **compromisso com a verdade da asserção:** subjuntivo, dubitativo, provável, potencial, condicional.

A partir desses critérios elaborados por Bybee, apresentamos os modos que encontramos em *lembaama*.

3. 1 O imperativo

Em *lembaama*, como em várias línguas, o imperativo é um modo que tem uma grande força ilocutória porque indica uma vontade, uma ordem, um conselho, um desejo etc. A principal característica do imperativo é que ele não expressa de maneira explícita os três sujeitos a que se refere, pois estão todos subentendidos. Entretanto, ele sempre expressa o índice do sujeito (IS). Vejamos este exemplo com o verbo *okúná* ‘plantar’.

Quadro 9: imperativo do verbo *okúná* ‘plantar’

Pessoas	IS	MT	RV	VF	Tradução
2s	Ø–	Ø–	kún–	á	Plante!
1p	lé–	Ø–	kún–	á	Plantemos!
2p	le–	Ø–	kún–	á	Plantem!

Todas as formas verbais do imperativo têm zero (Ø) como marca de tempo, e a vogal final do verbo é a mesma do infinitivo. A segunda pessoa do singular do imperativo (2s) é a pessoa a quem nós nos referimos quando falamos no imperativo. Trata-se da segunda pessoa do singular e seu índice do sujeito é zero. A primeira pessoa do plural do imperativo se refere ao primeiro pronome pessoal do plural (inclusivo) e seu índice do sujeito é *lé-* (com tom alto). A segunda se refere ao segundo pronome pessoal do plural e seu índice do sujeito é *le-* (com tom baixo).

3. 2 O condicional e o Subjuntivo

O condicional e o subjuntivo são, como vimos, modos que têm um compromisso com a verdade da asserção. Bybee (1985) define o subjuntivo como um termo usualmente aplicado para formas verbais finitas especiais associadas com certos tipos de construções subordinadas. Os usos do subjuntivo variam consideravelmente entre as línguas. Uma língua pode usar o subjuntivo numa situação em que outra usa o indicativo. Na maior parte das vezes, subjuntivos aparecem em certas construções particulares, isto é, ocorrem como complementos de alguns verbos principais, ou depois de algumas conjunções. Quando ocorre depois de alguns verbos, o subjuntivo implica propósito, mesmo se não há conjunções. Na verdade, é difícil determinar o significado do subjuntivo numa dada língua. Há uma vasta literatura em línguas indo-europeias, mas não há uma solução satisfatória. Em geral, se pode dizer que o subjuntivo tem um sentido geral de “não-assertado” e então toma sentidos mais específicos no contexto em que ocorre (BYBEE, 1985, p. 186).

Em *lembaama*, o que chamamos de condicional é uma forma verbal que apresenta o processo como uma condição ou uma hipótese dentro de um contexto bem definido. O condicional é sempre seguido de uma outra forma verbal que evoca a consequência da proposição principal. Observamos uma concordância verbal entre essas duas formas. Vejamos um exemplo:

(17)

mvuur'osawεlevε,

mv- uuru o -s- á wε le- vé,

1 pessoa Inf fazer VF 2s 9 bem,

‘Se alguém te fizer o bem,

w'osíndelevé

wε o Ø -s- í ndé le- vé

2s IS MT fazer VF 2s 9 bem

‘faça-lhe o bem (também)’

Nesse exemplo, temos duas orações: a primeira (mvuur' osawεlevε 'Se alguém te fizer o bem') expressa uma condição: A segunda (w' osíndεlevé 'faça-lhe o bem') é a consequência. Nem o índice do sujeito nem o tempo são indicados na primeira oração. Na segunda, temos um morfema zero no lugar do morfema de tempo. O verbo tem uma marca de aspecto perfectivo indicado pela vogal final -í. Conforme a definição do subjuntivo, apresentada, pensamos que essa forma verbal da segunda oração (consequência da primeira) seja um subjuntivo porque, de fato, aparece nessa construção particular como consequência da proposição principal.

O condicional se encontra bastante nos provérbios. Vejamos este exemplo:

(18)

lek^wú okisá ηgwúxú, alil'áwí

le - k^wú ó -kis- á Ø- ηgwúxú a- lili a -w- í

9 morte *Inf Não encontrar VF* 1 mãe 2 chorões *IS2 acabar VF*

'se a morte não encontrasse/encontrar a mãe, não haveria/haverá mais chorões. Isto é, se a mãe não falecesse/falecer, ninguém choraria/chorará'

O exemplo acima é um provérbio. Nele, temos uma condição ou uma hipótese: lek^wú okisá ηgwúxu 'se a morte não encontrasse a mãe', e uma consequência: alil'áwí 'não haveria mais chorões'. Podemos observar que não há presença de índice de sujeito, nem marca de tempo no primeiro verbo que expressa a condição. Ele permanece no infinitivo. O índice de sujeito (**a**) e a marca de aspecto perfectivo (a vogal final -**í**) só aparecem no segundo verbo, que expressa a consequência. Portanto, em *lembaama*, a expressão da condição ou da hipótese é feita pelo uso de um infinitivo sem marca de tempo e sem índice de sujeito na oração principal. Assim, a estrutura do condicional é: *Sujeito + Infinitivo*.

Finalmente, vimos que o subjuntivo aparece, aqui, num contexto bem definido, ou seja, a sua presença é condicionada pelo uso do condicional. Ele não tem estrutura própria porque retoma a marca do perfectivo que é vogal final -í.

3.3 O indicativo

Em *lembaama*, como em várias outras línguas, o indicativo, como o próprio nome já diz, indica fatos reais e certos ou tidos como tal, seja no presente, seja no passado ou no futuro. Dessa maneira, o indicativo é constituído por todos os tempos descritos anteriormente (cf. Tempo): o presente, o passado recente, o passado distante, o passado remoto, o futuro próximo e o futuro distante.

4 Conclusão

Este capítulo apresentou uma análise geral do tempo, aspecto e modo (TAM) em *lembaama*. Recorremos, quando foi preciso, a estudos de vários autores como Benveniste (1974), Comrie (1985), Costa (2002), Creissels (2006), Castilho (1968), Bybee (1985), Fiorin (1996; 2003), Lyons (1979) e Nurse (2003; 2008). Nurse (2003, p. 90-102 e 2008), que estudou muitas línguas bantas, tem como proposta fundamental que as categorias tempo, modo e aspecto sejam vistas nos termos da linguística geral. Ele conclui que o aspecto é mais fundamental que o tempo. Esse panorama geral, inevitavelmente sincrônico, envolve uma discussão das estruturas e daquilo que pode ser assumido por um estágio inicial do banto. Essa abordagem é baseada no princípio de que o aspecto e o tempo são membros interligados do mesmo sistema. O sistema é destinado ao uso e é também modificado pelo uso. Nurse (2003, p. 102) sugere que futuras investigações úteis sobre aspecto e tempo deveriam focalizar três questões:

- 1- o que as categorias envolvem ou implicam?
- 2 - como se combinam no sistema?
- 3- como são usadas na prática?

Podemos dizer que o ato da enunciação envolve um *falante*, um *espaço* (*aqui/lá*) e um *Tempo* (*agora/então*) em qualquer língua. Ao produzir um enunciado, o falante combina morfemas e lexemas que seguem a ordem sintática da língua. Quanto ao sentido do enunciado, ele vai depender do contexto em que será produzido. Isto é, a enunciação não pode ser feita de qualquer forma em qualquer língua. O seu sucesso vai depender de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Portanto, concordamos em grande parte com Nurse e destacamos algumas características da morfologia verbal do *lembaama* relacionadas às categorias de Tempo, Aspecto e Modo. Verificamos que, nessa língua, a codificação do aspecto e do tempo pode ser

feita pela flexão verbal e pelo uso de verbos auxiliares (como *oka* ‘ficar’, *odze* ‘ir’, *osagha* ‘procurar’, *omana* ‘acabar’, etc). Vimos também que é possível ter dois verbos flexionados na mesma oração em *lembaama* (cf. Passado remoto).

No que diz respeito ao aspecto, descobrimos que *lembaama* apresenta dois principais aspectos:

- i) O perfectivo, marcado pela vogal final -í, possui geralmente um tom alto. Sua estrutura é: *sujeito+ índice do sujeito+zero+radical do verbo + vogal final -í*.
- ii) O imperfectivo que indica uma ação em andamento e inclui o progressivo - que pode ser expresso pelo verbo -li ‘estar’. Contudo, a tendência hoje é de apagá-lo sem que haja mudança no sentido da oração. Dessa maneira, a oração no progressivo acaba tendo o mesmo sentido da oração no presente e no futuro, que possuem o aspecto imperfectivo. Sua estrutura é:

sujeito+índice do sujeito+zero+(-li)+índice do sujeito+verbo.

O imperfectivo inclui também o habitual, marcado geralmente pelo morfema -ag- no presente e -ig- no passado. Tudo vai depender da vogal final do verbo que forma uma harmonia vocálica e tonal com a vogal do morfema marcador do aspecto. Observamos uma variação manifesta no habitual pela possibilidade de eliminar a consoante velar (-g-) desse morfema, que provoca um alongamento da vogal final, já que apresenta harmonia vocálica e tonal com a vogal da extensão, isto é, identidade, repetição da vogal da extensão. Essa variação, ou instabilidade, se observa mais na fala dos mais jovens. A estrutura do habitual é: *sujeito+índice do sujeito+zero+radical+(Hab)+VF alongada*

Exceção feita do aspecto imperfectivo, os morfemas de aspecto em *lembaama* são sempre pospostos ao radical do verbo (ou seja, os aspectos são sempre marcados à direita do radical do verbo). É o caso dos aspectos perfectivo e habitual.

Quanto ao tempo, descobrimos que *lembaama* tem três tempos principais:

- 1) Um presente que não tem marcas, e que se confunde com o presente pontual, o progressivo e o futuro. Sua estrutura é: *sujeito+índice do sujeito+radical+vogal final*.
- 2) Dois futuros:
 - a) Um mais próximo (F1), sem marca, que se confunde com o presente pontual e o progressivo.
 - b) Outro, mais distante, marcado pelo verbo auxiliar *odze* ‘ir’. Sua estrutura é: *sujeito+índice do sujeito+-dze+verbo*.

3) Três passados:

- a) Um recente (P1), marcado pelo morfema *mí-* de tom alto e anteposto ao radical do verbo. Sua estrutura é: *sujeito+índice do sujeito+mi+verbo*.
- b) Um distante (P2), marcado pelo morfema *máá-* de tom alto, e também anteposto ao radical do verbo. Sua estrutura é: *sujeito+índice do sujeito+máá+verbo*.
- c) Um remoto (P3), expresso pela junção do verbo auxiliar *-ki* ‘estar’ (passado de *-li*) e o morfema do passado recente *mi-*. Sua estrutura é:
Sujeito+índice do sujeito+-ki+índice do sujeito+mi+-verbo.

Contrariamente aos morfemas de aspectos, os morfemas de tempo são sempre antepostos ao radical do verbo. É o caso dos dois morfemas dos passados recente e distante.

Quanto ao modo, descobrimos três principais modos. São eles:

- i) O imperativo: com três pessoas (a segunda do singular, a primeira do plural e a segunda do plural). O índice do sujeito só não aparece no singular. A primeira e a segunda pessoa do plural se distinguem pelo tom - alto na primeira, e baixo na segunda. Sua estrutura é: *(índice do sujeito)+verbo*.
- ii) O condicional aparece bastante nos provérbios e não tem nenhuma marca específica. Sua estrutura é a mais fácil de ser reconhecida: *sujeito + verbo no infinitivo*. Ele é acompanhado por uma forma verbal que chamamos de subjuntivo, conforme a definição de Bybee (1985). O subjuntivo aparece em contextos bem definidos, mas sem estrutura própria, já que retoma a do perfectivo: a vogal final *-í*.
- iii) O indicativo, que é constituído pelos Tempos citados acima: o presente, o passado e o futuro. Nele, os fatos são tidos como reais ou verdadeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar a morfologia verbal do *lembaama*. Para isso, buscamos primeiro apresentar a estrutura verbal das línguas bantas que usamos como ponto de referência para definir a estrutura verbal do *lembaama*, uma língua banta da floresta. A análise revelou que a estrutura verbal dessa língua é composta dos seguintes elementos: *sujeito, índice do sujeito, negação1, marca de Tempo, raiz do verbo, extensão, vogal final ou marca de Aspecto, objeto(s) ou índice do objeto, negação2* que se seguem numa ordem fixa na oração. Observamos que a posição 5 ocupada pelo limitativo na estrutura do protobanto não ocorre na estrutura verbal desta língua. Notamos também que outro fato que difere o *lembaama* das outras línguas bantas é que essa língua não distingue a posição sufixo ou extensão da pré-final. Constatamos ainda que o índice do objeto, que é geralmente anteposto à raiz do verbo na maioria das línguas bantas (do sudeste da África principalmente), é posposto ao verbo em *lembaama*. A negação, por sua vez, é representada pelo morfema descontínuo composto por dois elementos: *ka-* (negação1) e *-ní* (negação2). Sendo que na estrutura verbal, *ka-* aparece depois do índice sujeito (à esquerda da raiz do verbo) e *-ni* aparece depois do índice objeto (à direita da raiz do verbo), é o último elemento da estrutura do verbo.

Em seguida, ao estudar a derivação verbal em *lembaama*, constatamos ainda que a estrutura das extensões desta língua difere daquela encontrada nas outras línguas bantas pelo fato do *lembaama* ter acrescentado à estrutura -VC- preexistente no protobanto, estruturas do tipo -C-, -CV- e -CVC-. A extensão mais comum e mais fácil de ser reconhecida nessa língua é aquela que marca o *habitual*, tanto no presente (-ag-) como no passado (-ig-). Nessa extensão, notamos um apagamento da consoante velar (-g-) que gera o alongamento da vogal final do verbo nos falantes mais jovens, trata-se de um alongamento compensatório que é comum em várias línguas. O estudo dos sufixos derivativos do *lembaama* revelou também a existência de uma correlação entre o valor gramatical e o valor semântico das extensões. Dessa maneira, vimos que seres humanos e animados são envolvidos em orações que apresentam uma transitividade alta. O estudo da transitividade mostrou, ainda, que é uma noção fundamental nessa língua porque distingue ações e estados, por exemplo.

Por último, estudamos as categorias Tempo, Aspecto e Modo (TAM) nessa língua. A análise revelou três tempos principais: um presente que não tem marcas e que se confunde com o presente pontual, o progressivo e o futuro. Dois futuros: um mais próximo, sem marcas, que se confunde com o presente pontual e o progressivo; outro, mais distante,

marcado pelo verbo auxiliar *odze* ‘ir’. Três passados: um recente, marcado pelo morfema *mí-* de tom alto e anteposto ao radical do verbo; um distante, marcado pelo morfema *máá-* de tom alto e anteposto ao radical do verbo; um remoto, expresso pela junção do verbo auxiliar *-ki* ‘estar’ e o morfema do passado *mí-*. Assim, contrariamente aos morfemas de Aspectos, os morfemas de Tempo são sempre antepostos ao radical do verbo. É o caso dos dois morfemas que marcam os passados recente e distante.

O estudo do Aspecto revelou que os aspectos do *lembaama* podem ser reduzidos a dois: o perfectivo, marcado pela vogal final *-í*; o imperfectivo, sem marca específica, que indica uma ação em curso ou não concluída. Nesse sentido, consideramos também o habitual como um aspecto imperfectivo. O habitual revelou-se uma categoria que apresenta elementos morfológicos e semânticos que dizem respeito tanto ao Aspecto quanto ao Tempo. A análise dos tempos e dos aspectos revelou que o Aspecto é mais fundamental em *lembaama*. No que diz respeito aos modos, descobrimos os três principais. São eles: o imperativo, o condicional e o indicativo.

Finalmente, como este é o primeiro trabalho de descrição sobre a morfologia verbal desta língua, esperamos ter trazido para o debate linguístico fatos novos numa língua banta que até então não tinha sido estudada.

Nosso trabalho não foi exaustivo, pois ainda há muito para estudar nas línguas bantas e no *lembaama*, em particular, sobre muitos aspectos. Com relação ao verbo, sobretudo, considerando que essas línguas são reconhecidas como “*Verby languages*”, resta descrever com maior profundidade a atuação de fenômenos como tons e focos na estrutura verbal.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. J. **Folklore du haut-ogoué**: proverbes, devinettes, fable mbede. Issy-les Moulineaux: Imprimerie Saint-Paul, 1971.
- ADAM, J. J.; BITON, A. **Dictionnaire ndumu-mbédé-français et français-ndumu-mbédé. Petite flore de la région de Franceville (Gabon), Grammaire ndumu-mbédé**. Libreville: Archevêché de Libreville, 1969.
- ANDJEMBÉ, Leonard. **Le mythe Olendé**. Sources, récits, essai de lecture Philosophique. Libreville: Wanda, 1999.
- BASTIN, Y. El prefijo locativo de la clase 18 y la expresión del progresivo presente en Bantu (2). In: **Estudios Africanos** v. 4, n.7, p.61-86, 1989c.
- BASTIN, Y.; PIRON, P. Classifications lexicographiques: bantou, bantou et bantoide. De l'intérêt des 'groupes flottants'. In: HOMBERT & HYMAN (Eds.). **Bantu Historical Linguistics: theoretical and empirical perspectives**. California, Stanford:CSLI, p. 149-64,1999.
- _____. [Angenot]. Les langues bantoues. In: **Inventaire des études linguistiques sur les pays d'Afrique noire d'expression française et sur Madagascar**, p. 123-186, maps. Daniel Barreteau (ed.). Paris: conseil International de la langue Française, 1978.
- BEARTH, T. Syntax. In: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. **The bantu languages**, New York: Routledge, p.121-142, 2003.
- BECKETT, H. W. **Handbook of Kiluba**. Mulongo: Garenganze Evangelical Mission, 1951.
- BENNETT, P.R.; STERK, J. P. **South Central Niger-Congo**: a reclassification, *SAL* v.8, n.3, p. 241-73, 1977.
- BENVENISTE, Emile. **Problèmes de linguistique générale**. V.1. Paris: Gallimard, 1966.
- _____. **Problèmes de linguistique générale**. V.2. Paris: Gallimard, 1974.
- BLANCHON, J.; ALIHANGA, M. Notes sur la morphologie du Lempiini de Eyuga. In: **Pholia**, CRLS, Université Lumière-Lyon2, Lyon, v.7, p. 23-40,1992.
- BLANCHON, J. Tone cases. In: BLANCHON, J.; CREISSELS, D. **Issues in Bantu Tonology**. Köln: Rüdiger Köppe, p.397-412, 1999.
- _____. Les classes 9, 10 et 11 dans le groupe bantou (B40). In: **Pholia**, n.2, p. 5-22, 1987b.
- BLEEK, H.W.I. **The languages of Mozambique**, London: Harrison and Sons, 1856.
- _____. **A comparative grammar of South African languages**. Part I. Phonology, Cape Town and London: J. C. Juta and Trübner & Co, 1862.
- _____. **Comparative Grammar of South African Languages**. Part 2. The concord. Section 1: The noun, Cape Town and London: J. C. Juta and Trübner & Co, 1869.
- BONVINI, E. Classes d'accord dans les langues négro-africaines. Un trait typologique du Niger-congo, exemple du kasim et du kimbundu. In: **Fait de langues**, Revue de linguistique, Paris, Ophrys, n.8, p. 77-88, 1996.
- BOTNE, R. Future and Distal -ka-'s: Proto-Bantu or Nascent Form(s)? In: HOMBERT & HYMAN (eds.). **Bantu Historical Linguistics: Theoretical and Empirical Perspectives**. Stanford: CSLI, p. 473-515,1999.

- BRESNAN, J. & KANERVA, J. M. Locative inversion in Chichewa: a case study of factorization in grammar, In: **Linguistics Inquiry**, v. 20, n. 1, p.1-50, 1989. Also forthcoming In: E. Wehrli and T. Stowell, eds., **Syntax and Semantics 24: Syntax and the Lexicon**, Academic Press, New York.
- BYBEE, Joan L. **Morphology**: a study of the relation between meaning and form. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar**: tense, aspect, and modality in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CASTILHO, Ataliba. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968 (Coleção de Teses, 6).
- COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. **Language universals and linguistics typology**. Oxford: Blackwell Publishers, 1989.
- COSTA, S.B.B. **O Aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 2002.
- COUPEZ, A. **Étude de la langue Luba**. L30. Tervuren: MRAC, 1954.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4ª ed. revista e ampliada. São Paulo, Lexikon, 2007.
- CREISSELS, Denis. **Description des langues négro-africaines et théorie syntaxique**. Université Stendhal, Grenoble : Ellug, 1991.
- _____. **Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines**. 2nd édition. Grenoble: ELLUG, Université Stendhal, 1994.
- _____. Conjunctive and disjunctive verb in Tswana. In: **South African Journal of African Languages**, v.16, n.4, p.109-115, 1996.
- _____. La problématique du circonstant dans une langue où il existe une forme applicative du verbe (sur l'exemple du tswana)'. In: Rémi, S.; A. Roman (éds.), **Le circonstant**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, p.115-137, 1998.
- _____. Typology. In: HEINE & NURSE (Eds.). **African Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 231-58, 2000.
- _____. La nature hybride de l'infinitif tswana. Lille, 2004. Disponível em <<<http://www.ddl.ish-lyon.cnrs.fr/fulltext/Creissels/Creissels2004.pdf>>> acesso em: 03 maio 2010.
- _____. **Syntaxe générale**: une introduction typologique - v.1, Catégories et constructions. Cachan: Germes – Lavoisier, 2006.
- _____. **Syntaxe générale**: une introduction typologique - v.2, la phrase . Cachan: Germes – Lavoisier, 2006.
- DIMMENDAAL, G. J. Morphology. In: HEINE & NURSE (Eds.). **African Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 161-193, 2000.
- DIXON, ROBERT M. W. Ergativity. In: **Language**, n.55, New York: Linguistic Society of America, p.59-138, 1979.
- DOKE, C. M. **Bantu Linguistics Terminology**. London: Longmans and Green, 1935.
- DUBOIS, J. et al. **Dictionnaire de Linguistique**. Librairie Larousse, Paris: 1973.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. Tradução dirigida e coordenada por Izidoro Blikstein. São Paulo: Clitrix, 2006.

FIORIN, J. L. **As Astúcias da Enunciação** – As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Introdução à Linguística II**. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, p.161-185, 2003.

GREENBERG, J. H. Vowel and nasal harmony in Bantu languages. In: **Revue Congolaise/Zaire**, n.5, p.813-20, 1951.

_____. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In GREENBERG, J. H.(ed.). **Universals of language**, 2nd ed. Cambridge, MA: MIT Press, 1963b.

_____. **The languages of Africa**. The Hague: Mouton, 1963a

_____. **The languages of Africa**. The Hague: Mouton & Co, 1966.

_____. How does a language acquire gender markers? In: GREENBERG (Ed.). **Universals of human language**: Word structure, v.3. Stanford University Press, v. 3, p. 47-82 1978a, 1978b.

GRÉGOIRE, C. The Bantu languages of the forest. In NURSE, D.; PHILIPPSON, G. **The bantu languages**, New York: Routledge, p. 349-370, 2003.

GUARISMA, G. kpā? (A53). In: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. **The bantu languages**, New York: Routledge, p.307-334, 2003.

GUILLAUME, G. **Temps et verbes**. Paris : Champion, 1968.

GÜLDEMANN, T. The genesis of verbal negation in Bantu and its dependency on functional features and clause types. In: HOMBERT and HYMAN (eds.). **Bantu Historical Linguistics: Theoretical and Empirical Perspectives**. Stanford: CSLI, p. 545-87, 1999.

GUTHRIE, M. **The classification of the Bantu Languages**. London : International African Institute (IAI), 1948.

_____. **The classification of bantu languages**. London: IAI, 1953.

_____. **Comparative Bantu**: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the bantu languages. Farnborough: Gregg Press, 1967-71. 4v.

_____. **Comparative Bantu**. Farnborough: Gregg Press, 1971. v.2.

HEINE, B. **A Typology of African languages based on the order of meaningful elements**. Berlin: Dietrich Reimer, 1976.

HEINE, B.; VOBEN, R. Sprachtypologie. In: HEINE, SCHADEBERG, WOLFF (Ed.). **Die Sprachen Afrikas**. Hamburg: Buske, p. 407-44, 1981.

HEINE, B. et al. Conceptual shift, a lexicon of grammaticalization processes in African languages. In: **Afrikanistische Arbeitspapiere (AAP)**, v. 34, n.5, 1993.

HEINE, B.; NURSE, D. **African Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HOPPER, P.J.; THOMPSON, S.A. Transitivity in Grammar and Discourse. In: **Language**, New York: Linguistic Society of America, v.56, n.2, p. 251-299, 1980.

- HYMAN, L. M. Phonology and noun structure. In: HYMAN (Ed.). **Aghem Grammatical structure**. SCOPIL, n.7, p. 1-72, 1979.
- HYMAN, L. M. Relative time reference in the Bamileke tense system. In: **Studies in African Languages (SAL)**, v. 11, n. 2, p. 227-237, 1980.
- HYMAN, L.; WATTERS, J. R. Auxiliary Focus. In: *SAL*, v.15, p. 233-73, 1984.
- HYMAN, L. M. Suffix ordering in Bantu: a morphocentric approach. In G. E. Booij (ed.), **Yearbook of Morphology**. London: Dordrecht Kluwer, p. 245-82, 2002.
- JOHNSTON, H. H. **A comparative study of the Bantu and Semi-Bantu languages**. Oxford: Clarendon Press, 1919-22. 2 v.
- KAMANDA, K. **Éléments de description du zamba, langue bantoue (C31e) du Zaïre**. Mémoire. Brussels : Université libre de Brussels, 1991.
- KAMBA MUZENGA, J. G. **Les formes négatives dans les langues bantoues**. Tervuren: Koninklijk Museum voor Midden-Africa, 1981.
- KATAMBA, F. Bantu nominal morphology. In: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. **The bantu languages**, New York: Routledge, p. 103-120, 2003.
- KUTSCH LOJENGA, C. Kibudu: a bantu language with nine vowels. In: **Africana Linguistica**, Tervuren: n.9, p.127-34, 1994a.
- _____. **The vowel system of Bila: a Bantu language of the northern Bantu borderland in Zaire**. Leiden, 1994b.
- LEWIS, M. Paul. **Ethnologue: Languages of the World**, sixteenth edition. Dallas: Summer Institute of Linguistics (SIL), 2009. Disponível em << <http://www.ethnologue.com> >>, acesso em: 11 de junho de 2010.
- LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica. [Introduction to Theoretical Linguistics]**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora Nacional/EDUSP, 1979.
- MAHO, J. A classification of the Bantu languages: an update of Guthrie's referential system. In: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. **The bantu languages**, New York: Routledge, p.639-651, 2003.
- MANN, M., DALBY, D. et al. **A thesaurus of African languages**, London: Hans Zell Publishers. 1987.
- MARCHAL-NASSE, C. **Esquisse de la langue tsogo: phonologie et morphologie**. Mémoire. Université Libre de Bruxelles, 1979.
- _____. **De la phonologie à la morphologie du nzébi, langue bantoue (B52) Du Gabon**. PhD thesis. Brussels: Université Libre de Bruxelles, 1989.
- MEINHOF, C. **Grundriss einer Lautlehre der Bantusprachen**, Leipzig: F. A. Brockhaus. Revised edition 1910, Berlin: Dietrich Reimer, 1899.
- _____. Das verbum in der Isubu-Sprache. In: **Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft (ZAS)**, Typologie + Universalienforschung. 3. A23. Berlin, p. 206-34, 1889-90a.
- _____. Das Zeitwort in der Benga-Sprache. In : **ZAS 3**. A34, p. 265-84, 1889-90b.
- _____. **Die Sprache der Herero in Deutsch Südwestafrika**. R31. Berlin, 1906a.

_____. **Linguistische ...**, 8. Bondie, 9. Zigula. Mitteilungen des Seminars für Orientalische Sprachen(MSOS), 1906b.

_____. **Grundzüge einer vergleichenden Grammatik der Bantusprachen**, Berlin: Dietrich Reimer. Revised edition 1948, Hamburg : Von Eckardt and Messtorff, 1906.

MEINHOF, C. ; VAN WARMELO, N. J. **Introduction to the phonology of the Bantu languages**. Berlin: Dietrich Reimer, 1932.

MEEUSSEN, A. E. 'Essai de Grammaire Rundi', in **Annales du Musée Royal du Congo Belge**, Séries Sciences Humaines, Linguistique, vol. 24, Tervuren : MRAC. D62, 1959.

_____. Bantu grammatical reconstructions. **Africana Linguistica III**, n° 61. Tervuren: Musée Royal de l'Afrique Central. 1967.79-121.

_____. **Bantu lexical reconstructions**, Tervuren: MRCA [reprinted in 1980], 1969.

MOTINGEA MANGULU, A. **Étude comparative des langues Ngiri de l'entre Ubangi-Zaire**. Leiden: Center for non-Western Studies (CNWS), 1996.

NGUNGA, A . **Introdução à lingüística bantu**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Imprensa Universitária. 2004.

NICHOLS, J. **Linguistic diversity in time and space**. Chicago and London: University of Chicago Press, 1992.

NSUKA NKUTSI, F. **Les structures du relatif dans les langues bantoues**, Tervuren: MRAC, Annales Sciences Humaines 108, 1982.

NURSE, D. **Classification of Sample Bantu Languages of Tanzania**. E, F, G, (J), M, P. AL/AL5, n.1, p.1-150, 1979a.

NURSE, D. ; PHILIPPSON, G. **The Bantu Languages**. New York: Routledge. 2003.

NURSE, D. **Tense and Aspect in Bantu**. New York: Oxford University Press. 2008.

OKOUDOWA, B. **Descrição preliminar de aspectos da fonologia e da morfologia do lembaama**, 2005. 102p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEDRO, José Domingo. **Étude grammaticale du kimbundu (Angola)**,1993. Thèse (Doctorat en sciences du langage), Université René Descartes, Sorbonne, Paris.

SCHADEBERG, T. C. Derivation. In NURSE, D.; PHILIPPSON, G. **The bantu languages**, New York: Routledge, p.71-89, 2003.

_____. Spirantization and the 7-to-5 vowel merger in Bantu, in M. Dominicy and D. Demolin (eds) **sound Change (Belgian Journal of Linguistics 9)**, Amsterdam: John Benjamins, 1994-5. 73-84.

_____. **A Sketch of Umbundu**. Cologne: Rüdiger Köppe Verlag (RKV), R11,1990a.

_____. **Schon–noch–nicht–mehr**: das Unerwartete als grammatische Kategorie im Swahili. G42. Frankfurt: Frankfurter afrikanische Blätter (FAB) 2, p. 1-15,1990b.

_____. La morphologie verbale du Bantu commun et les langues bantoues du Cameroun. In: **L'expansion bantoue**. Viviers, p.503-509,1980.

TIMBERLAKE, A. Hierarchies in the genitive of negation. In **Slavic and East European Journal**, n.19, p. 123-38,1975.

_____. Reanalysis and actualization in syntactic change. In: **Li**, p.141-77,1977.

TWILINGIYIMANA, C. **Éléments de description du doko**, Tervuren: MRAC Annales Sciences 116, 1984.

WILLIAMSON, K.; BLENCH, R. M. Niger-Congo. In: HEINE and NURSE (Eds.). **African Languages: An introduction**. Cambridge University Press. Cambridge, p. 1-41, 2000.

WILLIAMSON, K. Niger-Congo overview. In: Bendor-Samuel (ed.). **The Niger-Congo languages: a classification and description of Africa's largest language family**. Lanhan:University of America, p. 3-45, 1989a.

_____. Benue-Congo overview. In: Bendor-Samuel (ed.). **The Niger-Congo languages: a classification and description of Africa's largest language family**. Lanhan:University of America, p. 247-274, 1989b.

WATTERS, J. R. Syntax. In: Heine et al. **African Languages: An introduction**. Cambridge University Press. Cambridge, p.194-230, 2000.

XAVIER, M., & M.H.Mateus (orgs). **Dicionário de Termos Lingüísticos**. Lisboa: Edições Cosmos. 1992.

YUKAWA, Y. A tonological study of Luvale verbs. In: YUKAWA (Ed.). **Bantu Linguistics: Studies in Zambian Languages**. Tokyo: ILCAA, v.1, p. 1-33,1987b.

APÊNDICES

O CORPUS

Apresentamos, abaixo, o corpus que usamos para a elaboração deste trabalho. Ele é composto de uma lista de verbos que, em parte, tiramos da nossa dissertação de Mestrado (OKOUDOWA, 2005, p. 75); de uma lista de provérbios contendo verbos na sua maioria, extraídos da obra do arcebispo J.J.Adam (1971, p. 11-357). Como este trabalho registra mais de quinhentos provérbios e mais de oitenta contos e/ou fábulas nessa obra, selecionamos alguns para este estudo.

Diferentemente do trabalho de Adam, nosso trabalho é foneticamente transcrito com anotações de tons e indicação de algumas elisões pelo sinal do apóstrofo. Por outro lado, fizemos uma transcrição fonológica das consoantes labializadas e palatalizadas. O alfabeto usado para as transcrições é o fonético internacional de 1993, corrigido em 1996.

1-Verbos: apresentamos, a seguir, os verbos que foram objeto da nossa análise, separados em diferentes grupos, pelo critério da transitividade.

Lembaama		Português
1.1. Verbos transitivos :		
01	ò-jèlèx-è	experimentar
02	ò-wób-ó	falar, difamar
03	ò-mùx-à	tentar, provar
04	ò-kíís-á	enganar
05	ò-lóx-ò	amaldiçoar
06	ò-nw-á	beber
07	ò-núús-à	acordar
08	ò-mìn-à	engolir
09	ò-s-á	fazer
10	ò-dǝ-á	comer
11	ò-vrìx-à	voltar
12	ò-nùnùŋ-à	entrar

13	ò-tʃúúʔ-á	sair
14	ò-kùm-á	subir
15	ò-món-ó	ver
16	ò-júʔ-á	ouvir
17	ò-núrùʔ-à	cheirar(sentir o cheiro)
18	ò-sùrùʔ-à	descer
19	ò-mùʔ-à	provar
20	ò-béér-é	bater
21	ò-bùm-à	matar
22	ò-túʔ-á	insultar
23	ò-dʒíím-à	puxar
24	ò-tsìnìnʔ-à	empurrar
25	ò-bír-á	levar
26	ò-sáár-á	levantar
27	ò-tʃʷús-à	pôr
28	ò-léʔ-é	pôr, colocar
29	ò-lʷór-ó	sonhar
30	ò-jénénʔ-é	encostar
31	ò-kól-ó	aborrecer
32	ò-náán-à	abrir
33	ò-bínd-à	fechar
34	ò-dʒììʔ-à	enterrar
35	ò-lír-á	ler
36	ò-tùʔ-à	insultar, injuriar
37	ò-kùsùʔ-à	reunir

38	ò-bàbàx-à	assar
39	ò-káás-á	defumar
40	ò-jòs-ò	assar na brasa
41	ò-láám-á	cozinhar
42	ò-jím-á	cantar
43	ò-dùx-à	dizer
44	ò-wób-ó	falar
45	ò-jés-è	arrumar
46	ò-jàmŋ-à	abençoar (Deus)
47	ò-jàlàx-à	responder
48	ò-jíx-á	aprender
49	ò-bs-à	recusar
50	ò-ŋ ^j -à	torcer
51	ò-tɕw-á	trançar
52	ò-tɕéb-é	cortar
53	ò-kèl-è	cortar fino
54	ò-pàs-à	cortar no meio
55	ò-j-à	chegar
56	ò-kùmŋ-à	cortar uma árvore
57	ò-s ^j ás-à	cortar um animal
58	ò-swúm-á	comprar
59	ó-kàsàx-à	rasgar(fazendo a ação)
60	ò-tɕw-á	construir
61	ò-k ^j él-é	guardar
62	ò-v ^w úr-à	devolver

63	ò-dʒísìʔ-à	esconder
64	ò-dʒíb-á	roubar
65	ò-báʔ-á	ajudar
66	ò-tʃím-à	pensar
67	ò-já-á	saber
68	ò-jìbìʔ-à	lembrar(se)
69	ò-lìmìŋg-à	esquecer(se)
70	ò-tʃím-á	cavar
71	ò-wún-á	afofar a terra
72	ò-br-á	arrancar capim
73	ò-dʒándʒ-á	trabalhar
74	ò-díís-à	apagar
75	òlìlà	chorar
76	ò-sèb-è	rir
77	ò-dʒ-é	ir (se)embora
78	ò-tʃʷúr-á	afastar, mandar embora
79	ò-dm-à	fugir
80	ò-kʷár-á	agarrar
81	ò-píín-à	confiscar
82	ò-jàʔ-à	pegar
83	ò-fl-à	tirar da mão de alguém
84	ò-búús-à	pronunciar
85	ò-kùn-à	abandonar
86	ò-t-á	jogar
87	ò-kàb-à	vender

88	ò-póssòx-ò	estragar
89	ò-tʃ ^w ól-ó	chamar
90	ò-k ^w l-à	parir
91	ò-l ^w ón-ô	seguir
92	ò-tùl-à	forjar
93	ò-lús-á	aumentar
94	ò-k ^j és-é	diminuir
95	ò-kín-á	dançar
96	ò-jír-á	passar
97	ò-núr-à	ultrapassar
98	ò-màn-à	terminar
99	ò-báán-á	começar
100	ò-lúús-á	encher (fazendo a ação)
101	ò-làx-à	mostrar
102	ò-káás-á	secar
103	ò-vìl-á	exceder
104	ò-kúr-á	amarrar
105	ò-nààn-à	desamarrar
106	ò-dzìr-à	despejar
107	ò-bòl-ò	molhar-se
108	ò-bíís-á	estragar
109	ò-k ^w óm-ô	varrer
110	ò-wùùs-á	soprar com a boca
112	ò-báx-á	obter
113	ò-kàb-à	dividir

114	ò-kàb-à	gastar
115	ò-búl-á	quebrar (garrafa, prato etc)
116	ò-búl-á	espancar
117	ò-bòlòṽ-ò	quebrar (uma árvore, faca etc)
118	ò-kémèṽ-è	contrariar
119	ò-mùṽ-à	experimentar
120	ò-káám-á	necessitar
121	ò-jél-é	faltar
122	ò-jèb-è	evitar
123	ò-dzìl-à	esperar
124	ò-lìsìṽ-à	aguardar
125	ò-búún-à	ser capaz de
126	ò-l ^j -é	lamber
127	ò-pb-á	chupar
128	ò-lùṽ-á	vomitare
129	ò-ṽwéṽ-è	fazer cócegas
130	ò-t ^j és-é	tirar
131	ò-dìbìṽ-à	cobrir
132	ò-bínd-à	trancar
133	ò-pór-ó	abraçar
134	ò-kúr-á	embrulhar
135	ò-lúús-á	acrescentar
136	ò-k ^j és-é	reduzir
137	ò-vìsìṽ-à	juntar
138	ò-kùsùṽ-à	reunir

139	ò-tʃàl-à	separar
140	ò-bááj-á	escolher separando
141	ò-nʲ-à	girar
142	ò-kààl-à	inverter
143	ò-nìsìɣ-à	sacudir
144	ò-kùbùɣ-à	tirar poeira de algo
145	ò-tíb-á	furar
146	ò-tʃòl-ó	vazar
147	ò-pàs-à	fender
148	ò-kʷóm-ó	varrer
149	ò-kl-à	passar
150	ò-tʃùk-à	lavar
151	ò-swàɣ-à	lavar
152	ò-sàɣ-à	procurar
153	ò-kèèS-é	olhar
154	ò-món-ó	ver
155	ò-bàsàɣ-à	obter
156	ò-mìsìɣ-à	experimentar
157	ò-jèlèɣ-è	experimentar
158	ò-jàlàɣ-à	responder, aceitar
159	ò-náɣ-á	deixar
160	ò-líɣ-à	recusar
161	ò-tùn-á	negar (a verdade)
162	ò-bs-á	recusar
163	ò-sùlùɣ-à	lavar sem sabão

164	ò-ŋáán-à	ameaçar
165	ò-túm-á	enviar
166	ò-jìb-à	pescar
167	ò-bùnùŋ-à	nutrir
168	ò-dʒ ^w àn-à	brigar
169	ò-tʃ ^w -á	pilar
170	ò-sìʎ-à	amassar com as mãos
171	ò-dʒàràʎ-à	amassar com os pés
172	ò-píír-à	apertar com as mãos
173	ò-kím-à	estranhar
174	ò-bèl-è	não gostar
175	ò-béŋgèl-è	reprovar
176	ò-bìʎ-à	emprestar
177	ò-kás-á	pagar uma dívida
178	ò-wùr-à	pagar
179	ò-lòʎ-ò	amaldiçoar
180	ò-káám-á	precisar de
181	ò-dʒ ^j -á	gostar
182	ò-báʎ-á	receber
183	ò-jàlàʎ-à	aceitar
184	ò-bànàŋ-à	acusar
185	ò-tùn-á	desmentir
186	ò-wób-ó	falar, falar de
187	ò-lìl-à	chorar
188	ò-kèmèŋ-è	duvidar

189	ò-júʎ-á	entender
190	ò-júsùʎ-à	escutar
191	ò-sàʎ-à	procurar
192	ò-dʒíb-á	roubar
193	ò-v ^w úl-á	atravessar
194	ò-k ^j -à	cruzar
195	ò-nùr-à	ultrapassar
196	ò-nóŋ-ò	esmagar
197	ò-jóʎ-ó	nadar, tomar banho
198	ò-jènèŋ-è	encostar-se
199	ò-kíís-á	enganar
200	ò-kúr-á	amarrar
201	ò-bíʎ-á	latir
202	ò-bìʎ-á	emprestar
203	ò-tín-á	ferir (com lâmina)
204	ò-làmìŋ-à	sacrificar
205	ò-p ^j -à	apertar
206	ò-sàlàʎ-à	curar
207	ò-ŋ-á	oferecer
208	ò-lààs-à	doar
209	ò-láás-á	vestir
210	ò-káál-à	trocar
211	ò-t-á	jogar
212	ò-fùʎ-à	lutar
213	ò-bùnùŋ-à	espancar alguém (em grupo)

214	ò-tʃàl-à	demolir
215	ò-náán-à	desprender
216	ò-tʃ ^j és-é	tirar
217	ò-bààŋ-à	pendurar
218	ò-br-á	arrancar
219	ò-bíís-á	estragar
220	ò-tʃàl-à	desfazer
226	ò-dʒ ^j àr-à	pisar
227	ò-k ^w úl-à	raspar (legume)
228	ò-wùbùx-à	descascar
229	ò-wùr-á	flexionar
230	ò-wr-à	pagar
231	ò-wùrùx-à	depenar
232	ò-swól-ó	escolher
233	ò-bááj-á	apartar
234	ò-swòl-ò	reencontrar algo perdido
235	ò-fùx-à	esvaziar (um recipiente)
236	ò-dʒìr-à	derramar
237	ò-sèlèx-è	concertar
238	ò-vìsìx-à	misturar (dois produtos)
239	ò-nààs-à	acender
240	ò-díís-á	extinguir
241	ò-díís-á	apagar
242	ò-sìb-à	afiar
243	ò-kún-á	plantar

244	ò-tʃìm-á	cavar
245	ò-wùùn-à	desenterrar
246	ò-kààl-à	mudar, trocar
247	ò-bààm-à	costurar algo rasgado
248	ò-tʃw-á	fabricar uma roupa
249	ò-kèèl-è	escoar
250	ò-sìb-à	aguçar
251	ò-búʁ-á	rebocar
252	ò-pááʁ-á	esculpir
253	ò-késéʁ-è	moer
254	ò-káár-á	colar (sobre)
255	ò-kóm-ó	pregar
256	ò-bínd-à	tampar
257	ò-dʒ ^j -á	demarcar (um campo...)
258	ò-k ^w ús-á	criar gado
259	ò-tòbòʁ-ò	bicar (ave)
260	ò-kél-è	correr (líquido)
261	ò-k ^j él-é	guardar, cuidar
262	ò-sùmìŋ-à	fundir
263	ó-t-ó	chegar (ao limite, no destino)
264	ò-jánàng-à	pôr, estender no sol.
265	ò-tʃ ^w -á	picar
266	ò-bììs-à	perseguir
267	ò-l ^w òn-ò	seguir
268	ò-tál-à	contar

269	ò-táál-á	ver de longe
270	ò-dʒóɣ-ò	gabar-se
271	ò-tààs-à	perder
272	ò-dʒùùs-à	admirar, felicitar
273	ò-pàs-à	rasgar, abrir no meio
274	ò-jènènɛ	encostar
275	ò-sùb-á	largar, deixar
276	ò-kóóndó	cortejar

1.2. verbos transitivos com objeto interno

1.2.1. com substantivo

1	ò-k ^w -á Ø-ntʃósó morrer 8 ³³ - razão	estar errado
2	ò-báɣ-á Ø-ntʃósó ganhar 8- razão	estar certo
3	ò-tʃ-á Ø-tóló dormir 9- sono	dormir
4	ò-tʃ-á Ø-mpììbí dormir 7- noite	passar a noite
5	ò-tʃ-á ò-mfí dormir 11-relação sexual	transar
6	ò-tʃùɣ-à Ø-mbàà queimar 7-fogo	queimar
7	ò-v ^w -à Ø-mbàà queimar-se 7- fogo	queimar-se
8	ò-láás-á à-mfá vestir 8-roupas	vestir(se)

³³ Os números correspondem à classe nominal do substantivo.

9	ò-láás-á à-kóróyó calçar 8-sapatos	calçar (os sapatos)
10	ò-láás-á Ø-kóróyó calçar 7- sapato	calçar (um sapato)
11	ò-bìr-á Ø-ṅkálá levar 7- raiva	estar, ficar com raiva
12	ò-bìr-á Ø-jímí levar 7- gravidez	engravidar
13	ò-b ^j -è Ø-ṅkálá ficar vermelho 7-raiva	irritar-se (manifestar sua ira)
14	ò-mp-á á-bómó dar 8- dotes	dar o dote
15	ò-bér-é Ø-mfá bater 7- roupa	tecer um tecido
16	ò-tɕw-á m-fú trançar 10-cabelos	trançar os cabelos
17	ò-tɕw-á ò-tɕwí trançar 1- cabeça	trançar a cabeça (os cabelos)
18	ò-tɕw-á é-bárá trançar 4-tipo de tranças	fazer um tipo específico de tranças
19	ò-tɕw-á Ø-dzó construir 7- casa	construir uma casa
20	ò-ṅw-á Ø-b ^j élé beber 7- seio	mamar
21	ò-ṅw-á à-b ^j élé beber 8- seios	mamar
22	ò-ṅw-á lé-káá beber 9- tabaco	fumar (tabaco, um cigarro)

23	ò-nw-á à-káá beber 8- tabacos	fumar (tabaco, cigarros)
24	ò-nw-á à-ndzá beber 8- água	beber água
25	ò-nw-á Ø-máli beber 8- bebida	beber bebida alguma bebida
26	ò-nw-á Ø-jámhá beber 7- maconha	fumar maconha
27	ò-nw-á á-tí beber 8- remédios	tomar remédio, suicidar-se tomando remédios
28	ó-kóló Ø-máli engasgar 8- bebida	embriagar-se
29	ò-dùx-à ó-ndzíí dizer 3- mentira	mentir
30	ò-dùx-à Ø-dzáà dizer 7-acontecimento	contar um acontecimento
31	ó-wùl-á Ø-ŋkmá soprar 7-grito	dar um grito, gritar
32	ó-wùl-á Ø-mwóri soprar 7-assobio	assobiar
33	ó-wùl-á è-wúmúhá soprar 4-catarro	assoar o nariz
34	ó-wùl-á Ø-mbàà soprar 7- fogo	atiçar o fogo soprando
35	ò-wúús-á Ø-mbàà soprar 7-fogo	atiçar o fogo soprando
36	ò-tŋíís-á Ø-mbàà atiçar 7- fogo	atiçar o fogo (em geral)
37	ó-làb-á é-mbónó alongar 4- túbias	perambular

38	ò-s ^j -à lé-ṅgùwòrì roncar 9- ronco	roncar
39	ò-kìṁìṅg-à ò-tṣ ^{wí} baixar 3- cabeça	baixar a cabeça , curvar-se
40	ò-sáár-á ò-tṣ ^{wí} levantar 3- cabeça	levantar a cabeça
41	ó-tṣ ^w -á mí-í morder 6- dentes	morder
42	ò-dìṁ-á Ø-ntṣííí fugir 7- corrida	correr
43	ò-n-é Ø-ntṣíbí evacuar 7- excrementos	defecar
44	ò-n-é à-míí evacuar 8-urinas	urinar
45	ò-n-é ò-ṅk ^w ùsì evacuar 3-peido	peidar
46	ò-n-é Ø-bí pôr 7-ovo	pôr, botar (ovo)
47	ò-n-é à-bí pôr 8-ovos	pôr, botar (ovos)
48	ò-p ^j -à dṣí-ísí apertar 5- olho	apertar um olho
49	ò-p ^j ár-à mí-ísí apertar 6- olhos	piscar os olhos
50	ò-kàb-à bíílà dividir 4-comida	partilhar a refeição
51	ò-tṣùùr-à à-ntàjí cuspir 8- saliva	cuspir
52	ò-tṣùùr-à è- ṅkwóórò cuspir 4- catarro	tirar o catarro

53	ò-téʎ-é á-ndzá tirar 8- água	tirar água da fonte
54	ò-jìr-á ò-dzílá passar 3- jornada sem trabalho	passar o dia sem trabalhar
55	ò-jìr-á Ø-ndzilá passar 7- caminho	transitar
56	ò-kààlà Ø-ndzó trocar 7- casa	mudar (de casa)
57	ò-k ^j -è lé-ndérì cortar 9- barba	cortar a barba
58	ò-k ^j -è m-fú cortar 10- os cabelos	cortar os cabelos
59	ò-wùn-à ò-tʃ ^{wí} raspar 3- cabeça	raspar a cabeça
60	ò-wùn-à Ø-mfú raspar 10- cabelos	raspar os cabelos (totalmente)
61	ò-wùn-à lé-ndérì raspar 9- barba	raspar a barba (totalmente)
62	ò-tʃès-è Ø-mfú pentear 10- cabelos	pentear-se
63	ò-tʃès-è lè-síí colher 9- fruta típica	colher uma fruta típica e madura
64	ò-tʃès-è n-tʃíí colher 10- frutas típicas	colher frutas típicas e maduras
65	ò-béér-é à-ntʃáí bater 8- aplausos	aplaudir
66	ò-béréʎ-é à-ntʃáí bater 8- palmas	aplaudir, bater palmas cantando
67	ò-béréʎ-é Ø-ṅgómò bater 7- tambor	batucar

68	ò-béér-é Ø-tʃá bater 7- tropeço	tropeçar
69	ò-kl-á máárí esfregar óleo	untar
70	ò-kl-á lé-kúlá esfregar 9- substância	esfregar uma substância do tipo urucu na pele
71	ò-bùl-á lé-mpálí espancar 9- bofete	esbofetear
72	ò-bùl-á Ø-ndʒúmbí espancar 7- murro	dar um murro
73	ò-bùl-á ò-mvwú espancar 12-cabeçada	dar uma cabeçada
74	ò-kùrùx-à Ø-njáxà coçar 7- coceira	coçar
75	ò-tùùr-à Ø-ndʒàniŋí suar 7- suor	suar
76	ò-kùbùx-à Ø-ntʃʲè tirar 7- terra	tirar a poeira
77	ò-kʷús-à à-bí chocar 8- ovos	chocar (ave)
78	ò-kʷús-à mw-áná abortar 1-criança	abortar
79	ò-báx-á m-párí obter 10-força	ganhar força
80	ò-báx-á Ø-dʒàà obter 9- problema	ter um problema
81	ò-báx-á á-dóró obter 2-dinheiro	ganhar dinheiro
82	ò-báx-á ó-mpálà obter 1-namorado (a)	ganhar namorado (namorar)

83	ò-báŋ-á ó-lúmí obter 1- esposo	ganhar esposo (casar)
84	ò-báŋ-á ó-kárí obter 1- esposa	ganhar esposa (casar)
85	ò-báŋ-a ò-ntùngí obter 3- crime	cometer algum crime
86	ò-kùm-á ó-kúrí subir 12-montanha	subir uma montanha
87	ò-kùm-á Ø-júlú subir 7- céu	subir (para cima)
88	ò-kùm-á ó-kárí subir 1-fêmea	copular (animais)
89	ò-sùrùŋ-á ó-kúrí descer 12-montanha	descer uma montanha
90	ò-sííla lé-mbìsá ficar 9- parte posterior	ficar atrás
91	ò-sííllá Ø-mbìsá ficar 7- parte posterior	ficar atrás
92	ò-dɜwan-á Ø-ŋgrù brigar 7- briga	brigar
93	ò-dɜ ^j -á Ø-táŋgà armar 7- armadilha	armar uma armadilha (para animais)
94	ò-tín-á Ø-ndíŋì marcar 7- amizade	fazer amizade
95	ò-tín-á Ø-báŋá cortar 7- faca	cortar, ferir com a faca
96	ò-tb-á Ø-sòrí furar 7-agulha	injetar
97	ò-tb-á Ø-báŋá furar 7- faca	esfaquear (furar com faca)

98	ò-k-á Ø-bírí mó ficar 7- lugar um	coabitar, conviver (morar no mesmo lugar)
1.2.2. com locativo		
1	ò-tʃʷús-à ó ndʒí colocar loc ³⁴ fora	colocar fora
2	ò-sùrùx-á ó Ø-ntʃʲè descer loc 7- terra	descer no chão
3	ò-dʒ-è ò Ø-ntʃʲè ir loc 7- terra	ir por terra (andar)
4	ò-kùm-á ó jílá subir loc sobre	subir sobre, subir em cima de
5	ò-bààṇà ò jìlà pendurar loc sobre	pendurar sobre
6	ò-bìr-á ò jìlà dʒʲálá levar loc sobre 4-braços	levar nos braços
7	ò-bìr-á ò-jìlà é-ṅùwò levar loc sobre 4-costas	levar nas costas
8	ò-bìr-á ò-jìlà Ø-dùrù levar loc sobre 7-ombro	levar no ombro
9	ò-bìr-á ò-jìlà ó-tʃʷí levar loc sobre 3-cabeça	levar sobre a cabeça
10	ò-bìr-á ò-jìlà Ø-mwò levar loc sobre 3-barriga	levar sobre a barriga
11	ò-tʃʷús-à ó ntʃá Ø-ndʒó colocar loc dentro 7-casa	colocar dentro de casa
12	ò-kùm-á ó ntʃá subir loc dentro de	subir entrando dentro de

³⁴ locativo

13	ò-l-ó má á-ndzá pôr loc 8- água	pôr na água (pôr de molho)
1.2.3.com advérbio, preposição e/ou ideofone que indicam a maneira, a quantidade, etc.		
1	ò-jàlàx-à mà ó-tʃ ^{wí} responder prep ³⁵ 3- cabeça	responder com a cabeça
2	ò-wóbó má à-wàwà falar prep 8- ideofone ³⁶ (cochicho)	cochichar, falar baixo
3	ò-dʒ-é ɲà ò-dʒ ^j é ir prep passeio	passear
4	ò-tʃ-á ɲà deitar prep	deitar com
5	ò-sííl-á ntʃéérí sobrar adv ³⁷ pouco	sobrar pouco
6	ò-sííl-á kwùná sobrar adv. muito	sobrar muito
7	ò-béér-é ó Ø-mbmbòxò bater prep 7- ideofone (com força)	bater com força, de maneira aplicada
8	ò-nùsùx-à lé-mbìsá acordar 9- atrás	acordar por último, acordar atrasado
9	ò-bìr-á ó dʒ ^j álá levar prep 4-braços	levar com os braços
10	ò-bìr-á m' é-ɲgùwò ò-bìr-á má é-ɲgùwò levar prep 4-costas	levar nas costas
11	ò-bìr-á ó Ø-dùxù levar prep 7-ombro	levar a no ombro

³⁵ Preposição

³⁶ Trata-se da associação de um som e de uma idéia. É uma palavra que é muitas vezes de origem onomatopaica que descreve um predicado, qualificador, ou advérbio de maneira, cor, cheiro, ação ou intensidade.

³⁷ Advérbio

12	ò-bìr-á m'ó-tʃwí ò-bìr-á mó ó-tʃwí levar prep 3-cabeça	levar na cabeça
13	ò-bìr-á ó Ø-mwò levar prep 3-barriga	levar na barriga

1.3. Verbos leves: são verbos cuja significação é dada pelo complemento.

1.3.1. com locativo

1	ò-k-á ò jìlà é-ŋgùwò ficar loc sobre 4- costas	deitar de costas
2	ò-k-á ò jìlà Ø-bàlì ficar loc sobre 7- lado	deitar de lado
3	ò-k-á ò jìlà Ø-mwò ficar loc sobre 1- barriga	deitar de bruços (sobre a barriga)
4	ò-k-á ò jìlà à-vʷó ficar loc sobre 8-jelhos	ajoelhar-se

1.3.2. com preposição, advérbio, qualificador e/ou ideofone que indicam a maneira, o lugar, o instrumento, etc

1	ò-k-á mó ó-télé ficar adv. 3- posição vertical (de pé)	ficar de pé
2	ò-k-á ñà ficar com/ aqui	ficar/estar com, ficar aqui, ter
3	ò-k-á ñà à-sìsàrì ficar com 8-prensa	estar com pressa, estar apressado
4	ò-k-à ò Ø-tòló ficar adv. 7- sono (posição horizontal)	ficar deitado, deitar-se
5	ò-k-à Ø-tòló ficar 7- posição horizontal	ficar deitado e inativo
6	ò-k-à ò Ø-ntʃí ficar adv. 7-sentado	ficar sentado, sentar-se

7	ò-k-á lé-mbìsá ficar 9- parte posterior (atrás)	ficar atrás
8	ò-k-á Ø-mbìsá ficar 7- parte posterior (atrás)	ficar atrás
9	ò-k-a lé-vsú ficar 9- na parte dianteira (frente)	ficar na frente
10	ò-k-a Ø-vsú ficar 7- na parte dianteira (frente)	ficar na frente
11	ò-k-á tʃwó ficar tranquilo	ficar tranquilo
12	ò-k-á pí ficar calado	ficar calado
13	ò-k-á télè ficar reto	ficar reto
14	ò-k-á ntʃí ficar sentado	deixar (para lá)
15	ò-s-á tátà fazer ideofone (melhor)	melhorar (de saúde)
16	ò-s-á jémíŋí fazer bem	melhorar
17	ò-s-á wóó-wó fazer ideofone (rápido)	fazer rápido, apressar-se
18	ò-dʒándʒ-á ngórì trabalhar gratuito	trabalhar de graça
19	ò-kùb-à kálíví soltar	abandonar
20	ò-sùb-á kálíví largar	abandonar
21	ò-t-á vájí jogar (fora ?)	jogar (fora)

22	ò-tn-á vájí lançar (fora ?)		jogar (fora)
	1.3.3. com nomes		
1	ò-b ^j él-é Ø-lárì pegar 7- loucura		enlouquecer
2	ò-b ^j él-é Ø-ṅgáá pegar 7- doença		adoecer
3	ò-b ^j él-é ò-bàà pegar 12-febre		ficar com febre
4	ò-b ^j él-é Ø-ntúlú pegar 7- tosse		ficar com tosse
5	ò-b ^j él-é à-mbíímì pegar 8- sarna		pegar sarna
6	ò-b ^j él-é ò-g ^w lá pegar 12-gripe		pegar gripe
7	ò-mónó ò-krú ver 11-vergonha	estar com vergonha,	envergonhar-se
8	ò-mónó ò-vé ver 11-gostura		deliciar-se
9	ò-mónó ò-bí ver 11-feiúra		magoar-se
10	ò-mónó Ø-mpásí ver 7- sofrimento		sofrer
11	ò-mónó Ø-lwári ver 7- extremo		ficar extremamente surpreso(a)
12	ò-mónó Ø-v ^w óó ver 7- medo		temer
13	ò-món-ó Ø-mfìnìṅgà ^w ò ver 7- inveja		invejar

14	ò-t-á Ø-ntʃĩntʃàmì lançar 7- provérbio	dizer, dar um provérbio
15	ò-t-á Ø-tʃé lançar 7-espirro	espirrar
16	ò-t-á Ø-jàbí lançar 7- bocejo	bocejar
17	ò-t-á ò-nʷó lançar 3-mergulho	mergulhar
18	ò-t-á ò-júmbà lançar 12-conto	contar uma história
19	ò-t-á Ø-lóbó lançar 7-anzol	pescar
20	ò-s-á ó-vé fazer 11-gostosura	ficar, tornar-se gostoso
21	ò-s-á Ø-mpʲé fazer 7-doçura	ficar, tornar-se doce
22	ò-s-á Ø-ŋájì fazer 7- azedume	ficar, tornar-se ácido
23	ò-s-á Ø-ŋkálì fazer 7-amargor	ficar, tornar-se amargo
24	ò-s-á ó-bí fazer 11-feiúra	ficar, tornar-se feio, ruim
25	ò-s-á ó-wálí fazer 11-beleza	ficar, tornar-se bonito
26	ò-s-á Ø-ŋkálá fazer 7- dor	doer
27	ò-s-á Ø-kámbà fazer 7- desrespeito	tornar-se desrespeitoso
28	ò-s-à ò-nónó fazer 11-dureza	solidificar-se

29	ò-s-à Ø-mpárí fazer 7-força		esforçar-se, fortalecer-se
30	ò-s-á Ø-jálá fazer 7- ciúme	manifestar o ciúme,	tornar-se ciumento(a)
31	ò-s-á ó-jérí fazer 11-esperteza		ficar, tornar-se esperto
32	ò-s-á é-ŋkàà fazer 4-astúcias		tornar-se astuto
33	ò-s-à Ø-ndzálá fazer 7- vontade		adquirir a vontade de
34	ò-s-à ó-mbúŋgú fazer 3-comércio		comerciar
35	ò-s-á à-sìsàrì fazer 8- pressa		apressar-se
36	ò-dzóɣò Ø-mparí gabar-se 7- força		gabar-se pela força
37	ò-dzóɣò á-dóró gabar-se 2- dinheiro		gabar-se pelo dinheiro
38	ò-tʃʲésé ò-kíŋgá tirar 11- virgindade		desflorar
39	ò-tʃʲésé é-pélé tirar 4- pratos		desfazer a mesa depois de comer
40	ò-tʃʲésé á-bíí tirar 8- bichos do pé		tirar os bichos do pé
41	ò-tʃʲés-é à-mfá tirar 8-roupa		despir(se)
42	ò-tʃʲés-é à-kóróɣó tirar 8-sapatos		tirar os sapatos, ficar descalço

1.4. Verbos Transitivos com dois objetos

	ò-mp-á		dar
	ò-mp-á Ø-ndwó		aconselhar
	dar 7- conselho		
1	ò-mp-á mv-úrù Ø-ndwó	dar conselho para alguém (aconselhar alguém)	
	dar 1-pessoa 7-conselho		
	ò-ténd-è mv-úrù		escrever para alguém
	escrever 1- pessoa		
	ò-ténd-è ò-sángùmù		escrever uma carta
	escrever 11- carta		
2	ò-ténd-è mv-úrù ò-sángùmù	escrever uma carta para alguém	
	escrever 1- pessoa 11- carta		
	ò-pìs-à		pedir, perguntar
	ò-pìs-à á-dóró		pedir dinheiro
	pedir 2-dinheiro		
3	ò-pìs-à mv-úrù á-dóró	pedir dinheiro para alguém	
	pedir 1- pessoa 2-dinheiro		
	ò-sáy-à		procurar
	ò-sáy-à Ø-dzàà		procurar um problema
	procurar 7- problema		
4	ò-sáy-à mv-úrù Ø-dzàà	procurar problema para alguém	
	procurar 1-pessoa 7- problema		
	ò-tɕù-á		fabricar
	ò-tɕù-á Ø-ndzó		construir uma casa
	construir 7- casa		
5	ò-tɕù-á mv-úrù Ø-ndzó	construir uma casa para alguém	
	construir 1-pessoa 7- casa		
	ò-swúm-á		comprar
	ò-swúm-á kíílà		comprar algo
	comprar 12- coisa		
6	ò-swúm-á mv-úrù kíílà	comprar algo para alguém	
	comprar 1-pessoa 12- coisa		

	ò-tùl-à	forjar
	ò-tùl-à Ø-mbàà	ascender/fazer fogo
	ascender 7- fogo	
7	ò-tùl-à mv-úrù Ø-mbàà	ascender/fazer fogo para alguém
	ascender 1-pessoa 7- fogo	
	ò-lúús-á	acrescentar, aumentar
	ò-lúús-á bíílà	aumentar comida
	aumentar 4-comida	
8	ò-lúús-á mv-úrù bìilà	aumentar comida para alguém
	aumentar 1-pessoa 4-comida	
	ò-lìɣ-à	recusar
	ò-lìɣ-à kíílà	recusar algo
	recusar 12-coisa	
9	ò-lìɣ-à mv-úrù kîilà	recusar algo para alguém
	recusar 1-pessoa 12-coisa	
	ò-kààl-à	devolver
	ò-kààl-à lè-mpálí	devolver a bofetada
	devolver 9- bofetada	
10	ò-kààl-à mv-úrù lè-mpálí	devolver a bofetada para alguém
	devolver 1-pessoa 9- bofetada	
	ò-tɕùk-à	lavar
	ò-tɕùk-à à-mfá	lavar roupa
	lavar 8-trajes	
11	ò-tɕùk-à mv-úrù à-mfá	lavar roupa para alguém
	lavar 1-pessoa 8-trajes	
	ò-bìɣ-á	emprestar
	ò-bìɣ-á à-dóró	pedir/dar dinheiro emprestado
	pedir/dar emprestado 2-dinheiro	
12	ò-bìɣ-á mv-úrù à-dóró	pedir/dar dinheiro emprestado para alguém
	pedir/dar emprestado 1-pessoa 2-dinheiro	
	ò-ŋ-á	oferecer
	ò-ŋ-á kíílà	oferecer algo
	oferecer 12-coisa	
13	ò-ŋ-á mv-úrù kîilà	oferecer algo para alguém
	oferecer 1-pessoa 12-coisa	

	ò-t-á	jogar
	ò-t-á ò-júmbà	contar/dizer um conto
	contar 12- conto	
14	ò-t-á bà-àrì ò-júmbà	contar um conto para pessoas
	contar 2-pessoas 12- conto	
	ò-wr-à	pagar
	ò-wr-à ò-bíímí	pagar uma dívida
	pagar uma dívida	
15	ò-wr-à mv-úrù ò-bíímí	pagar uma dívida para alguém
	pagar 1- pessoa 11- dívida	
	ò-nààs-à	acender
	ò-nààs-à lé-káá	acender o cigarro
	acender 9- cigarro	
16	ò-nààs-à mv-úrù lé-káá	acender o cigarro para alguém
	acender 1- pessoa 9- cigarro	
	ò-sìb-à	afiar
	ò-sìb-à ò-wúnú	afiar o machado
	afiar 3- machado	
17	ò-sìb-à mv-úrù ò-wúnú	afiar o machado para alguém
	afiar 1- pessoa 3- machado	
	ò-kún-á	plantar
	ò-kún-á Ø-ṅgwúnú	cultivar (plantar a plantação)
	cultivar 7- plantação	
18	ò-kún-á mv-úrù Ø-ṅgwúnú	cultivar a plantação para alguém
	cultivar 1- pessoa 7- plantação	
	ò-tʃìm-á	cavar
	ò-tʃìm-á Ø-bílá	cavar um buraco
	cavar 7- buraco	
19	ò-tʃìm-á mv-úrù Ø-bílá	cavar um buraco para alguém
	cavar 1- pessoa 7- buraco	
	ò-bààm-à	costurar algo rasgado
	ò-bààm-á Ø-mfá	costurar roupa
	costurar 7-roupa	
20	ò-bààm-á mv-úrù Ø-mfá	costurar a roupa para alguém
	costurar 1- pessoa 7-roupa	
	ò-búx-á	rebocar

	ò-búŋ-á Ø-ndzó	rebocar a casa
	rebocar 7- casa	
21	ò-búŋ-á mv-úrù Ø-ndzó	rebocar a casa para alguém
	rebocar 1- pessoa 7- casa	
	ò-kʲél-é	guardar
	ò-kʲél-é kíílà	guardar algo
	guardar 12-algo	
22	ò-kʲél-é mv-úrù Ø-kìilà	guardar algo para alguém
	guardar 1- pessoa 12-algo	
	ò-bínd-à	trancar
	ò-bínd-à Ø-ndzó	trancar a casa
	trancar 7- casa	
23	ò-bínd-à mv-úrù Ø-ndzó	trancar a casa para alguém
	trancar 1- pessoa 7- casa	
	ò-náán-à	abrir
	ò-náán-à Ø-ndzó	abrir a casa
	abrir 7- casa	
24	ò-náán-à mv-úrù Ø-ndzó	abrir a casa para alguém entrar
	abrir 1- pessoa 7- casa	

1.5. Verbos intransitivos:

01	ò-wúmá	descansar
02	ò-kòlò	cansar-se
03	ò-dʒ ^w álá	ferir-se
04	ò-vá	cair
05	ò-kááɣá	rasgar (sofrendo a ação)
06	ò-làbìɣà	afastar-se , ir longe
07	ò-k ^w á	morrer
08	ò-dímá	apagar-se
09	ò-nàràɣà	saltar
10	ò-wá	acabar
11	ò-lúúlá	encher (sofrendo a ação)
12	ò-bòlò	apodrecer
13	ò-bòlò	molhar-se
14	ò-b ^j á	estragar-se
15	ò-jélé	amadurecer (fruto)
16	ò-b ^j è	amadurecer ficando de cor clara (fruta)
17	ò-píínà	amadurecer ficando de cor escura (fruta)
18	ò-kúlá	crescer (pessoa)
19	ò-pìrìɣà	amolecer (fruta)
20	ò-tùndà	não cozinhar direito
21	ò-mènè	crescer, brotar (planta)
22	ò-bíímá	inchar
23	ò-kèlèɣè	deslizar
24	ò-dʒùrùɣà	estar satisfeito

25	ò-kúbúxà	envelhecer
26	ò-lèmèṅè	mancar
27	ò-tìrìx-à	tremer
28	ò-wùùm-á	respirar
29	ò-bím-á	gemer
30	ò-ṅwǒṅ-ò	perder-se
31	ò-támìṅà	perder-se
32	ò-ṅ ^j éṅ-é	engordar
33	ò-ṅìx-à	mexer-se (só para coisas)
34	ò-fb-à	mexer-se
35	ò-pìmb-à	transbordar
36	ò-tríx-à	tremer
37	ò-mén-è	brotar, crescer (plantas)
38	ò-ṅùsùx-à	acordar sozinho, despertar
39	ò-kàs-à	emagrecer
40	ò-kòṅòṅ-ò	engatinhar

1.5.1. com locativo

1	ò-dìmìṅà ó Ø-júlú voar loc 7- céu	voar (pássaro)
2	ò-jémìṅè ó mv-úúrù combinar prep 1- alguém	combinar em/com alguém
3	ò-tṣúúx-á ó ndzǐ sair loc fora	sair fora
4	ò-v-à má á-ndzǎ cair loc 8-água	mergulhar (cair na água)

5	ò-kònòṅ-ò ó jílà engatinhar loc sobre	engatinhar sobre
6	ò-kònòṅ-ò ó ndzí engatinhar loc fora	engatinhar fora
7	ò-kònòṅ-ò ó ntśá engatinhar loc prep	engatinhar dentro de

1.5.2.com advérbio ou preposição que indicam a maneira, o lugar etc.

1	ò-vìnṅà blá encontrar-se prep	encontrar-se com
2	ò-dzìṣ-à blá acostumar-se prep	acostumar-se com, estar acostumado com
3	ó-vríṣ-á lè-mbìsá retornar 9- parte traseira (atrás)	recuar, voltar para trás
4	ó-vríṣ-á Ø-mbìsá retornar 7- parte traseira (atrás)	recuar, voltar para trás
5	ò-tśííná kwá vir/aproximar lá	pedir para alguém ir mais para lá
6	ò-tśííná kwúní vir/ aproximar aqui	pedir para alguém se aproximar de você
7	ò-tśííná páání ir/aproximar perto de	aproximar-se de, chegar perto de
8	ò-nùnùṅ-à ntśá entrar prep	entrar em, dentro de
9	ò-kònòṅ-ò ntśá engatinhar prep	engatinhar dentro de
10	ò-kònòṅ-ò jílà engatinhar sobre	engatinhar sobre
11	ò-tś ^w óm-ó lè-vsú avançar/ir 9-parte dianteira (frente)	ir primeiro em frente (avançar)

12	ò-tʃʷóm-ó Ø-vsú avançar/ir 7-parte dianteira (frente)	ir primeiro em frente (avançar)
----	--	---------------------------------

mas temos:

13	ò-tʃʷóm-ó Ø-ndʒó avançar 7- casa	avançar para casa
----	-------------------------------------	-------------------

14	ó-vríʔ-á Ø-ndʒó voltar 7- casa	voltar para casa
----	-----------------------------------	------------------

1.5.3. Verbos intransitivos que se referem a fenômenos naturais:

01	ò-wl-á [Ø-pʲèb-ì é <i>wlá</i>] soprar 7- vento IS soprar	ventar (o vento sopra)
02	ò-nóʔ-ó [Ø-mvlá à <i>nóʔó</i>] chover 1- chuva IS chover	chover (a chuva chove)
03	ò-bál-á [Ø-mwí á <i>bálá</i>] fazer sol 1- sol IS fazer sol	fazer sol (faz sol)
03	ò-nààʔ-à [Ø-tʃúʔú é <i>nààʔà</i>] abrir-se 7- dia IS abrir	amanhecer (o dia abre)
05	ò-dʒl-á [Ø-tʃúʔú é <i>dʒlá</i>] anoitecer 7- dia IS anoitecer	anoitecer (o dia anoitece)

1.6. Expressões idiomáticas

01.	Ø-ndʒàlà ò-s-á 7- fome fazer	a fome se manifesta
02.	mè Ø-ndʒàlà è sá 1s ³⁸ 7- fome IS fazer	estou com fome
03.	Ø-mpʲ é à-ndʒá ò-s-á 7- gosto 8- água fazer	a sede se manifesta
04.	mè Ø-mpʲ é à-ndʒa è sá 1s 8- gosto 8- água IS fazer	estou com sede

³⁸ 1^a, 2^a, 3^a pessoa do singular/ P. ou pl = plural.

05. Ø-tòlò ò-s-á

7- sono fazer

o sono se manifesta

06. mè Ø-tòlò lé sá

1s 7- sono IS fazer

estou com sono

1.7. Verbos que expressam ações diferentes:

1	ò-dʒ ^w ás-á Ø-mpúra	ferir
	ò-dʒ ^w ás-á mv-úrù Ø-mpúra	ferir alguém
	ferir 1- alguém 7-ferida	
	ò-dʒ ^w ás-á mv-úrù Ø-mpúra ó Ø-báʒá	ferir alguém com uma faca
	ferir 1- alguém 7-ferida com 7-faca	
2	ò-dʒ ^w ál-á Ø-mpúra	ferir-se
	mv-úrù ó mí dʒ ^w ál-á Ø-mpúra	a pessoa feriu-se
	1-pessoa IS P1 ferir-se 7-ferida	
3	<i>*ò-dʒ^wál-á mv-úrù Ø-mpúra (agramatical)</i>	
	ò-tb-á	furar
4	ò-tb-á Ø-sòrí	injetar
	furar 7- agulha	
	ò-tb-á mv-úrù Ø-sòrí	injetar alguém
	furar 1- pessoa 7-agulha	
	ò-tb-á	furar
5	ò-tb-á Ø-báʒá	esfaquear
	furar 7- faca	
	ò-tb-á mv-úrù Ø-báʒá	esfaquear alguém
	furar 1- pessoa 7-faca	
6	ò-tbìʒ-á	furar-se (furar sozinho)
	ò-dʒ-á	comer
7	ò-dʒ-á è-sááńí	resolver o mal-entendido
	comer 4- mal-entendido	
	ò-dʒ-á mv-úrù è-sááńí	fazer alguém confessar suas mágoas e tirá-las
	comer 1-alguém 4- mal-entendido	

8	ò-kùr-a ò-kùr-a Ø-ntɕwá ò-kùr-á mv-úrù Ø-ntɕwá amarrar 1-alguém 7- proteção	amarrar proteger contra a bruxaria proteger alguém contra a bruxaria
9	ò-búl-á ò-búl-á lè-mpálí espancar 9-bofetada ò-búl-á mv-úrù lè-mpálí espancar 1-pessoa 9-bofetada	espancar, quebrar esbofetear esbofetear alguém
10	mw-áná à búlá ò-láŋgù 1-criança IS quebrar 1- garrafa	a criança quebra a garrafa
11	ò-búlùr-à ò-táálá ó mí búlùr-à 12-espelho IS P1 quebrar-se	quebrar-se o espelho quebrou-se
12	ò-tɕw-á ò-tɕw-á mí-í morder 6- dentes ò-tɕw-á mv-úrù mí-í morder 1-pessoa 6- dentes	morder morder com os dentes morder alguém
13	ò-pàs-à ò-pàs-à à-tí fender 8-feitiços ò-pàs-à mv-úrù à-tí fender 1-pessoa 8-feitiços	fender tornar-se bruxo ou mágico tornar alguém bruxo ou mágico
14	ò-tɕwúr-à ò-tɕwúr-á á-ntájí cuspir 8-saliva ò-tɕwúr-á mv-úrù á-ntájí cuspir 1-pessoa 8-saliva	pôr para fora da boca cuspir cuspir em alguém
15	ò-kúr-á ò-kúr-á à-tí amarrar 8-feitiços ò-kúr-á mv-úrù à-tí amarrar 1-pessoa 8-feitiços	amarrar fazer um feitiço enfeitiçar alguém

	ò-jìsìŋ-à	ensinar
16	ò-jìsìŋ-à mw-áná ensinar 1- criança	ensinar a criança
	ò-jìsìŋ-à mw-áná ò-ténd-è ensinar 1- criança escrever	ensinar a criança a escrever
	ò-jìŋ-á	aprender
17	ò-jìŋ-á Ø-dʒúújí aprender 9- língua	aprender a língua
18	*ò-jì-ŋ-á mw-ána Ø-dʒúújí (agramatical)	
	ò-l-ò	pôr
19	ò-l-ò ò-búlú pôr 12- maldição	amaldiçoar
	ò-l-ò mv-ùrù ò-búlú pôr 1-alguém 12-maldição	amaldiçoar alguém
20	ò-lòŋ-ò	amaldiçoar
21	ò-bíís-á ò-bíís-á Ø-dʒándʒà destruir 7- emprego	estragar destruir o emprego
	ò-bíís-á mv-ùrù Ø-dʒándʒa destruir 1-alguém 7- emprego	destruir o emprego de alguém
22	ò-bí-á à-síínì á mí bʲá 8-máquina IS pass estragar	estragar-se a máquina estragou-se
23	*ò-bí-a à-síínì (agramatical)	
24	ò-bér-é à-ntʃáɣí bater 8- palmas	bater palmas (aplaudir)
25	ò-bér-éŋ-é Ø-ŋgómò bater 7- tambor	bater tambor (batucar)
26	ò-pùùs-à	acordar
27	ò-pùsùŋ-à	acordar sozinho, despertar-se

28	ò-díís-á ò-díís-á à-mbàà apagar 8- luzes/fogos ò-díís-á Ø-lútú à-mbàà apagar 1- automóvel 8- luzes/fogos	apagar (fogo, luz) apagar fogos, luzes apagar os fogos/as luzes do carro
29	ò-dím-á	apagar-se (apagar sozinho)
30	ò-sùùs-à	pôr, colocar em algum lugar, descer algo
31	ò-sùùr-à	pôr-se (os pássaros, as aves)
32	ò-sùrùr-à	descer sozinho
33	ò-kl-à ò-kl-à máárí esfregar 8-creme ò-kl-à mv-úrù máárí esfregar 1-alguém 8-creme	esfregar passar, esfregar o creme passar o creme em alguém
34	ò-túm-á	mandar
35	ò-túm-á Ø-ndzìlá mandar 7- caminho ò-túm-á mv-úrù Ø-ndzìlá mandar 1-alguém 7- caminho	mandar fazer algo mandar alguém fazer algo
36	ò-píír-à ò-píír-à á-bjélé apertar 8- seios ò-píír-à ò-káásí à-bjélé apertar 1-mulher 8- seios	apertar, amassar com as mãos apertar os seios apertar os seios da mulher
37	ò-nùr-à ò-nùr-à mv-úrù ultrapassar 1- alguém ò-nùr-à mv-úrù Ø-ndzìlá ultrapassar 1- alguém 7- caminho	ultrapassar ultrapassar alguém ultrapassar alguém pelo caminho
38	ò-k ^j -à	cruzar, cortar
39	ò-k ^j -à à-ntɕwá cortar 8- palavra ò-k ^j -à mv-úrù à-ntɕwá cortar 1- alguém 8- palavra	responder mal, tratar mal verbalmente responder mal para alguém

40	<p>ò-tín-á ò-tín-á Ø-báyá ferir 8- faca ò-tín-á mv-úrù Ø-báyá ferir 1- alguém 8- faca</p>	<p>ferir (com lâmina) ferir (com a faca) ferir alguém com faca</p>
41	<p>ò-sàlàx-à ò-sàlàx-à Ø-ṅgáá curar 7- doença ò-sàlàx-à mv-úrù Ø-ṅgáá curar 1- alguém 7- doença</p>	<p>curar curar uma doença curar a doença de alguém</p>
42	<p>ò-láás-á ò-láás-á à-mfá vestir 8- trajes ò-láás-á mw-áná à-mfá vestir 1-criança 8- trajes</p>	<p>vestir vestir vestir a criança</p>
43	<p>ò-tɕàl-à ò-tɕàl-à Ø-báálá desfazer 7- casamento ò-tɕàl-à mv-úrù Ø-báálá desfazer 1- alguém 7- casamento</p>	<p>desfazer desfazer o casamento destruir o casamento de alguém</p>
44	<p>ò-dʒ^jàr-à ò-dʒ^jàr-à k^wúlú pisar 12-pé ò-dʒ^jàr-à mv-úrù k^wúlú pisar 1- alguém 12-pé</p>	<p>pisar pisar no pé pisar no pé de alguém</p>
45	<p>ò-swòl-ò ò-swòl-ò ò-wúnú reencontrar 12- machado ò-swòl-ò mv-úrù ò-wúnú reencontrar 1- alguém 12- machado</p>	<p>reencontrar algo perdido reencontrar o machado reencontrar o machado de alguém</p>
46	<p>ò-sèlèx-è ò-sèlèx-é bííbí arrumar 4-coisas ò-sèlèx-é bá-áná bííbí arrumar 2-crianças 4-coisas</p>	<p>concertar arrumar as coisas arrumar as coisas das crianças</p>

47	ò-dʒ ^j -á ò-dʒ ^j -á Ø-ndʒó rodear 7- casa ò-dʒ ^j -á mv-úrù Ø-ndʒó rodear 1- alguém 7- casa	demarcar (um campo...) rodear a casa ocupar a casa de alguém
48	ò-k ^w ús-à ò-k ^w ús-à Ø-dʒàà descobrir 7- problema ò-k ^w ús-à mv-úrù Ø-dʒàà descobrir 1- alguém 7- problema	flagrar alguém, descobrir algo escondido descobrir o segredo descobrir o segredo de alguém
49	ò-tààs-à ò-tààs-à Ø-ntʃimí perder 7- faculdade de pensar ò-tààs-à mv-úrù Ø-ntʃimí perder 1- alguém 7- faculdade de pensar	perder perder a faculdade de pensar, tornar-se idiota tornar alguém bobo
50	ò-dʒùùs-à ò-dʒùùs-à ò-jérí admirar 11- inteligência ò-dʒùùs-à mv-úrù ò-jérí admirar 1- alguém 11- inteligência	admirar, felicitar admirar a inteligência admirar a inteligência de alguém
51	ò-bìr-á mv-úrù ò jìlà dʒ ^j álá levar 1-alguém loc sobre 4-braços	levar alguém nos braços
52	ò-bìr-á mw-áná ò-jìlà é-ṅgùwò levar 1-criança loc sobre 4-costas	levar a criança nas costas
53	ò-bìr-á Ø-mp ^j è ò-jìlà Ø-dùxù levar 7-bolsa loc sobre 7-ombro	levar a bolsa no ombro
54	ò-bìr-á Ø-mp ^j è ò-jìlà ó-tʃ ^w í levar 7-bolsa loc sobre 3-cabeça	levar a bolsa sobre a cabeça
55	ò-bìr-á mw-ána ò-jìlà Ø-mwò levar 1-criança loc sobre 3-barriga	levar a criança sobre a barriga
56	ò-bìr-á mv-úrù ò dʒ ^j álá levar 1-alguém prep 4-braços	levar alguém pelos braços dele
57	òbìrá mwáná m' é-ṅgùwò ò-bìr-á mw-áná má é-ṅgùwò levar 1-criança prep 4-costas	levar a criança nas/pelas costas
58	ò-bìr-á Ø-mp ^j è ò Ø-dùxù levar 7-bolsa prep 7-ombro	levar a bolsa pelo/no ombro

59	òbìrá mp ^j è m'ótɕwí		levar pela/na cabeça
	ò-bìr-á Ø-mp ^j è mó ó-tɕwí		
	levar 7-bolsa prep 3-cabeça		
60	ò-bìr-á mw-ána ò Ø-mwò		levar na barriga
	levar 1-criança prep 3-barriga		

2- Provérbios

Na transcrição dos provérbios, da fábula e do conto, daremos na primeira linha (L1) o enunciado em *lembaama*, na segunda linha (L2), a segmentação morfológica; na terceira (L3), faremos a descrição gramatical e a tradução dos elementos do enunciado. Finalmente, na quarta linha (L4), daremos a tradução do sentido do enunciado em português.

I. Provérbios no presente

I.1. sem negação

1. 11.m'e³⁹ li ŋ'o ntɕjé ndz^jámí
 12. mɛ / e / li / ŋa / o / ø-ntɕjɛ / é / ø-ndz^jámí
 13. 1sg⁴⁰ / IS / estar/aqui / em / 7-terra / de / 1- Deus
 14. 'Estou na terra de Deus: ela pertence a todo mundo'
2. 11.maam'asó, o monɔ̃ ŋa ndz^jámí 'tudo depende de Deus'
 12. maami / asó / o / monɔ̃ / ŋa / ø-ndz^jámí
 13. 6-coisas / todas / IS / ver / com / 1- Deus
 14. 'Quem decide, é Deus: tudo depende de Deus'

I.2. com negação

1. 11.maam'obí ka ŋkwónɔ kalí ní
 12. maami / obí / ka / ø-ŋkwónɔ / kalí / ní
 13. 6-coisas / ruim/Neg / 7- família / não /Neg
 14. ' chatice não significa falta de parentes. Isto é, apesar de ter família, a pessoa pode ser ruim'
2. 11.okáás' a dʒɛ, a ka dʒá lesóʎó le pama ní
 12. o-káásí / a / dʒɛ / a / ka / dʒá / le-sóʎó / le / ø-pama / ní
 13. 1-mulher / IS / ir / IS / Neg / comer / 9-figado / de / 1- animal / Neg
 14. 'a mulher que vai-se embora, não vai comer o fígado da caça. Isto é, ela estará ausente no bom momento.'

³⁹ Na transcrições notamos apenas o tom alto. Como a língua tem dois tons (alto e baixo), na ausência do tom alto, temos o baixo.

⁴⁰ Abreviações: IS: índice sujeito sg: singular pl: plural IO: índice objeto Neg: negação Hab: habitual
loc: locativo Imp.: imperativo P.A.: Prefixo do Adjetivo Ideo: ideofone Con: conectivo
Subj: subjuntivo

II. Provérbios no passado

II.1. sem negação

1. 11. ndʒʲám'á sũmbí báári m'ékʷú
 12. ø-ndʒʲámí/ a / sũmbí / bá-árí / ma /é-kʷu
 13. 1- Deus /IS / criar-pass / 2 - pessoas/ por/ 4 -costumes
 14. 'As pessoas são viciosas por natureza. Isto é, não me censurem por nada. A culpa não é minha.'
2. 11. sáábé lé sũmb'akʲ' o mpár' é ndʒʲámí
 12. sáábé/ lé / sũmbí / a-kʲa / ó / ø-mpárí/ é / ndʒʲámí
 13. 1pl / IS / fabricar-pass/ 8-redes/ com/ 7-força / de/ Deus
 14. 'Fizemos as redes graças à força de Deus. Isto é, a sabedoria dos velhos vem de Deus'
3. 11. mwáná ndí: "me vlí táár' andʒ' otʃuá", ɲáá m' akʷlí ndɛ na tʃuí
 12. mw-áná / ndí / mɛ/ e / vlí / Ø-táárá/a-ndʒó/ otʃuá// ɲáá/ ma / a/ kʷlí/
 13. 1-criança/dizer-pass/1sg/ IS/ ultrapassar-Pass/1-pai/ 8-casas/construir// mas/aquela/IS/ parir-pass/
 12. ndɛ/ na / a / tʃuí
 13. 3sg /quem /IS / construir-Pass
 14. O filho disse: 'construí mais casas que meu pai. Mas quem construiu aquela onde ele nasceu ? Isto é, nunca se deve menosprezar os velhos'

II.2. com negação

1. 11. m'é ló ní kwóʋó, ka mé jáví ní
 12. mɛ /é / ló /ní / kwóʋó / ka / mɛ /é / jáví / ní
 13. 1sg/ IS/ pôr-pass/apenas / 12-braço/ Neg / 1sg / IS /pegar-pass/ Neg
 14. 'só pus o braço, não peguei. Isto é, só perguntei, não pretendo fazer-lo'

II.3. Provérbios com presente + passado

1. 11. otʃʷí ʋó lwóró mvuur' a ndé ʋá móní
 12. o -tʃʷí /ó / Ø-lwóró / mv-uuru / a / ndé / á / móní
 13. 3-cabeça/IS / 7- sonhar / 1- pessoa / que/ 3sg / IS / ver-pass
 14. 'a cabeça só sonha com quem ela viu. Isto é, pensa-se primeiro em quem encontramos'
2. 11. mpur' akaas' elíbí, abalax' elíbí, ojérí ɲgwuxá mɛ, mvuur' a mpí m'opiri bla lentʃúxú
 12. Ø-mpuru/ a-kaasí /e-líbí /a-balaxa / e-líbí //o-jérí / Ø-ɲgwuxú/ a/ mɛ
 13. 7- vila / 8- mulheres / 4-bandidas/2-homens / 8-bandidos// 12- inteligente/7-plantação/ de/ 1sg
 12. mv-uuru / a / mpí / mɛ / o-piri / bla / le-ntʃúxú
 13. 1-pessoa / IS / dar-Pass / 1sg / 3- vegetal /com / 9- fruta
 14. 'Numa vila onde as mulheres são bandidas, os homens bandidos, é inteligente minha mãe, a que me deu mandioca e frutas. Isto é, ela cuida de mim. Sem ela não haveria ninguém'

II.3.1. na forma negativa

1. 11. me ʋi dʒɛ bla ɲ'okó ní, mɛ ndɛ ʋo ma ʋé sá
 12. me / ʋi/ dʒɛ/ bla/ ɲa/ o-kó/ ní/ mɛ/ ndɛ/ ó / ma / e/ sa
 13. 1sg/neg / ir / com /com/ 1-sogro/neg/ 1sg/ 3sg / o que /que / IS/ fazer
 14. 'por que não posso ir com meu sogro ? O que que eu faria para ele ? Isto é, não ganho nada brigando com ele'

II.4. Provérbios com passado + presente

- 1.11. $\text{a}\text{ṅkaam}'\text{avwúlí mwórí mó sasi, mpu}\text{ṽe mvúúr}'\text{od}\text{ṽe mó tí}\text{ṽá ṅkwóno}$
12. $\text{a-ṅkaami/ a /vwúl-í} \quad / \emptyset\text{-mwórí/mó /o-sasi/ } \emptyset\text{-mpu}\text{ṽu} \quad /$
13. 2-formigas/ IS / atravessar-**pass**/ 1-rio /loc /12-corda/ 7- vila /
12. $\text{e /mv-úúru/ o / d}\text{ṽe} \quad / \text{mó /o / tí}\text{ṽá / } \emptyset\text{-ṅkwóno}$
13. $\text{de/ 1-pessoa / IS/ ir} \quad / \text{com / IS / falar} \quad / \text{7-família}$
14. 'formigas atravessaram o rio graças a uma corda, só se pode entrar na casa de alguém falando com um parente dele. Isto é, nunca se pode esquecer que há intermediários'

III. Provérbio expressando o habitual

III.1. Habitual sem negação

1. 11. $\text{m}'\text{ákwaa báári, m}'\text{ásiilaa báári}$
12. $\text{ma} \quad / \text{á / kw-aa} \quad / \text{bá-ári} \quad / \text{ma / á / siil-aa/ bá-ári}$
13. quem / IS / morrer-**Hab**/ 2-pessoas/ quem/IS / ficar- **Hab**/ 2-pessoas
14. 'nasce gente, morre gente e a vida continua'. Isto é, há sempre gente na terra.

III.2. Habitual com negação

1. 11. $\text{nd}\text{ṽ}^{\text{j}}\text{ám}'\text{á ka d}\text{ṽiáá bííla ní, nd}'\text{ó d}\text{ṽ}'\text{étímá}$
12. $\emptyset\text{-nd}\text{ṽ}^{\text{j}}\text{ámí/ a/ ka/ d}\text{ṽi-áá} \quad / \text{bííla/ ní} \quad / \text{ndé/ o/ d}\text{ṽá/ é-tímá}$
13. 1- Deus / IS/ **Neg**/ comer-**Hab**/4-comida/ **Neg**/ 3sg/ IS/ comer/4-corações
14. 'Deus quer homens, não quer oferendas deles (que são destinadas aos antepassados)'

IV. Provérbios no futuro⁴¹ do subjuntivo

IV.1. sem negação

- 1.11. $\text{okér}'\text{o jélé nt}\text{ṽ}^{\text{j}}\text{úlú, o ṅgulu, mwán}'\text{o jélé táárá, ojí}\text{ṽa}$
 12. $\text{o-kérí} \quad / \text{o / jélé} \quad / \emptyset\text{-nt}\text{ṽ}^{\text{j}}\text{úlú} \quad / \text{o-ṅgulu} \quad / \text{mw-áná} \quad /$
 13. 3- rio / IS/ faltar / 7- nascente / 3- lago / 1- criança/
 12. $\text{o / jélé} \quad / \emptyset\text{-táárá} \quad / \text{o-jí}\text{ṽa}$
 13. IS/ faltar / 1- pai / 12- escravo (a)
 14. 'um rio sem nascente é um lago, uma criança sem pai, um escravo. Isto é, ele(a) será infeliz'. Seria algo como 'se um rio não **tiver** nascente, é um lago. Uma criança que não **tiver** pai será escravizada'
- 2.11. $\text{o k}^{\text{w}}\text{li} \quad \text{yo lo kalí}\text{ṽí ṅk}^{\text{w}}\text{ús}'\text{o sá buni}$
 12. $\text{o -k}^{\text{w}}\text{li} \quad / \text{o / lo kalí}\text{ṽí/ } \emptyset\text{-ṅk}^{\text{w}}\text{úsá/ ná} \quad / \text{o-leli}$
 13. 1-mãe biológica/ IS / **abandonar** / 7- abandono / com/ 1-babá
 14. 'se a mãe biológica abandonar, imagine o que poder acontecer com a babá!?'
Isto é, nada vale a mãe '
- 3.11. $\text{obuyá na táárá we na ṅwú}\text{ṽú}$
 12. $\text{o-buyá} \quad / \text{na} \quad / \emptyset\text{-táárá} \quad / \text{we} \quad / \text{na} \quad / \emptyset\text{-ṅwú}\text{ṽú}$
 13. 12-amizade / com/ 1- pai /2sg / com/ 1- mãe
 14. 'amizade com o pai enquanto tiver uma mãe. Isto é, você é bem tratado graças a ela'

⁴¹ O futuro pode também ser expresso pelo presente. Isto é, pela ausência de marcas de tempo.

- 4.11.ntʃʲájí ɲgúxú kʷúmí : obí, o jélé na ɲgúxú na ntʃʲájí
 12. Ø-ntʃʲájí / a-ɲgúxú / kʷúmí/ o-bí / o /jélé / na /
 13. 1-órfão / 2- mãe / dez / 11-feiura / IS /faltar / com /
 12. Ø-ɲgúxú / na / Ø-ntʃʲájí
 13. 1- mãe / com/ 1-órfão
 14. ‘o órfão tem dez mães: se o mal não vier das mães virá do órfão. Isto é, ele é ruim por que há muita gente para cuidar dele’

- 5.11.m’ otʃʷí dzʲélé, o jélé tóxí ɲntʃʲá
 12. ma / o-tʃʷí / dzʲélé / o / jélé / Ø-tóxí / a-ntʃʲá
 13. loc / 3-cabeça / dois / IS /faltar / 7-sangue / 8- lágrimas
 14. ‘na cabeça há duas coisas: se não for sangue são lágrimas. Isto é, com ventosas, ou tira-se sangue e a gente fica curado, ou então a gente morre e então, há lágrimas’

- 6.11.lekʷú le kísá ɲgwúxú, a lil’ a wí
 12.le -kʷú/le / kísá / Ø-ɲgwúxú / a-lili / a / wí
 13.9-morte / IS / enganar/ 1- mãe / 2- chorões / IS / acabar
 14. ‘se a morte não encontrar a mãe, não haverá mais chorões. Isto é, se a mãe não falecer, ninguém vai chorar’

- 7.11.ɲkér’ o láámá, w’ o jós’ akó, bííla m’ olúmá ndé
 12. Ø-ɲkérí/o /láámá / wε / o / jósó / a-kó / bííla /mo’ / o-lúmi/ á /ndε
 13. 1-irmã / IS / cozinhar/ 2sg / IS / cozinhar/ 7-bananas/4-comida/Con-de/1-marido/Con- de/ 3sg
 14. ‘quando a sua irmã for cozinhar, e se você cozinhar bananas, a comida é do marido dela. Isto é, é preciso que os membros de uma família se ajudem entre eles’

IV.2. com negação

- 1.11.ndzʲám’otumá mvúúru ndzilá nd’ó búún’obsá j’ó mpárí ní
 12.Ø-ndzʲámí/o /tumá /mv-úúru/Ø-ndzilá/ndé/o /búúna/o /bsá / jó/ o /Ø-mpárí/ ní
 13. 1- Deus / IS /mandar/1-pessoa /7-caminho /3sg / IS/ poder / IS / recusar/I.O/ pela / 7- força /Neg
 14. ‘Se Deus mandar alguém fazer algo, a pessoa não pode recusar pela sua própria força. Isto é, não se pode resistir a Deus’

- 2.11. táár’o kʷá wo líl’ abux’ a táárá, k’a wε ní
 12. Ø-táárá / o / kʷá / wε / o / líl-í / a-buxá /a/Ø-táárá /ká / a / wε / ní
 13. 1- pai / IS / morrer/ 2sg / IS / chorar-pass/ 2-amigos / de/ 1-pai / Neg/ de / 2sg /Neg
 14. ‘se seu pai falecer, chore pelos amigos dele, não chore pelos seus. Isto é, os amigos do seu pai não são seus.’

- 3.11.okar ó sébé ndzal’ olúmí, obol’ o nd’ ɲɲkúlúka molúmí ní
 12.o -karí / ó / sébé / Ø-ndzala / o-lúmí / o-bolo / o/ ndé/
 13.1-esposa / IS /rir / 7- fome / 1-marido/ 1-preguiça/ de / 3-sg /
 12.ɲɲkúlú /ká / mo / o-lúmí / ní
 13.mesmo (a) / Neg / de / 1- marido / Neg
 14. ‘a mulher que rir da fome do marido, ri da preguiça dela mesma. Isto é, ela puni a se mesma’

- 4.11.w' o mɔn' ok^wúúrú ŋ' amvu, wo mpí nd' atíbí, amvú máá ko jérí ní
 12. wɛ / o / mɔnɔ / o-k^wúúrú / ŋa / a-mvu / wɛ / o / mpí /
 13. 2sg / IS / ver / 1- velho / com / 6- cabelos brancos/ 2sg / IS / dar- subj/
 12. ndé/ a-tíbí / a-mvú / máá / ka / o-jérí / ní
 13. 2sg/ 8-conselhos/ 6-cabelos brancos/Neg / 11-inteligência/ Neg
 14. 'se você encontrar um velho de cabelos brancos, dê-lhe conselhos: aqueles cabelos brancos não são sinônimo de sabedoria. Isto é, os mais velhos também podem ser aconselhados'

V. Provérbios no futuro do subjuntivo + imperativo

V.1. sem negação

- 1.11.abux' á tʃwól' ɔ̀kérí' a wɛ, wɛ mbri: "mpá m' okáí?"
 12. Ø-buxa /á / tʃwóló / Ø -kérí/a / wɛ / wɛ / mbri/ mpá / mɛ/ o-káí
 13. 1-outro /IS / cortejar / 1-irmã / con-de / 2sg / 2sg / dizer / **Imp-dar**/ 1sg/ 1-mulher
 14. 'Se outra pessoa cortejar a sua irmã, será que você vai dizer: "dê-me a mulher ?" Isto é, um jovem que corre atrás das mulher é infeliz e nunca casar-se-á.'

V.2. com negação

- 1.11.ntʃ^jáj' o sííla bla wɛ, w' o mpí ndé biila, ka mpáá ndé maami ní
 12. Ø-ntʃ^jájí/ o / sííla / bla / wɛ // wɛ / o / mpí / ndé / biila //
 13. 1-órfão /IS / morar / com / 2sg / 2sg / IS / dar-**Imp**/ 3sg / 4-comida //
 12. ka / mpáá / ndé / maami/ ní
 13. **Neg**/ dar – Imp./ 3sg / 6- coisas/ **Neg**
 14. 'se deixarem um órfão contigo, dê-lhe comida. Não lhe dê lenga-lenga! Isto é, é uma regra de solidariedade. Não prejudique-o!'

V.3. com negação + habitual

- 1.11.wɛ na mwáná ɔ̀kérí, ka tuxáá ɔ̀gúxú balaxa ní
 12. wɛ / na / mw-ánáɔ̀kérí/ ka / tux-áá / Ø-ɔ̀gúxúbalaxa / ní
 13. 2sg/ com/ 1- sobrinho / Neg/ **insultar-Hab**/ 1- tio / Neg
 14. 'se você tiver um sobrinho, não tenha costume de insultar o seu tio. Isto é, você pode ser a próxima vítima'

VI. Provérbio no imperativo presente + presente do indicativo com negação

- 1.11. dʒá, odʒá ɔ̀o wɛ, obáxá báxí k' on' ové ní
 12. dʒá / o-dʒá / o / wɛ // o-báxá / ka / o-n^wá / o-vé / ní
 13. comer -**Imp**/ comer / con-de / 2sg // receber / **Neg** / 3- boca / 3- bom / **Neg**
 14. 'coma sua própria refeição; se isso for o que recebeu, a boca não é boa. Isto é, só se curte realmente, aquilo que recebemos pelo próprio esforço'

3- Fábulas mbaama : o ferreiro e a tartaruga

1.11. ot^wlí blá nkrú

12. o-tulí / blá / Ø-nkrú

13. 1-ferreiro/ com / 1-tartaruga

14. 'O ferreiro e a tartaruga'

2.11. mvur' akiíí m' osí. nd' ákí otulí.

12. mv-uru / a/ kíí / má / o-sí / ndé / a / kí / o-tulí

13. 1-pessoa/ IS/ ficar-**Pass-Hab**/ loc / 12-país/ 3sg / IS / ser-**pass**/ 1-ferreiro

14. 'Num país, vivia um homem que era ferreiro'

3.11. ndé ña báár' ásíísó ndí

12. ndé/ ña / bá-ári/ á-síísó / ndí

13. 3sg/ com/2-pessoas/ 2-todas / dizer que-**pass**.

14. 'Ele disse a todas as pessoas que'

4.11. ntin' é me ré t^wlá, m' ówóßó ña mvuru ní m' ótulá pí.

12. Ø-ntini / é / me/ é/ tulá/ me/ o/ wóßó/ ña / mv-uru/ ní/ me/ó / tulá/ pí

13. 7-momento/ que/ 1sg/ IS/ forjar/ 1sg/ IS/ falar / com /1-pessoa/ **Neg**/ 1sg/ IS /forjar/quieto

14. 'quando forjo, não falo com ninguém. Forjo quieto'

5.11. nguj' ódzí ña ñkóssó, nd' ót^wlí. nguj' ó vrívi.

12. Ø-ngujá/ó/ dzí / ña / Ø-ñkóssó/ ndé/ ó / tulí / Ø-ngujá/ ó/ vrívi

13. 1-javalí / IS/ vir-**pass**/ com/ 7-ferro / 3sg / IS /forjar-**pass**/1-javalí / IS/ voltar-**pass**

14. 'o javali trouxe o ferro, ele forjou. O javali voltou'

6.11. bimb' ódzí ña ñkóssó nd' ót^wlí pí, nd' ówóßó ní.

12. Ø-bimba /ó/ dzí / ña / Ø-ñkóssó/ ndé/ ó/ tulí/ pí/ ndé/ ó/ wóßó/ ní

13. 1-antelope1 / IS/ vir-**pass**/ com/ 7-ferro / 3sg / IS/ forjar-**pass**/ 3sg / IS / falar / **Neg**

14. 'O antelope1 trouxe o ferro, ele forjou quieto, ele não falou'

7.11. osb' ódzí ñkóssó, nd' ót^wlí pí, nd' ówóßó ní.

12. o-sibí / ó / dzí / ña / Ø-ñkóssó/ ndé/ ó/ tulí / pí / ndé/ ó/ wóßó/ ní

13. 12-antelope2/ IS/ vir-**pass**/ com/ 7-ferro / 3sg / IS/ forjar-**pass**/quieto/3sg / IS/ falar / **Neg**

14. 'O antelope2 trouxe o ferro. Ele forjou quieto, ele não falou'

8.11. apam' ásíísó, adzí ñ' ñkóssó, mpíl' é ndé, nd' ótulí pí.

12. a-pama/á-síísó/a/ dzí / ña/ a-ñkóssó/ mpílí/ é/ ndé/ ndé/ ó/ tulí/ pí

13. 2-animal/2-todos/ IS/ vir-**pass**/ com/ 8-ferros/ loc / con.-de / 3sg/ 3sg/ IS/ forjar-**pass**/ quieto

14. 'Todos os animais trouxeram ferros para ele. Ele forjou quieto'.

9.11.nd'ówóβó ña bó ní.

12.ndé/ ó/ wóβó/ ñá / bó / ní

13.3sg/ IS/ falar / com / 3pl / Neg

14. 'ele não falou com eles'

10.11.ña mba, tʃúʔú le mó, ñkrú odzí ña ñkóso mó ntú, mpil' ótulí.

12.ña mba/Ø-tʃúʔú/ mó/ Ø-ñkrú /o/dzí/ña /Ø-ñkóso /mó /ntú/ mpilí/ó-tulí

13.Então / 7-dia / um/1-tartaruga /IS/ vir-pass/com/7-ferro/ um/ só / loc. /1-ferreiro

14. 'Então, um dia, a tartaruga trouxe um ferro só para o ferreiro'

11.11.ñkrú ña ndé ndí w'otulá m'ówúnú, w'otulá me ʔopímí

12.Ø-ñkrú / ña/ ndé/ ndí /we /ó/tulá /me /o-wúnú /we /ó/tulá /me/o-pímí

13.1-tartaruga/com/3sg/dizer-pass/2sg/IS/forjar-subj/1sg/7-machado/2sg/IS/forjar-subj/1sg/7-enxada

14. 'A tartaruga disse a ele: me forje um machado e uma enxada'

12.11.w'ot^wlá me ndzuú, w'ot^wlá me ñgmá, w'ot^wlá me sórí,

12.we /o /tulá/ me/ Ø-ndzuú/ we/ ó/tulá/ me/ Ø-ñgmá/ we/ ó/tulá/ me/ Ø-sorí

13.2sg/IS/forjar-subj/1sg/7-panela/2sg/IS/forjar-subj/1sg/7-facão /2sg/ IS/ forjar-subj/1sg/7-agulha

14. 'me forje uma panela, me forje um facão, me forje uma agulha'

13.11.w'ót^wlá me bar' é níní, w'otulá me bar' é ñk^jéyé,

12.we /o /tulá/ me/Ø-bárá/é-níní/ we/ ó/ tulá /me /Ø-bárá/é-ñk^jéyé

13.2sg/IS/forjar-subj/1sg/7-faca/P.A-grande/2sg/IS/forjar-subj/1sg/7-faca / P.A-pequena

14. 'me forje uma faca grande, me forje uma faca pequena'

14.11.w'otulá me ndzuú á káá

12.we /o /tulá / me/ Ø-ndzuú/ á /a-káá

13.2sg/ IS/ forjar-subj / 1sg/ 7-panela /con.-de/ 8-tabaco

14. 'me forje um cachimbo'

15.11.ña mbaa, ot^wl' ó késí ñkrú pubúbú.

12.ña mbaa/ o-tulí / ó / késí / Ø-ñkrú / pubúbú

13.Então / 1-ferreiro / IS / olhar-pass / 1-tartaruga / ideo⁴²

14. 'Então, com grande surpresa, o ferreiro olhou para a tartaruga'

16.11.ot^wl'ákan' ás^jélí.

12.o-tulí/ a-kaní / á / sjélí

13.1-ferreiro/ 8-recursos / IS / parar-pass

14. 'O ferreiro não sabia o que fazer'

⁴² Ideofone que indica a surpresa

17.11. ndé ɲa ɲkrú ndí ɲkós' é wɛ dʒi, ti mó ntú,

12. ndé/ ɲa/ Ø-ɲkrú / **ndí** / Ø-ɲkós/ é / wɛ/ dʒi/ ti/ mó / ntú

13. 3sg/ com/ 1- tartaruga/ dizer-**pass**/ 7-ferro / con-de/ 2sg/ este / é / um / só

14. 'Ele disse para a tartaruga que: este teu ferro é um só'

18.11. wɛ mbri m' ét^wlá w' owúnú ,

12. wɛ / mbri/ mɛ/ **é** / **tulá** / wɛ / o-wúnú

13. 2sg/ dizer/ 1sg/ **IS** / **forjar-subj**/ 2sg/ 7-machado

14. 'você quer que eu te forje um machado'

19.11. ɲa ɲopíímí, ɲa dʒwó, ɲa ɲgmá, ɲa sorí, ɲ' a báɣá muélé,

12. ɲa / o-píímí/ ɲa / Ø-dʒwó / ɲa / Ø-ɲgmá / ɲa/ Ø-sorí/ ɲa/ a-báɣá/ mu-élé

13. com/ 7-enxada / com/ 7-zagaia / com / 7-machete/ com/ 7-agulha/ com/ 8-faca / 8- duas

14. 'com uma enxada, uma zagaia, um machete, uma agulha, duas facas'

20.11. ɲa ndʒw' á káá,

12. ɲà / Ø-ndʒuú / á / à-káá

13. com / 7-panela / con-de / 8-tabaco

14. 'com cachimbo'

21.11. b^já bííb' ésíísó m' ot^wlá wɛ dʒó búni

12. b^já / biibí/ e-síísó/ mɛ / ó / **tulá** / wɛ / dʒó / búni

13. aquelas/ 4-coisas/ 4-todas / 1sg / **IS** / **forjar-subj**/ 2sg/ elas / como

14. 'como você quer que eu te forje tudo isso?'

22.11. ɲkrú ɲa ndé ndí mɛ duɣí wɛ vuá, mbaa, mé juɣí ndí ,

12. Ø-ɲkrú / ɲa / ndé/ **ndí** / mɛ / e/ duɣí / wɛ/ vuá/ mbaa/ mé/ e/ juɣí / ndí

13. 1-tartaruga/ com / 3sg / dizer-**pass**/ 1sg/ **IS**/ dizer-**pass**/ 2sg/ isso/ porque/ 1sg/ **IS**/ ouvir-**pass**/ dizer que

14. 'A tartaruga disse para ele: ' te disse isso porque ouvi dizer que'

23.11. w' á ka wóβóó ɲa báári ní

12. wɛ / á / **ka** / wóβóó / ɲa / bá-ári / **ní**

13. 2sg / **IS** / **Neg** / falar-**Hab** / com / 2-pessoas / **Neg**

14. 'você não costuma falar com pessoas'

24.11. ɲá w' omí wóβó dʒaa lé mí wá

12. ɲá / wɛ / o / **mí** / wóβó / dʒaa / lé / **mí** / wá

13. mas / 2sg / **IS** / **pass**/ falar / 4-problema/ **IS** / **pass** / acabar

14. 'Mas como você já falou, acabou o problema'

ANEXOS

Classificação genética das línguas africanas do tronco Nigero-Congolês ao grupo banto
(cf. Williamson & Blench, 2000)

MAPAS

(1) MAPA DAS LÍNGUAS DA GRANDE FAMÍLIA NIGERO-CONGOLESA

(cf. Williamson & Blench, 2000)

(2) Mapa que apresenta o grupo Benuê-Congo e seu subgrupo Banto

(cf. Nurse & Philippson, 2003:2)

(3) LÍNGUAS BANTAS CLASSIFICADAS EM GRUPOS

(cf. Yvonne Bastin, 1978)

(5) PRINCIPAIS LÍNGUAS DO GABÃO (cf. Michel Voltz, 1989)